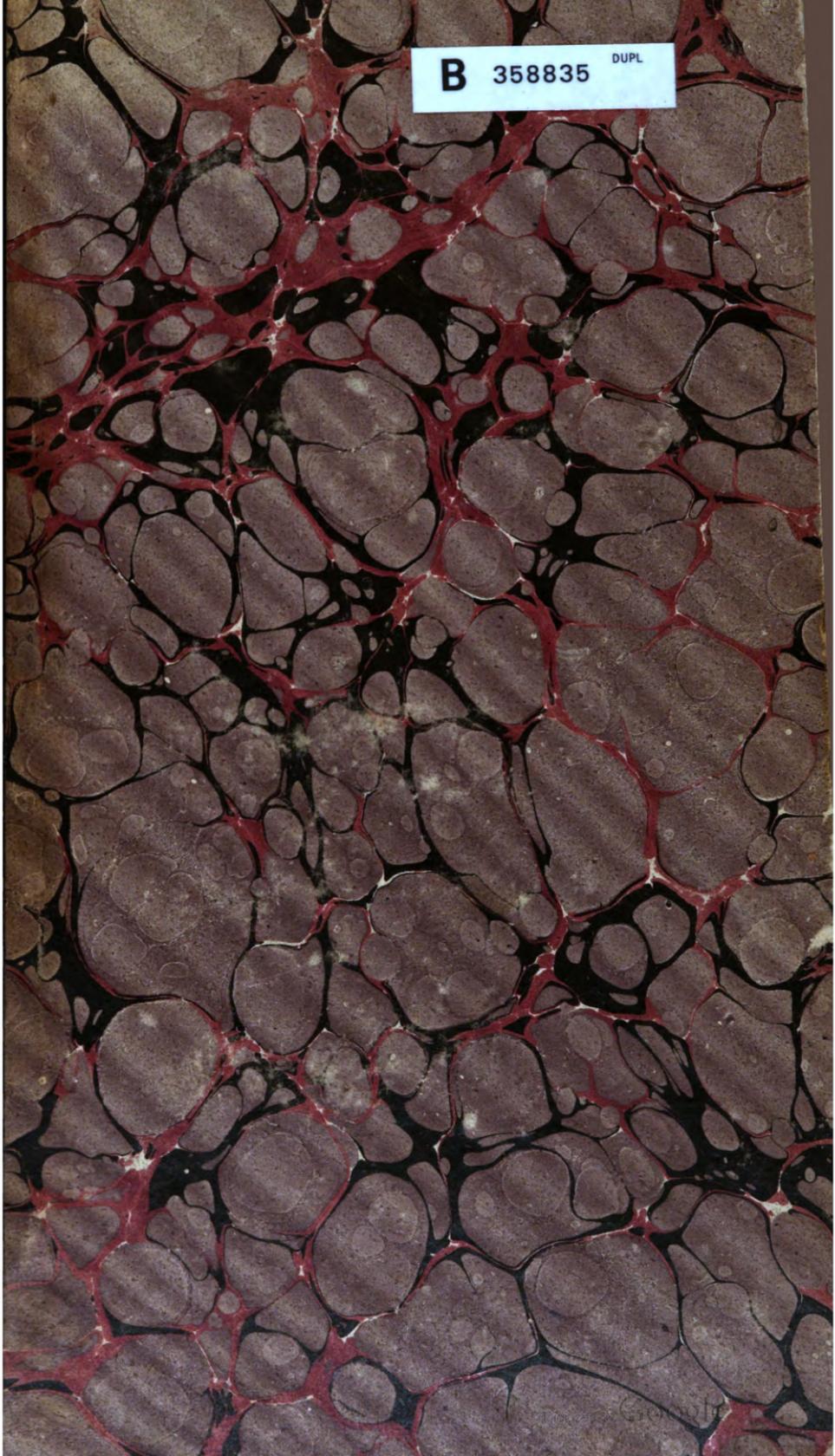


**B** 358835 DUPL



PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS





# NOVAS POESIAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES,

ACOMPANHADAS

DE

UM JUIZO CRITICO

DE

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.



PORTO,

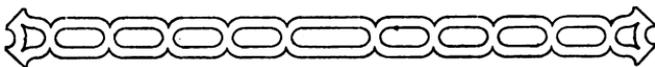
NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,  
Praça de Santa Thereza, n. 28 a 30.

1858.

269.8

X32

1858



## PRETENÇÕES.

Eu suspeito, que a gente de algum dia  
 Recusava metter-se na Poesia,  
 Julgando que o entrar em tal empresa  
 Pendia de uma certa natureza,  
 Que se dava em rarissimos sujeitos.  
 Velhice! os nossos cá vão mais direitos;  
 Não olham se ha, ou não, veia discreta,  
 Quem lhe deu na cabeça foi poeta.

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO.

Quero tambem ser poeta,  
 Bem pouco, ou nada, me importa  
 Se a minha veia é discreta,  
 Se a via que sigo é torta :  
 Depois de ter dito — « quero » —  
 Sou Alexandre, no fogo,  
 Contra os criticos sou Nero,  
 Tente, embora, o mais austero  
 Suffocar-me o desaforo ;  
 Se hei-de ser segundo Homero,  
 Se hei-de ser outro Virgilio,

Lá no futuro, um concilio  
Dará decisão: — famosa,  
Se os versos que fazer tento  
Não forem rasteira prosa!

Mas eu quero — e n'um momento,  
Se não sei pulsar a lyra,  
Lanço hoje mão da bandurra:  
— Se o Pegaso se retira,  
Eu monto na minha burra,  
Que, por ser fêmea, me inspira!  
E assim, com todo o espavento,  
Dou entrada no Parnaso,  
Direito como um sargento,  
Sendo inda soldado raso;  
Mas não faça o povo caso,  
Deixe andar o disparate,  
Que eu dou vivas á poesia,  
Porque é moda, hoje, o ser vate,  
E eu sigo a moda do dia,  
Sem me importar a massada  
Do critico impertinente,  
Que, de venta arreganhada,  
Vae mordendo em toda a gente!

Que me chamem parvo ou tólo,  
Ou bruto pretencioso,

Não me dá isso cuidado,  
Porque não sou cuidadoso ;  
Nem temo que, em resultado,  
Me dê voltas o miôlo,  
Quando alguém de mim se ria :  
— O que fôr envergonhado  
Não deve dar-se á poesia !

Não vêmos nós quem, por vicio,  
Faça, oppondo guerra a tantos,  
Movendo muito bulicio,  
Poemas em muitos cantos ?  
O poeta é baptisado  
Com diffamante appellido ;  
Mas que tem ser caçoadado  
Em quanto o livro é vendido ?  
E que importa que alguém visse  
Em tal obra uma pedrada  
Nas bochechas do bom senso ?  
A gente que assim o disse,  
Talvez d'inveja ralada,  
Não fôra, segundo eu penso,  
Por obra bem acabada  
Capaz de dar o seu *pinto* :  
— É certo — digo-o com mágoa —  
Que ha pateta que bebe agoa,  
Lava os pés com vinho tinto,

E suppõe que tem juizo,  
Como esse que, d'improviso,  
Se faz grande heroe na asneira,  
E, sendo um pobre pateta,  
Ganha, por esta maneira,  
O bom nome de *poeta*!

Embora um vate canhoto  
Dos loucos augmente a lista,  
Seja cysne ou gafanhoto,  
Não encontra quem resista  
Dos seus versos á leitura,  
Que diverte, inda que é dura!  
Chamam-lhe grande maluco,  
E o ratão não dá cavaco;  
Dizem que, no canto, é cuco,  
E o *cysne* faz-se macaco,  
E assim vae tirando succo  
Da cheia têta d'asneira!  
Além d'esta piolheira  
De tolos de grande vulto,  
Muitos tolos inda temos,  
A que os tolos prestam culto,  
Porque a si se não conhecem;  
E é por isso que nós vemos  
Que, em toda a parte, apparecem  
Poetas improvisados:

— Ou no jornal, ou no outeiro,  
Uns aos outros encostados,  
Com pasmo do mundo inteiro,  
Ao Parnaso vão trepando,  
E, inda que vão mascarados,  
Mal, ou bem, lá vão entrando;  
E ha cabeças sem miólo,  
Ha muitos corpos sem almas,  
Que se, em verso, falla um tolo,  
Dão logo bravos e palmas!

Esta certeza me anima  
A lançar mão do badalo;  
— Badalando ao som da rima,  
Se não fôr cysne, sou gallo;  
— Cantarei á meia noite,  
Aos vates hora propicia;  
— Como não vem fero açoite  
Castigar essa estulticia,  
Livrementemente desabafo,  
Sem dar ao resto importancia;  
Que, só para me vêr safo  
D'esta negra obscuridade,  
Saberei ter a constancia  
De alarmar uma cidade  
Contra os meus muitos escriptos,  
Como se eu fôra uma empada,

E òs meus criticos mosquitos,  
Todos com fome damnada :  
— A coragem é precisa  
Ao vate, como ao guerreiro ;  
A este para ter gloria,  
A aquelle, se arma ao dinheiro,  
Por não andar sem camisa !  
A satyra é uma historia,  
E historia da carochinha ;  
Quem da satyra faz caso  
Na miseria se define !  
— N'este ardor em que me abraso,  
Eu já digo á fama : — « és minha ! »

Darei cantos ás donzellas,  
Ás viuvas darei cantos,  
Ás velhas chamarei bellas,  
Aos diabos chamarei santos:  
Cantarei mimosas flores,  
Cantarei urze e carqueja,  
Cantarei doces amores,  
Causando aos vates inveja :  
E gastando em cada canto  
Meia pipa de ternura,  
Conceder-me-hão, com espanto,  
Ou grande engenho, ou loucura !

A Patria, velha e cançada,  
Ha-de, tambem, dar-me assumpto,  
De versos para a fornada,  
Mais gorda que um caldo d'unto,  
Mais viçosa que sallada!  
E quando o povo, inflammado,  
Der vivas ao grande vate,  
— O povo que, de seu lado,  
Divinisa o disparate,  
Só por vél-o acompanhado  
De parvo, longo cortejo —  
N'esse instante afortunado  
É cumprido o meu desejo.  
= Quando digo que é *cumprido*,  
*Cumpriu-se* — digo sómente;  
Não digo que — *não é curto*,  
Como lerá certa gente,  
Que tendo, embora, entendido,  
Ao bom senso faz um furto,  
Por ferrar, depois, o dente. =

Então farei, como é justo,  
A todos mil cumprimentos,  
Que é só assim que, sem custo,  
Podem pagar os *talentos*;  
É certo que, se o dinheiro  
Abre ao inferno o caminho,

Quem tem de vate a mania,  
Morrendo como um carneiro,  
Vae para o ceo direitinho ;  
E, tambem, erro seria  
Não subir ao ceo rotundo,  
Quem, no fogo da poesia,  
Teve o inferno n'este mundo :  
— Inferno de desalentos,  
De torturas incessantes,  
De fartura de tormentos,  
De fome de consoantes,  
De mordeduras nas costas,  
De incenso pôdre nas ventas,  
De aviltadoras propostas,  
De muitas cousas nojentas,  
De paixões mal empregadas,  
De attribuidas asneiras,  
De illusões aniquiladas,  
De.... cotão nas algibeiras.

**SONHO.**

SONETO.

Era alta noite, e, livre de cuidados,  
Entre lençoes grosseiros, eu sonhava  
Que um parente morrêra, e me deixava  
A herança de seiscentos mil cruzados!

Já buscavam servir-me cem criados,  
Já da terra a nobreza me cercava,  
Já cada qual um dote me encontrava,  
Viam todos em mim mil predicados!

Jurei, curvado ás leis da natureza,  
Crear dous hospitaes, um lazareto,  
E de mim separar toda a grandeza :

Acordei!... mas não falto ao que prometto;  
Disponha quem quizer d'essa riqueza :  
— O sonho não deu mais que este soneto!

**EPIGRAMMA.**

Uma creança innocente  
A um padre « papá » chamava,  
E a mãe — do marido ausente —  
Com a creança ralhava :

Castiga o marido, um dia,  
Do innocente a singeleza,  
E brada o padre, que o via:  
« Deixe obrar a natureza ! »

## BOAS FESTAS.

### SONETO.

Recebe este voto, amigo,  
Que eu, fiel ao uso antigo,  
Quiz trazer-te n'este dia,  
Em poucos versos singelos.  
Qualquer os fará mais bellos,  
Ninguém tam d'alma os faria.  
GARRETT—*Folhas caídas.*

Boas festas vou dar-te, caro amigo,  
Sem nada te enviar, que dês ao dente ;  
E bem sei que uso foi d'antiga gente  
N'este dia levar mimos comsigo.

Eu mais tarde nasci ; mas se comigo  
O *methodo* não trouxe, hoje vigente,  
Não posso, despresando *uso* presente,  
Generoso, seguir costume antigo :

Os, da fortuna, bens que eu desejava,  
E meus podiam ser, vejo-os dispersos  
Por mãos que, n'outro tempo, a lei cortava...

Fiquemos ambos, pois, em mágoa immersos :  
— Eu, por não poder dar-te o que então dava,  
Tu, porque mais não tens, nem comes versos.

## **PORQUE SERÁ?**

Mas que muito, se ha gente, e gente grave,  
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

BOCAGE — *Fabulas.*

Porque será que os poetas,  
Se não todos, grande parte,  
Só fazem versos por arte,  
Com lamurias indiscretas?  
— É porque são uns patetas,  
Sem instrucção, nem talento;  
E como do sentimento  
Dizem que nasce a poesia,  
Porque elle os não auxilia,  
Recorrem ao fingimento.

Porque será que os doutores,  
Á cabeceira do enfermo,  
Discursos fazem sem termo,  
Com termos atroadores?  
— É porque são impostores,

Porque a sciencia é impostura ;  
E é mister que a creatura,  
Que os chama, nunca os entenda,  
Do contrario foge a renda,  
Morre a fama, antes da cura.

Porque será que as gazetas,  
Tendo espias vigilantes,  
Só dão aos seus assignantes,  
A engolir, douradas pétas?  
— É porque são taboetas  
Onde illude a falsidade ;  
E, se occultando a verdade,  
Lucra sempre o lisongeiro,  
Mentindo, ganham dinheiro,  
Em nome da liberdade.

Porque será que valente,  
Em tempo de paz, se mostra  
O militar, que se prostra  
Quando o inimigo presente?  
— Porque em rapido incidente  
Póde affectar desaforo,  
Sem nada arriscar no jogo,  
Que, em vez de fogo, dá fumo ;  
E as balas, que andam sem rumo,  
Em vez de fumo, teem fogo.

Porque será que os *taludos*,  
Do commercio na carreira,  
Sempre são na maroteira  
Mais felizes que os *miudos*?  
— Porque passam por sizudos  
Entre os mais negociantes,  
Que, suppondo-os importantes,  
Dão mais e seguram menos,  
E só temem dos pequenos,  
Que sempre julgam tratantes.

Porque será que ao governo  
Subindo, os ambiciosos,  
De projectos fabulosos  
Teem sempre cheio o caderno?  
— Porque um sentimento interno  
Ao dolo, á fraude os instiga ;  
E como tarde os castiga  
Negra pagina da historia,  
Teem o dinheiro por gloria,  
Tendo por patria a barriga.

Porque será que os juizes  
Jogam com pau de dous bicos,  
Dando liberdade aos ricos,  
Condemnando os infelizes?  
— É porque andam de narizes,

Sempre ás ordens da opulencia ;  
E, como é surda a consciencia  
Aos brados da natureza,  
Não consentem que á pobreza  
Possa andar junta a innocencia.

Porque será que opulentos,  
Da terra no pó creados,  
Tendo thesouros guardados,  
Criam fama d'avarentos ?  
— Porque, de merito isentos,  
Sem terem n'alma a nobreza,  
Devendo tudo á riqueza,  
Por quem são engrandecidos,  
Julgam cinco reis perdidos  
Um desfalque na grandeza.

Porque será que hemens pobres,  
Na juventude ciganos,  
No espaço de poucos annos  
Se tornam ricos e nobres ?  
— É porque sabem que os cobres  
Os gosos dão, e os aceios ;  
E, de negra ambição cheios,  
D'honra e brió separados,  
Aos fins caminham, ousados,  
Sem ter escolha nos meios.

\*

Porque será que morgados,  
Com fumaças de fidalgos,  
Em vez de livros tem galgos,  
Em vez d'honra, antepassados?  
— Porque no monte creados,  
Longe da sciencia e d'arte,  
Sujeitando, a bacamarte,  
Os brutos aos seus caprichos,  
Porque são reis entre os bichos,  
Cuidam sêl-o em toda a parte.

Porque será que os alvares,  
D'aqui longe enriquecidos,  
Á patria restituidos,  
Pretendem ser titulares?  
— É porque temem desares,  
Quando alguém por nome os chame;  
E querem, contra o vexame  
D'um passado escandaloso,  
Oppôr um titulo *honroso*,  
Que escureça um nome infame.

Porque será que os soldados,  
Na educação tarimbeiros,  
São na revolta os primeiros,  
Sendo, ás vezes, pouco ousados?  
— É porque são premiados,

Seguindo quem os commanda,  
E, assim, vencem a demanda,  
Sem serem ás leis sujeitos,  
Quando, se andassem direitos,  
Nunca andariam *de banda*.

Porque será que rapazes,  
A quem só aponta o buço,  
Namoram, já, sem rebuço,  
E são de tudo capazes?  
— Porque os paes, pouco sagazes,  
Chamando ao vicio energia,  
Não dão aos filhos um guia,  
Vendo-os da vida na aurora,  
Porque não pensam, agora,  
Que levam couce, algum dia.

Porque será que janotas,  
Sem riqueza, e sem officio,  
Fazem contínuo exercicio  
Com *reis, valetes, e sotas*?  
— Porque, no mais, idiotas,  
Teem da má sorte receio;  
E porque o mundo está cheio  
De vicios, em toda a gente,  
Julgam commodo, e decente,  
Viver do suor alheio.

Porque será que alguns padres,  
Sendo heroes na hypocrisia,  
Teem, em cada freguezia  
Uma porção de comadres?  
— É porque, sendo compadres,  
Podem, qual rato em celleiro,  
Mettendo, com modo arteiro,  
Na casa alheia o focinho,  
Levar agua ao seu moinho,  
Sem pagar ao aguadeiro...

Porque será que estudantes,  
Sem talento, e preguiçosos,  
Ganham titulos honrosos,  
E elogios retumbantes?  
— É porque são uns pedantes,  
Com dinheiro na algibeira ;  
E conhecendo a maneira  
Como se brilha entre a gente,  
Julgam que é sufficiente  
Serem formados... na asneira.

Porque será que as senhoras  
Que da fortuna dependem,  
Cheias d'enfeites, pretendem  
Tornar-se mais seductoras?  
— É porque são peccadoras,

Aborrecem a pobreza,  
E, suppondo que a belleza  
A attenção dos homens chama,  
Enchem d'algodão em rama  
As falhas da natureza.

Porque será que as meninas,  
Que tres romances teem lido,  
Fazem já grande alarido,  
Pretendem passar por finas?  
É porque umas disciplinas  
Na mão do pae não teem uso;  
E a mãe, consentindo o abuso,  
No que estava ao seu alcance,  
Nas mãos, em vez do romance,  
Lhes não mette a roca e o fuso.

Porque será que as matronas  
Velhas, mas pretenciosas,  
Ralham das moças formosas,  
À quem chamam « toleironas »?  
— É porque, inda folgazonas,  
Sentem da belleza inveja;  
E, vencidas na peleja,  
Rodeando uma donzella,  
Sabem que, ali, é tão bella  
Como a flôr entre a carqueja.

Porque será que a miseria,  
Propria, aqui mostrar não venho,  
Se, n'outros, mostro a que tenho,  
De fórma tão pouco séria?  
— Porque intento dar materia  
Ao escriptor leviano,  
Para que seja inhumano,  
Como eu sou, e são diversos : —  
Leiam, antes d'estes versos,  
Dous versos do grande *Elmano*.

**EPIGRAMMA.**

Um mancebo, exaltando a qualidade  
De filho d'um Barão, por lisongeira,  
Não lhe importa o saber toda a cidade  
Que morreu sua mãe, velha, e solteira.

## NOBREZA.

.....  
E mostra com a mão avara  
Os ossos de dez narizes  
Que seu quinto avô cortara.

N. TOLENTINO.

### SONETO.

Dom Vicencio d'Alfama é um pateta,  
E os vicios todos tem, mais depravados ;  
Mas sustenta que os seus antepassados  
Tocavam, d'honra e do saber, a meta :

Seu pae, que era fidalgo, foi poeta,  
Sobrinho de dous nobres magistrados ;  
Seu avô era grande entre os letrados,  
Foi santa sua avó, sendo discreta.

Seu visavô paterno, Dom Gonçalo,  
Quando, cheio de galas, vinha á praça,  
Em cada cidadão tinha um vassallo :

E se nobreza tanta, assim, se enlaça,  
É Dom Vicencio igual ao meu cavallo,  
Que bom preço requer, se é boa a raça.

## DIALOGO

ENTRE UM JANOTA, E UMA VELHA BARONEZA

(RECITADO NO THEATRO DE S. JOÃO, NO PORTO).

(A scena é passada em uma sala, decentemente adornada,  
em casa da Baroneza).

**Janota.**

Innocente passarinho  
Que esvoaça, a doidejar,  
Desce lá d'alto raminho,  
E na espiga vem picar :  
A espiga, prêsa á forquilha,  
Faz desprender-se a armadilha,  
Lá cae por terra o alçapão :  
Fica o passaro pilhado,  
Vem o garoto, amestrado,  
Ergue... zás... lança-lhe a mão !

Julquem — mesmo sem cantiga —  
Que um lindo passaro eu sou :  
Uma dama faz d'espiga,  
Que o desejo me excitou ;  
Alçapão é esta sala,  
Onde ella ha-de vir á falla,  
Porque assim o prometteu :  
É completa a semelhança !  
— Se entra um garoto na dança,  
Faz de garoto o Hymeneu.

A cousa está percebida!...  
Eu sustento-me só d'ar ;  
Mas quero mudar de vida,  
Ella é rica... vou casar :  
Que importa se é velha, ou feia ?  
Que seja uma centopeia,  
Isso da questão não é :  
Trata-se aqui da quantia,  
Que tudo o mais, hoje em dia,  
É remar contra a maré !

*(Olhando para a porta).*

Lá vem ella !... É pequenita,  
Mas não deixa d'agradar !  
Parece-me até bonita !  
O dote faz-me encantar !

Além d'isso é Baroneza...  
Se ha pouco tem a nobreza  
Respeita-a, como convém :  
Ella que chega... prudencia...

**Baroneza** (*entrando, com modos  
muito pretenciosos*).

Eis-me ás ordens de *Vocencia*,  
Para o servir... passou bem ?

**Janota** (*muito sobresaltado*).

Muito bem... muito obrigado...  
Pois... senhora... eu vinha aqui...

**Baroneza.**

Ao que vem já foi fallado...

**Janota** (*no mesmo estado*).

Ah... sim... foi... eu bem ouvi...

**Baroneza.**

Trata-se d'um casamento,  
E vamos vêr, n'um momento,  
Se deve fazer-se, ou não ;  
Vou fallar-lhe com franqueza <sup>(1)</sup>:

**Janota.**

Oh ! senhora Baroneza,  
Presto-lhe toda a attenção...

(1) Sentam-se.

**Baroneza** (com desembaraço).

Liberdade, não tem... vende-a comsigo...

O senhor, já se vê, casa comigo...

**Janota** (cada vez mais perturbado).

Ai... caso, sim, senhora... isso lá, caso...

**Baroneza** (atalhando-o).

E a casarmos é já, não quero prazo...

Mas ouça as condições :

Vou ao theatro,

Tenho carrinho, e ás vezes ando a quatro :

Aos bailes todos vou, danço a mazurka,

E até no Carnaval, vestida á Turca,

N'esses de *suscrição*, meu prazer busco ;

E se lá me apparece algum patusco,

Dos que jogam chalaça, eu cavaqueio ;

E não se ha-de espantar... não quero freio :

É justo uma *fedalga* ter talento,

E certo *esprito*, até... nem um momento,

Deve — se vem fallar-lhe um rapaz novo —

Ficar <sup>(1)</sup> como qualquer mulher do povo,

Sem ao menos *zombar* d'esses maganos :

Ora eu <sup>(2)</sup>, que tenho já vinte e seis annos,

Sei o que me convém ; — mas... ficar présa,

(1) Abrindo a bôca.

(2) Com orgulho.

Por ser casada, não... sou Baroneza,  
E ás *fedalgas* é dada a liberdade,  
Ao menos, quando estão na minha idade.

**Janota** (*á parte*).

Os diabos te levem, velha tóla!  
E eu a aturar-te aqui!... Sou bem cebóla!

**Baroneza.**

Dinheiro não lhe falta... ha cofre aberto.

**Janota** (*á parte*).

Não sou cebóla, não, são muito esperto!...

**Baroneza.**

Em nada ha-de o senhor pôr-me embaraço...  
Crear filhos... é cousa que não faço!...

**Janota** (*á parte*).

Crear filhos, meu Deus!... Os teus castigós?  
Esta sécca figueira quer dar figos!

**Baroneza** (*atalhando-o*).

É cousa propria, só, de gentes pobres,  
Que não devem fazer senhoras nobres;  
Demais, a criação mata a belleza,  
Eu sou bella, sou rica e Baroneza,  
Quero o mundo gosar; inda sou nova,

Não quero, em pouco tempo, ir para a cova...  
Se tudo isto que ouviu julga prudente,  
Tenho dito : — responda francamente (1).

**Janota** (*á parte, como quem está meditando*).

Nada... é tôla de mais!... nem por dinheiro  
Quero vir para aqui ser um sendeiro :  
Já fiz um bom papel de patarata,  
Mas vou-me desfazer d'esta cascata :  
Vou fazêl-a zangar... será bonito  
Ouvil-a aqui gritar, como um cabrito !

(*Alto*) Pois, senhora, na verdade,  
Não crear os filhos seus...  
Isso é grande crueldade!  
É mesmo offender a Deus!  
Pois não vê que até os bichos  
Sentem maternal amor?...

**Baronesa** (*enfadada*).

Qual amor?!... Ora... caprichos  
De plebeus, como o senhor !

**Janota** (*zombando*).

Pois ha-de uma dama, bella...  
Rica... nobre... titular...

(1) Levantam-se.

Ser menos que uma cadella...  
Seus filhos abandonar!  
Não ter uma Baroneza  
Ternura, que os bichos teem!...

**Baroneza** (*na mesma*).

Tolices da natureza  
Não as respeita ninguém!  
E, se a casar se dedica,  
Olhe que assim não vae bem...  
Porque eu... sou *fedalga*... e rica...  
E o senhor... não tem vintem.

**Janota** (*á parte*).

Nada... nada... esta gaivota  
É capaz de me bater,  
E eu não sou tão idiota  
Que me deixe escarnecer.

**Baroneza** (*muito agastada*).

Falle alto, senhor Janota,  
Que era o que estava a dizer?

**Janota** (*rindo*).

Nada... nada... vou-me embora...  
Não tem mais que perdoar,

**Baroneza** (*fóra de si*).

Ponha-se já d'aqui fóra!  
É soberbo e quer casar!...  
Não faltam noivos agora...  
Sou rica... posso-os comprar.

**Janota** (*retirando-se*).

Comigo não fazes vaza...  
(*Gritando*) Péga! Velha!...

**Baroneza** (*allucinada*).

Saia já!  
Insultar-me, em minha casa!  
(<sup>1</sup>) Oh patife! Espera lá!...

(*O Janota corre para a porta, a Baroneza segue-o,  
e cáe o panno*).

(<sup>1</sup>) Descalçando um sapato.

**EPIGRAMMA.**

Porque se acha homisiado  
Bento Antonio?— que receia?  
— Porque tem fama d'honado,  
E teme ir para a cadeia.

\*

**SONETO.**

D'aqui bem se tira  
Que amor, n'um momento  
Transforma um amante,  
Querendo, em jumento.

AUGUSTO LUSO.

N'uma escura viella, abandonada,  
Onde era raro, ha muito, um passageiro,  
N'uma noite chuvosa, de Janeiro,  
Aguardava um mancebo a sua amada ;

Horas depois, em casa inda fechada  
Alguem, que apenas faz rumor ligeiro,  
Rasga o papel, que suppre um vidro inteiro,  
Mette a cabeça, então, mas não diz nada !

Segue um longo silencio o movimento,  
Grita, em fim, o rapaz, que se arrebatá,  
Ao vêr assim quebrado um juramento :

Ingrata ! — o amante brada — e á voz de ingrata,  
Dá expansão a triste ao sentimento,  
Solta um berro d'amor... era uma gata !

## AS CARAPUÇAS.

O melhor remedio contra a satyra é o silencio.  
J. J. RODRIGUES DE BASTOS.

Seja um sabio o fabricante,  
Seja a fabrica mui rica,  
Quem carapuças fabrica  
Soffre um dissabor constante ;  
Obra prompta, vóa errante,  
Feita avulso, e sem medida ;  
Mas no vôo suspendida,  
Por qualquer que lhe appareça,  
Lá lhe fica na cabeça,  
Té ás orelhas mettida.

De repente, magoado  
Da carapuça maldita,  
Qual possesso, o pobre grita  
Contra o fabricante ousado !  
Debalde o artista, coitado,

Já de receio convulso,  
Quer provar que nóbre impulso  
O move, quando trabalha!  
— A carapuça que talha  
Ninguem cré ser feita avulso! —

D'aqui nasce a inimizade,  
De má lingua a negra fama,  
E quando o *offendido* clama  
Faz côro meia cidade!  
Inda bem que outra metade  
Do povo tem mais juizo;  
E, dando prudente aviso  
Contra a fraqueza, ao queixoso,  
Ao artista dá, bondoso,  
Em vez d'injurias, o riso!

Se a carapuça voando  
Vae, sem ter certo o destino,  
Pretende *sabujo* fino,  
Á custa d'ella, ir lucrando;  
Lança-lhe as unhas, e quando  
Calva rica á mostra veja,  
Por pé do calvo rasteja,  
A carapuça lhe applica,  
E brada: — « Oh! que mal lhe fica  
« Esta obra feia, da inveja! »

Na carapuça mettido,  
Que bem na bola se ageita,  
A *nobre* intenção respeita  
O pateta, agradecido!  
Quem a póz é protegido,  
E do calvo a dextra aperta;  
Ás vezes, de larga offerta  
Faz, com tal arte a conquista,  
Quando, innocente, o artista  
Contra si tem guerra aberta!

Fujam todos d'essa lida,  
Carapuças ninguem teça,  
Que todas acham cabeça,  
Inda feitas sem medida:  
Quem quizer ter bella vida,  
Bons amigos, e dinheiro,  
Deixe esse officio bregeiro,  
Fuja d'elle, como eu fujo:  
— Lucra mais o mau *sabujo*  
Do que o bom *carapuceiro*.

## SATYRA.

Tu, só, tens duração, cruel verdade.  
BOCAGE.

*Satyras prestam, satyras são boas,*  
*Quando n'ellas calumnia o fel não verte:*  
— Disse outr'ora um poeta, a quem a fama,  
Sobre as azas, levou da gloria ao templo,  
Sem fazer-lhe favor, porque era justo!

N'esse tempo, uma satyra picante,  
Onde o vate lançasse o fel ás gottas,  
E aos alqueires o sal appetitoso,  
Fazia inda o rubor subir ás faces  
D'aquelles que, ajustando a carapuça,  
Apertada a sentiam na cabeça,  
E, receando o audaz carapuceiro,  
Ás torpezas, ao vicio um freio punham,  
Já que enfrear o vate não podiam!

Em nosso tempo as satyras não prestam,  
Bem que n'ellas calunnia o fel não verta;  
Nem vertêl-o podéra, — que em tal caso  
Foram, em vez de satyras, louvores! —  
Já não prestam as satyras, que, apenas,  
Ao satyrico, só, dão refrigerio,  
Quando tem na garganta atravessado  
Algum parvo *chatim*, que, as leis calcando,  
Da infamia no caminho anda a galope,  
Topando, por desgraça, a cada passo  
Quem o faça parar, por dar-lhe a dextra,  
— Que eu a tantos negára, d'esses muitos  
A quem só liga apreço o servilismo!

Já não prestam as satyras pungentes,  
Porque a infamia pungindo, o vicio e o crime,  
Tres partes pungiriam d'este mundo,  
E da quarta, talvez, inda a mais alta!

Já não prestam as satyras pungentes;  
Porque o mundo zurzindo, quasi inteiro,  
Indispoem contra si a maioria,  
E bem poucos serão que, a fronte erguendo,  
Inda possam jurar, d'orgulho cheios,  
Que o seu nome ao poeta não lembrára,  
No momento em que, audaz, pulsára a lyra!

De mais, os *figurões*, que são actores  
Na comedia, sem fim, chamada « mundo »,  
Ou lér não sabem, ou se dão apenas  
As tretas a estudar, que os elevaram ;  
E se algum, mais *esperto*, as horas gasta  
Na leitura dos livros mais amenos,  
É por vaidade, só, e quando um dia  
Do que leu quer fallar, vem a sandice  
Aos ouvintes mostrando que perdido  
Todo esse tempo foi, que ás letras dera !

Se é possível que um só, entre esses tantos,  
O que leu entendesse, — e será raro,  
Como é raro em palheiro achar agulhas —  
É bem certo que a satyra frisante  
Subir lhe não fizera a côr ao rosto,  
Que ao tempo exposto, ha muito, já não córa !  
É certissima, então, a gargalhada,  
Que um cynismo nojento, ousado, inspira ;  
E a cabeça em que serve a carapuça,  
E tem por dentro, só, teias d'aranha,  
De ôca vaidade, de philaucia cheia,  
Mil invectivas contra o vate inventa,  
Que, *d'inveja ralado*, o rico fere !

As damas censurar é vão trabalho,  
Porque estupidas são, na maior parte (1),

Ou calejadas, já, não dão apreço  
Do vate impertinente ás frioleiras ;  
E, em vez do *Aimé Martin*, que lhes é proprio,  
*Paul de Kock* preferem, que lhes nutre  
Ignobeis sentimentos, que já tinham ;  
Deixando-o, inda assim, se o *rei de copas*,  
Sobre a mesa pousado, lhes promette,  
Além da distracção, sordido lucro.

Os patetas zurzir, enfatuados,  
Que, sem proprio valor, respeitos querem,  
Porque um avó tiveram, respeitavel  
Para gente melhor, em melhor tempo,  
É, por certo, malhar em ferro frio,  
Sem honra grangear, sem ter proveito ;  
Que não é honra o consagrar ao parvo  
Os fructos, bons ou maus, da intelligencia,  
Nem dá proveito o collocar ao lado  
Dos homens de saber quem nasceu tolo !  
E que vale, entre a gente, o patarata,  
Que se diz filho de casado nobre,  
Sem o nome dizer da mãe solteira,  
Cuja reputação em praça arrasta,  
Cuidando, sem pensar, que eleva a sua ?  
O tédio, e, quando muito, a gargalhada  
Inspirar podem, só, esses patetas :  
Deixal-os entreter com maus cavallos,

Que, por terem valor só pela raça,  
Bem se podem chamar seus semelhantes (2)!

Dos *padrecas* ralhar, porque, esquecidos  
D'essa honrosa missão que teem na terra,  
Ao vicio entregues vivem, descarados,  
Desagradando, assim, a Deus e aos homens,  
É tarefa, tambem, que não dá gloria,  
Nem util póde ser á sociedade,  
Que, orgulhosa, os despreza em seu caminho,  
Quanto, humilde, se curva aos que o merecem!

*Satyras prestam, satyras são boas,*  
*Quando n'ellas calumnia o fel não verte,*  
Disse o grande BOCAGE, em outras eras,  
Quando eram os ladrões, com ferro quente  
Sobre as costas marcados; — mas agora,  
Que, vistos com a bôca na botija,  
Ou ficam taes, quaes são, ou são marcados  
Sobre o peito, e por cima da casaca,  
Bem pouco valor teem esses dous versos,  
Mil vezes, por cem bôcas, repetidos.

E se hoje, novo Lazaro, podesse  
Esse vate immortal sahir da campa,  
Empunhára o chicote em vez da penna,  
Ou deixára ficar penna e chicote,  
Para ir viver melhor nos Sertões d'África.

**NOTAS.**

(<sup>1</sup>) Exceptuam-se as leitoras d'este livro.

(<sup>2</sup>) Esta idéa, já desenvolvida n'este livro, (em um soneto) é aqui repetida, em obsequio a aquelles que a elogiassem, lendo-a a primeira vez.

## NECROLOGIO.

(A UMA CAMARA MUNICIPAL, QUE O MERECU).

A fim de que em absurdos não dispaes,  
Te mostro erros alheios a milhares.  
Tomei este trabalho a teu respeito;  
Se é util, para ti é o proveito;  
Se inutil, para mim é o castigo,  
Que o trabalhar em vão fica comigo.

M. DO C. GUERREIRO.

Cahistes, oh *Cambaristas*,  
D'esse fôfo pedestal,  
Feito d'um montão de listas,  
Por um povo irracional!  
Choram mil *seringadores*,  
Que, da asneira exploradores,  
Não viam da mina o fim:  
Não cabe o pranto em vasilha,  
Chora, viuva, a gazetilha,  
Orphão, chora o folhetim!

Sómente a canina raça  
Alegre se ouve, a laír,  
Pois não tem já quem lhe faça  
Cruas *bolas* engolir (1);  
E póde, na vossa ausencia,  
Ostentar intelligencia,  
Sem a inveja despertar;  
Que, pelo povo apupados,  
Deveis ser desenganados  
Que sois uns sandeus sem par!

Se ao ninho, que abandonastes,  
De lôdo cheios, voltaes,  
No Municipio deixastes  
Das patadas os signaes:  
*Ca nos* ficam na memoria  
Sandices, que nem a historia,  
Por vergonha, archivará;  
Mas no Porto envergonhado,  
Para escarneo, recordado  
O vosso tempo será!

Ide enterrar-vos, de novo,  
Nas rimas do bacalhau,  
E, embora vos chame o povo,  
Não as deixeis, nem a pau;  
E, em quanto houver quem o coma,

Perfumae-vos d'esse aroma,  
Entre o qual vistes a luz ;  
O terço rezae, á noite,  
E não exciteis o açoite,  
Que a pó, aqui, vos reduz !

Não penseis que o vosso brio,  
Entre o *ferro*, se offuscou ;  
— Que a *malhar em ferro frio*  
Tambem eu agora estou :—  
Se é certo que mais se sua,  
Partindo o ferro, *na rua* <sup>(2)</sup>,  
Que em sessão, a legislar,  
Vós, entre o *ferro* nascidos,  
Suaes cá fóra, e, perdidos,  
Ferrugem vindes crear !

No mostrador apoiados  
Vendei agulhas, dedaes,  
E do balcão separados  
Não queiraes ser, nunca mais ;  
Camapheus na intelligencia,  
A vossa unica sciencia  
Seja o — *deve e ha-de haver* —  
Que, embora, sejaes penedos,  
Tal *sciencia* tem segredos  
Que ajudam a enriquecer !

Convencei-vos que o dinheiro  
Tem bem triste applicação,  
Quando transforma um sendeiro  
Em camarista, ou barão ;  
Que o barão e o camarista  
No balcão, não dão na vista,  
Nem mostram a estupidez ;  
E em danças altas mettidos,  
São pelos outros zurzidos,  
Trinta vezes cada mez !

Cavae lá na vossa vinha,  
Que, precisos, cá, não sois ;  
Que essa manada mesquinha,  
(São exceptuados dois)  
Figurar nunca mais queira !  
Vereis que, d'essa maneira,  
Tereis boa opinião,  
Não soffrereis crua guerra :  
— Tão leve vos seja a terra,  
Como as cabeças vos são !

## NOTAS.

(<sup>1</sup>) Allude-se a umas bolas de veneno que os Zeladores Municipaes lançavam, por ordem superior, a todos os cães que encontrassem pelas ruas, quer fossem vadios, quer trouxessem em volta do pescoço, gravado em folha de Flandres, o attestado de boa vida e bons costumes.

Os maldizentes, que os ha aqui, como em toda a parte, não se pejaram d'attribuir esta *providencia* da finada Camara, a ciu-mes, por causa de certas questões sobre primazias intellectuaes! Asneiras!

(<sup>2</sup>) Um dos Vereadores d'esta Camara, composta, pela maior parte, d'homens que nunca se lembraram, no seu tempo, de chegarem a ser *Cambaristas*, tinha uma loja de ferragem em uma das ruas mais publicas da Cidade, onde partia o ferro, com grave incommodo do respeitavel publico, esmagando, simultaneamente, com grandes martelladas, um artigo das *Posturas Municipaes*, que assignára, e que prohibia expressamente esse abuso.

E viva a liberdade!

## SAUDAÇÃO.

(A UM PADRE, POETA).

Vá prégar aos Hereges, e Gentios,  
Que o premio lhe darão do seu trabalho!  
ANTONIO DINIZ — *Hyssope* — Canto 5.º

Bem vindo sejas tu, Padre poeta,  
(Se é que póde hoje haver poeta padre)  
Ao caminho espinhoso, em que tropeço,  
Sem poder-me soste, a cada passo ;  
Onde os queixos teria amarrotado,  
Se na quéda, a amparar-me, eu não achasse  
Tantos collegas meus, como eu; cabindo !

Bem vindo sejas tu a dar auxilio  
Á poetica turba que, perdida  
No mar da insipidez, daria á costa,  
Por falta d'um piloto, ousado e destro !

Bem vindo sejas tu, que, se não podes  
Guiar ao bom caminho esse rebanho,  
Compassivo serás com elle, ao menos,  
Lançando a absolvição sobre os peccados  
Que vaidoso commette, e que ao inferno  
Para sempre, mais tarde, o arrastariam !

Vem, tu, ser o Pastor d'estas ovelhas,  
Que pastam no Parnaso, ha tempo tanto,  
E, sempre, aos trambolhões, sempre turrando  
Parece que inda o trilho desconhecem !

Vem, meu Padre, ensinar-lhes o caminho ;  
Bem vês que andam perdidas, por atalhos,  
E, atrevidas, saltando a alheios campos,  
Lá vão, sem o pensar, calcar o senso,  
Que já pouco produz, por mal tratado !

Vem, tu, ser o Pastor d'essas ovelhas,  
Tosquial-as vem, tu, que é bem preciso,  
Pois não podem andar, com tanto *pélllo* !  
Não receies, jámais, que te resistam ;  
Manda, Padre, e serás obedecido,  
Ou no cajado o teu poder delega,

Quando algumas não vão d'outra maneira,  
Visto que, mesmo aqui, ha gado bravo !

Não te importe que os bichos desafinem,  
Quando tentem soltar sons maviosós,  
Fazendo opposição aos teus mandados :  
— É sua unica voz esse balido,  
Que o bom tympano teu magoar póde,  
E não deve negar-se o desabafo  
A quem, sem o pedir, soffre a tosquia !

Vem, tu, ser o Pastor d'essas ovelhas  
Que divagam no monte do Parnaso,  
Porque o julgam, talvez, monte maninho ;  
E quando vejas que, atrevidas, lançam  
O dente a alguma *rosa*, ou *cravo*, ou *lirio*,  
Ou ás *florinhas* mil, que o monte encerra,  
Tosquia-as, inda mais, embora a pelle  
Ao gume da tesoura não resista ;  
Verás que, nuas, tiritando, ao frio,  
Junto ás *rochas* irão buscar abrigo,  
Sem que soffram, tambem, porque são duras !  
Não as deixes crestar, do *sol* aos raios,  
Nem a *brisa* gosar, pois se constipam,  
E soltarão, depois, a voz roufenha,  
Indo, assim, magoar teus bons ouvidos !

Não consintas, jámais, que os *astros* fitem,  
Cá de baixo, da terra em que rastejam ;  
E, obrigando-as a entrar no bom caminho,  
Prestarás um serviço ao mundo inteiro !

Vem, Padre, ser pastor d'essas ovelhas,  
E dá-lhes o perdão quando, ás marradas,  
Pretendam desprezar as ordens tuas ;  
Bem sabes que é missão do sacerdote  
Uteis conselhos dar aos peccadores,  
Absolvendo os peccados commettidos !

Empunha o teu cajado, e põe-te em campo,  
Embora eu, também, sinta no costado,  
Por castigo, talvez, seu pézo enorme !

## A UM CANTOR.

Canta, que logo bebes.  
(RIFÃO POPULAR).

És cantor d'enorme vulto,  
Grande em tudo, em tudo novo ;  
Extasias este povo,  
Que te dá sincero culto !  
Faz ao teu merito insulto  
Quem, por ti, ardor não sente !  
Ás vezes, no canto ardente,  
A tua voz, portentosa,  
Chega a ser tão maviosa,  
Que parece voz de gente !

Por milagre, só vieste,  
Teu canto mostrar ao Porto !  
Todo um povo tens absorto,  
Pelo gosto que lhe déste !  
Se espanto causar quizeste,

Vê como este povo pasma !  
Vê como se entusiasma,  
Quando soltas o teu canto.  
Que, espantado d'ouvir tanto,  
Suppõe, até, que tens asma !

Quando tomas uma parte  
N'um dueto mavioso,  
Somos ávidos de goso,  
Não ha goso que nos farte :  
Bradam todos que, em tal arte,  
Ninguem ha da tua esphera ;  
E sobre nós tanto impera  
Da tua voz a magia,  
Que é louca a nossa alegria,  
Se um compasso tens d'espera !

Quem te deu esse talento ?  
Quem te pôde ensinar tanto ?  
Quem te inspirou esse canto,  
Tão cheio de sentimento ?  
Quem fez de ti um portento ?  
Quem te deu saber, tão fundo ?  
— Grande cantor ! Dize ao mundo,  
Que te julga mais que humano,  
Se és *barytono, soprano,*  
*Tenor, ou basso profundo ?!*

## MORRA O PROGRESSO! (1)

Vós, Deosas do Parnazo, vós agora  
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;  
Regei-me a voz cansada, e o debil canto,  
Porque n'elle celebre dignamente  
De tão altos varões nomes e manhas.

ANTONIO DINIZ — *Hyssope* — Canto 7.º

Dizes que em *noites de crueis insomnias*  
Á dormideira vaes da *nossa historia*  
O somno procurar; — que *dos antigos*  
Tudo o que existe para dormir *serve*,  
E o cofre, para os lér, não tens *movido*,  
Pois tudo, aos pontapés, se encontra *gratis*?  
— Razão tens; — que hoje, em vez dos *Albuquerque*s,  
Ha viscondes; — barões, em vez dos *Gamas*,  
Embora, pelo *odôr*, lhes pousem *moscas*.  
Vale hoje um manteigueiro, porco e *estulto*,  
Se mais dinheiro tem do que *honra e brio*,  
Mais do que esses *Cabraes, Castros, e outros*

Que andavam a sonhar ignotos *mundos*,  
E, sem lucro auferir de taes *carreiras*,  
Muito inchados se alguém os *descrevesse*,  
Se diziam heroes; — porque *hoje em dia*  
Não ha quem taes asneiras *saboreie*,  
Mas que o mundo é peor, *tambem é certo*.  
D'esta epocha os heroes, o *sol nascendo*  
Encontra-os a mover quadras e *quinas*,  
E em tórpe lupanar, *escoucinhando*,  
Como Neptuno andou c'os *Pallinuros*:  
D'orgias vivem, só, e são tão *asnos*,  
Que fama querem ter por acções *d'estas!*  
Nunca o vicio cuidei vêr subir *tanto!*  
Só pelo ouro que teem valem os *homens*;  
E quanto tudo, assim, virado *vêmos*,  
Bradar vens tu, aqui: — *Viva o Progresso?...*  
*Morra o Progresso* — eu digo — (e haja franqueza)  
Torto o mundo nasceu, morrerá *torto*,  
Sei que o não salvarão *insulsas trovas*;  
Mas não posso aturar que *á patria amada*  
A maroteira dêem, por *novo invento*,  
Como que um povo fosse d'*hottentotes*,  
Despresado, e esquecido d'*estrangeiros!*...  
Quizera, antes, que o mundo se *voltasse*,  
E no avêso, depois, arranjar *outro!*  
— Não fôra d'estalar, então, com *riso*,  
Chamar, d'esses ratões que hoje teem *nome*,

Um visconde, um barão, um *barbas-d'alho*,  
Que do carvão a carga nos *trouzesse*;  
Mandar comprar arroz, *pimenta e cravo*,  
Por um Vereador dos *nossos dias*?...  
Agarrar esses que a fortuna *arranjam*,  
Notas falsas fazendo em *papellinhos*,  
*Ou innocentes traficando em negros* (2),  
Levar-lhes d'esse jogo o monte á *gloria*,  
Tornal-os ao que foram, pouco ou *nada*,  
No Douro, a conduzir barcos d' *Avintes*,  
Ou carretos fazendo... e d'estes *parvos*  
Enriquecer, depois, quem tem *virtudes*,  
Com grossos montes de pesadas *louras*?  
Se eu podésse do mundo fazer *outro*,  
Synonimos, quaes vês, fino e *maroto*,  
Deixariam, então, de ser *synonimos*:  
Seria mais correcta a *linguagem*,  
Empregados melhor a prata e o *ouro*.

Vae-te, Progresso, da traição *amigo*,  
Que, impostor, qual hoje és, no bem só *cortas*,  
E nadas, pelo mal, n'um mar de *rosas*!

Nem o sexo gentil seria *isempto*  
D'essa transformação: (para os *vindouros*  
O seculo seria, então, das *luzes*),  
*As Marilias crueis*, chegando ao *rego*,

\*

Viriã sujeitar-se ao duro *freio*,  
Sem a galope andar, traz da *fortuna*,  
Teria só valor meiga *innocencia*,  
De *formosura ingenua e recatada*,  
E a boa educação, propria das *bellas*!  
Merinaques, chapeos, mallas, e *tudo*,  
N'uma fogueira, a arder, faziam *feira*,  
Que podêsse gosar qualquer, de *graça*;  
E viriam do Olympo os mesmos *deuses*,  
O cigarro accender na viva *brasa*,  
Com ellas o *londum* dançar na *praça*:  
Seriam chicotados estes *barbaros*  
Que hoje andam por aqui a estultas *moças*  
Pedindo o *rendez-vous*, fazendo versos:  
— Do Parnaso na fé, são esses *moiros*,  
E inspiral-os só pôde a Musa *ingrata*.  
— Das loucas fallo só, que adoram *c'róas*,  
E teriam respeito as que teem *alma*,  
E sentimentos vis *desconheceram*! —  
Ouro não quero eu, só, que seja *tudo*,  
Senão para pagar, quando *devemos*: —  
É este o credo que — por ora — *sigo*,  
E despréso os chatins, que pelo *luxo*  
Pelo dinheiro, só, se tornam *cegos*:  
*Se hoje ha pae que põe preço á propria filha,*  
*Marido que hypotheca a linda esposa,*  
Venham marido e pae, e eu dou *dez libras*,

A aquelle que ao diabo ambos *entregue*,  
Pois é do inferno quem, assim, se *abaixa*.

Morre, Progresso, que és da asneira *amigo*,  
E andam, em quantó nos sizudos *cortas*,  
Os tólos a nadar n'um mar de *rosas*.

---

NOTAS.

(<sup>1</sup>) Alto lá, senhores progressistas de todas as côres políticas! Suspendam o seu juizo, aquelles que o tiverem, e não julguem o réo sem ser ouvido, relativamente ao titulo d'esta poesia.

Este = *Morra* = vem aqui simplesmente como resposta a um = *Viva* = entoado por um patusco meu amigo, muito talentoso, e muito inclinado a dar vivas n'este genero.

Se v. ex.<sup>as</sup> (não sei se haverá leitor que não tenha ainda este tratamento) quizerem escutar-lhe a voz, queiram ter a bondade de descobrir-se, e caminharem até ao fim d'este livro, onde o encontrarão a gritar: = *Viva o Progresso!* =

(<sup>2</sup>) Verso alheio.

## NO ALBUM DE UMA DAMA.

..... um conselho d'amigo  
Deixa em branco este livro gentil:  
Uma só das memórias da vida  
Vale a pena guardar, entre mil.

GARRETT — *Folhas Cahidas.*

Venha mais este, senhora,  
É moda, não ha remedio:  
Se moda o Album não fôra  
A muitas causára tedio.

Mas — embora alguém proteste  
Contra mim, porque sou franco: —  
Não conheço Album que preste  
Quando dêixe de ser branco!

Muito bordado, incompleto,  
Muita sandice, rimada,  
Muito desenho, incorrecto...  
— Um Album não é mais nada!

Uma, que se enthusiasma  
Quando um Album desembrulha,  
Borda-lhe uma cataplasma,  
Sem saber pegar na agulha!

Este, que é todo materia,  
Mette-se, aqui, na Poesia:  
Dá-se aquelle á prova séria  
Sem saber orthographia!

Outro, que em lapis, sómente  
Pegou, abrindo a carteira,  
Deixa um desenho indecente,  
Fica orgulhoso da asneira!

Endeusando a parvoice  
Querem n'um Album, senhora,  
Erguer um templo á sandice,  
Mas com fórma seductora!

Aqui se enterra o bom senso,  
Salval-o já ninguém ousa;  
Que o Album — segundo eu penso —  
Serve ao bom senso de lousa!

É um cêsto que se doura,  
E o dono tem por capricho,  
Para andar, com a vassoura,  
Pela rua, a apanhar lixo.

Arreigaram-me esta crença  
Albuns que vejo dispersos:  
— Na asserção não vae offensa,  
Tens a prova n'estes versos.

**EPIGRAMMA.**

Variando a Medicina  
Nos systemas de curar,  
Porque não deixa a rotina,  
Do systema de matar?

**PROGRAMMA.**

Quer vingar a sua affronta,  
Quer chamar Portugal seu;  
Com a victoria já conta,  
Mas inda não combateu.

IGNACIO PISARRO—*Romanceiro*,  
Tomo 2.º

Eu nasci (mas não sei quando)  
Longe d'aqui, n'uma aldeia: —  
Passei a infancia brincando,  
E ouvi, á luz da candeia,  
Contos que me iam contando (1).

Uma velha impertinente,  
Que minha avó se dizia,  
E já não tinha um só dente,  
Fez-me ser da fidalguia  
Um adorador fervente.

E, zurzindo a plebe pobre,  
Fez-me crêr, inda bem novo,  
Que valor só tinha o nobre,  
E que não valia o povo  
Uma moeda de cobre!

Leu-me o livro do passado,  
E eu vi que era descendente  
De sangue azul, não manchado,  
Embora entre tanta gente  
Não houvesse um, só, casado.

Um padre, da freguezia,  
Que o — *b* — *a* — *ba* me ensinava,  
Á bôca cheia dizia  
Que, em dez annos, protestava  
Que todo o livro eu diria!!

Obrigára-me o respeito  
A ter estudo aturado;  
Revelando tão bom geito,  
Que fui, por fim, destinado  
Á formatura em Direito!

Então, com unhas e dentes,  
Entregue ao *Pégas*, maldito,  
Ao *Digesto*, e adherentes,  
Tornei-me, como erudito,  
Rival dos meus ascendentes!

A mocidade, indiscreta,  
D'inveja, talvez, ralada,  
Me appellidava — pateta, —  
Quando eu, deixando-a espantada,  
Me fiz, um dia, poeta!

Votei-me, então, ao socego,  
E o *penedo da saudade*,  
Como as margens do Mondego,  
Me viram, em curta idade,  
Um rival do cantor Grego!

De certo o fui! — Quem diria  
Que, inda tão novo, eu podésse  
Ser um heroe na poesia!  
Oh! se o fui!... E... se eu soubesse  
A maldita orthographia!...

D'esse estudo endiabrado,  
Da grammatica, terrivel,  
Nunca entendi nem bocado! —  
Logica... foi-me impossivel  
Metter-lhe o dente aguçado!

Andou-me a cabeça á roda,  
Dormiram livros comigo;  
E se não pesco da poda,  
Na nobreza sou antigo  
Como sou sabio da moda!

Dos homens grandes amante,  
Não ha ninguem que me ensine  
O que sabe um elegante:  
Sei que existe o — *Lamartine* —  
Que morreram — *Tasso* — e *Dante*.

Que teve *Ariosto* a corôa  
Por vate de grande marca,  
E por ser bella pessoa;  
— Que dava d'olho ao *Petrarca*,  
A *Laura* — que era bem boa.

Conheci um certo *Nero*,  
Que fez muito desatino,  
Mas era forte e severo;  
— Sei, por um texto latino,  
Que ás vezes dormia *Homero*.

O amor da patria me inflamma,  
Sinto alegria suprema,  
Quando vem dizer-me a fama  
Que fez *Camões* um poema,  
Cantando um *Vasco da Gama*.

Taes nomes mal não emprego,  
Como faz qualquer pelintra,  
Porque á leitura me entrego;  
— Sei que o *Byron* cantou Cintra,  
Sei que o *Milton* era cego!

Sei tudo! Sou polyglota!  
Danço polkas e a mazurka,  
Visto-me como janota,  
Uso bigodes á turca,  
Sou grande heroe na *batota*!

E agora, assim preparado,  
Com tudo quanto é preciso  
Para ser homem d'Estado,  
Saibam que tenho juizo,  
E quero ser deputado!

Elevem-me ao parlamento,  
E serei, com pouco estudo,  
Da oratoria um ornamento,  
Comendo sempre de tudo  
Na gamella do orçamento!

Não me apearei da burra  
Adorando um Deus ignoto;  
Mas, embora, leve surra,  
Quando alguém me pague o voto,  
Deixarei de ser caturra!

Mostrarei aos meus freguezes  
Que me não curvo a pedidos;  
E se virar muitas vezes,  
Patriota sou — que os *partidos*.  
Todos são de portuguezes!

Entre a minha clientella  
Reputação terei boa ;  
Mas previno-os : — á cautella —  
— Ninguem me espere em Lisboa  
Havendo *febre amarella* (2).

Á Patria não sou ingrato ;  
Mas não vae caminho torto  
Quem tem comsigo recato,  
E, em lugar de *Catão* morto,  
Quer ser, vivo, *Cincinnato*.

Nem digam que é maravilha  
Que o *Pae da Patria*, prudente,  
Leia por esta cartilha !  
— Quando está o *Pae* ausente,  
É justo que espere a *Filha*.

## NOTAS.

(<sup>1</sup>) Tive immenso trabalho para fazer este verso; e quando suppunha que tinha vencido a difficuldade, salta-me aos olhos um terrivel defeito, que eu deixaria passar, sem esta desculpa, se d'ahi não viesse uma grave offensa á genealogia do aspirante a deputado — que não sou eu, é bem que o saibam! Quem dér com a horrivel cacophonia, póde facilmente acreditar que os « Contos que *miam* » eram contados por uma gata!

Pois posso asseverar-lhes que se enganam! Leiam a segunda quintilha, e vendo que era a avó quem contava os *contos*, ficarão convencidos da verdade: — nem póde admitir-se que um homem, com tão nobres aspirações, pertencesse por modo algum á raça felina.

(<sup>2</sup>) Os deputados que estavam em suas casas, na provincia, quando a capital foi invadida pela epidemia, em 1837, julgaram prudente conservarem-se, embora tivesse lugar, n'esse tempo, a abertura das Córtes.

Esta resolução foi tomada como falta de patriotismo, pelos maldizentes; mas os artigos que, sobre tal assumpto, publicaram alguns jornaes, são, de certo, muito mais engraçados do que os necrologios que haviam de apparecer, se os *Paes da Patria* não embirrassem com a côr da febre.

Eu creio que tiveram muito juizo, e todos elles são da minha opinião.

## UM NOVO PATUROT.

Nós somos filhos d'Eva cubiçosa;  
Inda em nós lavra d'Eva peccadora  
A nodoa original. . . . .

FILYNTO ELYSIO.

Esta vida que eu passo... — triste vida!...  
Doz annos no verdor me leva á cova!  
Mas... se eu temo do mundo a despedida,  
Porque não buscarei posição nova?

Sob um jugo fatal viver oppresso,  
Ao fogo juvenil é grave offensa!  
Pois de que serve então esse progresso, —  
Que eu sei que existe... porque o diz a imprensa?...

Serve, ao homem sagaz, como sciencia,  
Guiando-o n'este pelago profundo:  
Serve para abafar a consciencia,  
Os ouvidos cerrando á voz do mundo.

Viva o Progresso ! Avante ! e o meu futuro  
Mais risonho será que o meu passado !  
Resta só descobrir meio seguro  
De vir a ser na terra um potentado !

Buscarei ser feliz no casamento,  
Procurando uma dama d'espavento...  
Do bom tom ?  
Se filha fôr de paes velhacos... tontos...  
Que importa?... se trouxer duzentos contos...  
É bem bom !

Mas não... que uma rica dama,  
Se com homem pobre casa,  
É peor que ferro em brasa,  
Está sempre em viva chamma !  
Com a riqueza se inflamma,  
Quer *coupé*, quer escudeiro,  
Quer correr o mundo inteiro,  
Luxo immenso no vestido,  
E, por fim, deixa o marido  
Com familia, e sem dinheiro !

Fortuna tentarei pelo negocio,  
Procurando encontrar para meu socio  
Um patau ? —

Sophismando o direito que lhe assista...  
E sendo engajador... contrabandista?...

Não é mau !

Mas... se hoje, sem traficancia  
Não brilha o commerciante,  
Eu não levo o plano avante,  
Porque me falta a constancia !  
Dinheiro... muita importancia...  
Zumbaias da gente *honesto*...  
Posso ter... e isso não presta,  
Se ha na consciencia o receio ;  
E eu sou tão fraco !... Inda creio  
Na eterna vida, além d'esta !...

Se eu conseguisse, em leis, a formatura,  
E, sem nada saber, fazer figura,

Como alguém...

Com protecção, depois, sendo formado,  
Ser barão, conselheiro, e deputado...

Ia bem !

Mas... ser actor por officio,  
Só fundado em boa estreia,  
É construir sobre areia  
Um phantastico edificio !  
E que vale o sacrificio ?

Vença, embora, grande espaço,  
Irei fingir de palhaço,  
Fazer ao merito offensa !  
Serei victima da imprensa !...  
Nada... é cousa que não faço !

Oh ! que ideia feliz ! Ser jornalista !...  
Não farei do porvir alta conquista,  
A escrever ?...  
Sendo pelos governos protegido,  
Não hei-de figurar, ser conhecido ?...  
Póde ser !

Ora adeus !... É necessario  
Ter muita condescendencia,  
Enfrear a consciencia,  
Na politica ser vario ;  
Hoje ser thuribulario,  
Mudar, amanhã, de vela,  
Fazer da imprensa uma adela  
Á porta pôr taboleta !...  
Nada... que em vez de carêta  
Tenho cara... e gósto d'ella !

E se eu fosse estudar a Medicina ?  
Não podia explorar bem larga mina ?...  
Porque não ?...

Conquistando uma grande clientela,  
Rico em breve seria, á custa d'ella,  
Sem questão !

Mas... nem assim... eu não creio  
No saber d'esses doutores,  
Que, não sendo uns impostores,  
Não tem na sciencia um meio !  
E o cuidar no bem alheio  
Tem contratemos bem serios !  
A sciencia é de mysterios,  
E exercêl-a quem duvida,  
É ter por meio de vida  
Povoar os cemiterios.

É tudo vão ! se é grande o meu intento,  
A duvida que vem, n'esse momento,  
É maior !...  
Mas... se eu vejo um futuro lisongeiro  
Na posse d'ouro, só, fazer dinheiro...  
É melhor !

E... se alguém me denuncia  
— Antes que eu seja bem rico ? —  
Sou logo prêso, e lá fico  
Enterrado na enxovia !  
Mas o progresso, hoje em dia,

Já domina os portuguezes :  
Talvez dentro em poucos mezes,  
Da moeda o fabricante  
Ponha o rotulo adiante,  
Chamando, á porta, os freguezes !...

Então, sim... terei riquezas,  
Fartarei minha cubiça,  
Sem ir curvar-me á justiça,  
Fazer com ella despezas !  
Mais não penso em taes emprezas,  
Buscarei viver contente :  
Com este meu genio ardente,  
Pondo de parte honra e brio,  
Sou feliz, sendo vadio,  
Que assim vive muita gente.

•

## OS MAUSOLEOS.

De que serve honra tardia?  
Bem sei, que o rifão vem torto;  
Mas faz lembrar a cevada  
Que se deu ao asno morto.

N. TOLENTINO.

Quando vejo, subindo ao firmamento,  
Abrindo as regiões do espaço ethereo,  
Marmorea habitação, que tem cimento  
No terreno voraz d'um cemiterio,  
Lamento o que, infeliz, na humana lida,  
Desvairado, seguindo errado norte,  
Do pouco se esqueceu que importa a vida,  
Buscando a ostentação além da morte!

Qual será d'homens taes a falsa ideia,  
Porque levam tão longe essa vaidade?  
Ao mundo prêsos por fatal cadeia,  
Chegaram a descrer da eternidade?

Ou, porque em noites de cruel vigilia  
Leram que a vida eterna após vem d'esta,  
Acreditam que, unidos á familia,  
Mais tarde ali terão dias de festa?

Eu censuro o que, austero, orgulho chama  
Ao impulso que move a louca empreza ;  
Reprovo o que, exaltado, o triste infama,  
Porque assim faz insultos á pobreza !  
Compassivo lamento o desditoso  
Que para a morte habitação procura ;  
Nem lhe posso chamar vil, orgulhoso,  
Que é fereza insultar cega loucura !

É bem louco, de certo, o que na terra  
Em modesta morada a vida soffre,  
Com rebeldes paixões em crua guerra,  
Sem nunca abrir á caridade o cofre ;  
Que se curva a tormentos que o consomem,  
Da sordida ambição na vil estrada,  
E sem nada aqui ser, em quanto é « homem, »  
Suppõe que mais será, quando fôr « nada ! »

É bem louco, de certo, se, illudido,  
Pôde crer que o seu nome se eternisa,  
Porque pousa no marmore polido  
O corpo que roubára á campa lisa ;

Mais que louco, se intenta ao pó immundo  
Dar entre o luxo, alli, repouso eterno,  
Em quanto, pelo mal que fez no mundo  
Alma vil se debate lá no inferno!

Que dizem ao philosopho, que passa,  
Pomposas inscrições, em prosa ou verso,  
Se, da campa atravez, o pó devassa,  
Que, cedo ou tarde, voará disperso? —  
— Dizem que do mortal se compadeça,  
Para quem foi o ceo tão justiceiro; —  
Pois tendo, aqui, de marmore a cabeça,  
Achou, alli, marmoreo travesseiro?

Infelizes mortaes! Deixae que um pobre,  
Que de terra seis palmos tem sómente,  
Sem no mundo habitar morada nobre,  
Desprese o vosso marmore luzente!  
— Mais ditosos sereis, se um assassino  
Vossa vida encurtar; — que é cousa insana  
Ter, na morte, um palacio peregrino,  
E, na vida, occupar tosca choupana!

## A VESPA.

Graça acho eu naquelles,  
que dizem mal de mim, antes que eu delles;  
suppondo, que eu lhes pinto o seu senão,  
dão-me o castigo muito de ante mão,  
pondo-me de insolente,  
que satyrizo a todos geralmente;  
quando isso fosse, oh homẽs do demonio,  
nã vedes que esse ardil he hum antimonio,  
para que eu lance, em vomitos finaes,  
inda mais do que sey, porque sey mais?...

THOMAZ PINTO BRANDÃO.

Homens loucos! Desgraçados,  
Que em liberdade fallaes!  
Viveis todos enganados,  
Livre sou eu, — ninguem mais!  
Por todo o mundo, girando  
Me vereis sempre, voando,  
Pica-aqui, pica-acolá,  
Em quanto que algum ingrato,  
Com a sola do sapato,  
Crua morte me não dá!

\*

Vós, oh homens, quantas vezes,  
Malvados no coração,  
Sois na apparencia cortezes,  
Para occultar a traição!  
Infamia! cruel engano!  
Eu, se em volta d'um engano  
Dou tres giros, sem parar,  
É que o julgo puro e honrado;  
Porém, se o creio culpado,  
Não fujo sem o picar!

Cuidareis vós que algum tolo,  
De muitos que o mundo vê,  
— Que não levam muito bolo  
Por não haver quem lh'os dê; —  
Algun parvo d'*excellencia*,  
Por vergonhosa influencia,  
Póde embotar-me o ferrão?  
E, embora seja um maluco,  
D'onde eu possa tirar succo,  
Ha-de escapar-me?... Pois não!...

Quando pilho um d'esses *nobres*,  
Ricos só d'aureo metal;  
Mas d'*espírito* tão *pobres*  
Que não possuem real,  
Não lhe saíio do costado;

—Sei que é trabalho baldado,  
Porque a pelle dura teem;  
Mas eu fico satisfeita,  
Que o meu ferrão só respeita  
A virtude, e mais ninguem!

Pois quando encontro uma dama  
Que litterata quer ser,  
E, por fim, *béspira* me chama,  
Sem d'isso a causa saber!...  
Não só então a não poupo,  
Mas sinto não ter um choupou,  
Do meu ferrão em lugar;  
— Se quer desculpa das faltas,  
Não se metta em danças altas,  
Entretenha-se a fiar.

E ha tantas d'essás patetas,  
Sempre filadas ao— *b* —,  
E que tentam ser poetas,  
Sem saberem o — *a* — *b* — *c* —!  
— Se inda tendes algum tino,  
Ide lér o *Tolentino*,  
Boa lição achareis;  
E se conselho tão rico  
Despresaes... então... eu pico...  
Sem temer que vos queixeis!

Quando encontro um rapazinho  
Que se diz — senhor doutor,  
E anda muito encanadinho,  
Deitando grande fedôr;  
E que inda, além do mau cheiro,  
É nas leis tão estrangeiro,  
Ou inda mais que um bedel;  
Se a geito lhe apanho o rosto,  
Em pical-o sinto um gosto...  
Oh! que é mais doce que o mel!

Mesmo o medico — *homeopatha*  
Ou aquelle que o não é;  
*Raspailista*, ou *allopatha*,  
Quando o sejam de má fé,  
Não fogem á minha agulha!  
Não, que todos teem borbulha,  
Onde se espete o ferrão;  
Embora se fiquem rindo,  
Ás picadas resistindo,  
Tão duras como um *barão*!

O poeta que, juntando  
*Brizas, fadas e condões*,  
Vae tudo em linha formando,  
Com outros taes palavrões,  
Esse irrita, coitadinho,

As iras cá do bichinho,  
Que só aos tólos quer mal!  
Fuja, pois, quem tem o sestro,  
Quando não, pico-lhe o estro,  
Com picadella mortal!

Ao gordo commerciante,  
Que fidalgo exige ser,  
E se torna traficante,  
Sem d'isso precisão ter;  
E se finge, então, beato,  
E nos mostra o seu retrato,  
Em todos os hospitaes —  
Meu ferrão não vale nada:  
— Para esse, espóra e aguilhada,  
E não digam que é de mais!

Macho ou fêmea, velho ou novo,  
Feio ou bello, sabio ou não,  
Ou seja nobre, ou do povo,  
Chega a todos meu ferrão!  
Se mais do que isto desejas,  
Mesmo em ti — quem quer que sejas —  
Hei-de *ferrar-te*, leitor!  
— Mas suspende o teu juizo!  
Que me entendas é preciso:  
— Sou *vespa* — não *ferrador*!

**SONETO.**

Era bello esse tempo, em que uma dama  
Só pelo coração se avaliava,  
E da belleza o dote que ostentava  
Só podia atear accêsa chamma :

Do consorcio d'amor, segundo é fama,  
A candida virtude dimanava :  
Hoje, extincta a moral, que então reinava,  
Só da noiva a riqueza se proclama !

Faz-se d'essa união negocio immundo,  
Quebram-se por dinheiro os juramentos,  
Anda Amor pelas praças, vagabundo ;

E é, desde que se dão taes casamentos,  
Que povóam tres partes d'este mundo  
Estupidos, velhacos e avarentos !

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM

DO MEU AMIGO

**ANTONIO MARTINS LEORNE.**

Como o triste mendigo, que vagueia  
Nas cidades, nas villas e na aldeia,  
Uma esmola pedindo a toda a gente  
Que mais rica suppõe, por mais decente,  
Assim começas tu peregrinando,  
Com teu Album na mão, solicitando,  
Em prosa e verso, os fructos do talento,  
Com que o teu livro tornes opulento;  
Mas como, tantas vezes, o mendigo  
Que affecta só pobreza ter comsigo,  
Occulto, mais valor traz, na sacola,  
Do que teem muitos a quem pede esmola,  
Assim tu pedes, na lamuria tua,  
A quem menos do que tu, talvez, possua!  
E que pretendes tu? dize, que esperas?  
Porque a riqueza, em mim, tanto exageras?

Se um cantico d'amor tua alma accende,  
Não t'ó posso negar... lá vae... attende ;

Amor! Nobre sentimento!  
Do mundo tu és o rei!  
Como ao pobre, ao opulento,  
Ao bom, ao mau, dás a lei!  
És...

O que? quem te conhece?  
És um ratão de bom gosto,  
Cujo poder apparece  
N'um bello, n'um feio rosto,  
N'uma elegante cintura,  
N'um colosso de gordura,  
N'um pésinho delicado,  
N'uma pata monstruosa,  
N'um braço bem torneado,  
N'uma negra mão callosa,  
No brilho negro d'um olho,  
No canto d'outro zarolho,  
Ou de carmezim forrado ;  
Na candura d'um archanjo,  
Na estupidez da mulher,  
Nas palavras d'um marmanjo,  
D'um patarata, qualquer :  
Não inspiras o poeta  
Que se em ti vae pôr o fito,

Faz um papel de pateta,  
Diz o que todos tem dito.

Já vês, amigo meu, que em tal caminho  
Tropéço a cada passo, e vou a terra ;  
Não póde o estro meu, fraco e mesquinho,  
A victoria cantar n'esta ardua guerra !...  
Se eu soubesse que a Patria, tão cantada  
Me inspirava n'esta hora altivo canto...  
— Á Patria, sim, á Patria desgraçada  
Um *de profundis*, que te excite o pranto :

Patria! Patria d'heroes d'antigas eras !  
Onde jaz teu valor altisonante ?  
Porque as provas não dás, que outr'ora deras  
De ser um reino forte e deslumbrante ?  
Proezas, sem rival, que já fizeras,  
Porque as não fazes hoje?... e, agonisante,  
Não incitas ninguem que te cubice  
A gloria...

Porém, não... isto é tolíce...

Não quero a Patria cantar :  
Vejo que ella, por perrice,  
Só lhe apraz hoje dançar  
Na *politica* taverna,  
Com malandros indecentes,  
Com quem faz a sua perna,

E á sua custa desejam  
Aguçar os rijos dentes :  
Malandros que se não pejam  
De tornal-a dissoluta,  
Patuscando, nas orgias,  
Já sem vergonha, e corrupta !  
Nada...: nada... a Patria, agora,  
Já não póde inspirar vates,  
Que dizem, n'um quarto d'hora,  
Cantando-a, mil disparates !

E, demais, tenho notado  
Que, pedir á Patria contas,  
Recordar-lhe o seu passado,  
Já muitas cabeças tontas  
O teem, em verso, tentado ;  
Mas em vão se teem cançado,  
Que nada teem conseguido :  
A Patria segue o seu rumo,  
E o poeta, convencido  
De que a sua gloria é fumo,  
Que é fumo toda a grandeza,  
Desiste, emfim, d'essa empreza,  
Mette a viola no saccó,  
Deixa andar a Patria aos tombos,  
Foge-lhe, e não dá cavaco !  
Deixemos a Patria, amigo,

Outro thema procuremós,  
Onde eu veja se consigo...  
Mas o que?... não sei... veremos.

Se eu podésse entoar um doce canto  
Ao astro meigo, que de noite brilha!...  
Bravo! Boa lembrança! Aqui levanto  
Ao meu nome um padrão! Que maravilha!

És tu, oh lua pallida,  
A minha unica luz;  
O teu brilho seduz  
Minha alma onde a tristeza  
Impéra, por meu mal!  
Não tens, lua, rival  
Em toda a Natureza!...

Ai... meu estro!... vaes perdido!...  
Pobre de ti, se não páras!  
É certo que estou mettido  
Em camisa d'onze varas!  
A lua, o sol, as estrellas,  
Serão cousas muito bellas;  
Mas eu vejo-as cá da terra,  
Pouco me entendo com ellas;  
E se é certo que mais erra  
Quem ás escuras caminha,

De certo que é mais prudente  
Cantar outra ladainha,  
Que a perceba toda a gente ;  
— E a lua brilhou outr'ora,  
Quando não brilhava o gaz ;  
Mas o gaz figura agora,  
A lua já nada faz ;  
Quasi sempre encapotada,  
Vê-se que anda encavacada,  
Sem fazer caso de nós ;  
Nem vale a pena, por nada,  
Cá de baixo erguer-lhe a voz ;  
Que se alguém fallar-lhe tenta,  
Cheia d'orgulho, a mofina,  
Mais ao longe inda se ausenta,  
Cada vez se faz mais fina,  
Julgando, talvez, que os vates,  
Que fazem versos a esmo,  
Rimando mil disparates,  
Lhe dizem todos o mesmo !  
E o mais é que tem razão,  
Porque é hoje, na poesia,  
Quasi tudo imitação !  
— Eu, por mim, se hei-de imitar,  
Já que me falta a invenção,  
Antes me quero calar,  
E agradecer-lhe a lição !

E assim, depois de tanto haver corrido,  
Em busca d'um assumpto, divagando,  
Entre o mesmo dilemma estou mettido,  
Com o mesmo inimigo estou lutando!

Musa! Musa maldita, que assim zombas  
D'um poeta, submisso, e cabisbaixo!  
— Por ti, dei n'um sedeiro com as trombas...  
A fama... lá se vae pela agua abaixo!...

Que hei-de eu fazer, se o meu estro,  
Se o tive, me abandonou,  
E tem mais força o mau sestro  
Se mais empenhado estou?...  
Que hei-de eu fazer? — sem remedio,  
Por não causar-te mais tédio,  
Quebrar da lyra os bordões,  
Dizer-te, com mágoa extrema,  
Que por não achar um thema,  
Não toco variações!

Sinto a cabeça deserta,  
Sem uma ideia, só, ter;  
Eis-me aqui de bôca aberta,  
Sem poder-te obedecer!  
E... (meu Deus!) em que momento!  
Quando te anima esse intento

D'ir ao longe viajar!...  
Quando, por estranhos climas,  
Mais que uma carga de rimas  
Tu desejárás mostrar!...

Vae, amigo, mas... cuidado...  
Lá por esse mundo além,  
Leva o teu Album guardado,  
Não o mostres a ninguem!  
E quando o acaso maldito,  
D'algum critico erudito  
O leve ás mãos, por meu mal,  
Não dés tal semsaboria  
Como amostra da poesia  
Nas terras de Portugal.

Salva a Patria d'essa affronta,  
Amigo, jura por lá  
Que rimar sem péso ou conta  
Não o faz mais ninguem cá:  
Salva o teu nome, jurando  
Que este livro arrebatando  
Meu nome inscrever-lhe eu quiz:  
E, com trama tão discreta,  
Vá-se a fama d'um poeta,  
Não se perca a d'um paiz!

**EPIGRAMMA.**

Um rico velho avarento,  
Já bem perto d'expirar,  
Para fazer testamento  
Manda o tabellião chamar:

Com timbre de voz roufenho,  
Diz o velho a suspirar:  
« Deixo tudo quanto tenho... »  
— E não podia acabar —

O tabellião, cançado  
Do seu tempo em vão gastar,  
Tendo escripto, diz, zangado:  
« O resto? — queira dictar. »

« Deixo tudo quanto tenho... »  
— O velho torna, a chorar —  
Pára um pouco, e diz, roufenho:  
« Porque o não posso levar. »

5 \*

## EPISTOLA.

Basta já de prosa fria : —  
Vou lançar mão da bandurra,  
Que, ha tempo tanto, dormia ;  
Não quero descer da burra,  
Por dizerem que a Poesia  
É, por indole, caturra,  
Taciturna, e tão sombria,  
De tão feia carantonha,  
Que jámais nos vem, risonha,  
Aos labios chamar o riso :  
Se ha n'isto falta de sizo,  
Ou sizo de mais, não vejo ;  
Só reconheço, é com pejo,  
Que os nossos vates da moda  
Que, soltando um frouxo arpejo,  
Cuidam, já, pescar da poda,  
E na crítica se *estendem*,

Com louca vaidade, offendem  
O senso que lhes perdôa :  
Lá no seu bestunto, entendem,  
Fazendo *critica* á tóa,  
Que as Musas quando, no Pindo,  
Dão largas á voz cadente,  
É para serem, sómente,  
Beatas e carpideiras,  
E que só cantam, carpindo,  
Lamurías e choradeiras!

E, segundo esses juizes  
Com quem mordomo eu não fôra,  
Embora julguem felizes  
Decisões suas, sem tino,  
A linguagem seductora  
Da chimera é sempre triste !  
Chorar sempre é seu destino ;  
E uma ironia, com chiste,  
Ninguem a encontra em seus cantos,  
Dê tristezas só guisados,  
Com môlho d'amargos prantos,  
Com gemidos cosinhados !

O gracejo é negro crime,  
Quando solto ao som da lyra,  
Que de carpir não se exime,

Embora seja mentira  
Esse *triste* sentimento,  
Que os *tristes* cantos inspira!

Disparam, cada momento,  
Uma sétta contra o vate,  
Que dá trégoas ao tormento,  
E da Musa o riso adora:  
Antes brilhe o disparate  
Em loucos prantos immerso:  
É vate o que em verso chora,  
É bobo quem ri em verso!

O metro não tem valia,  
Ledas imagens não valem,  
Por muito que se avassallem,  
Ao dominio da poesia,  
Que exprimir só póde, apenas,  
Acerba melancolia,  
Saudades, amargas penas!

Pesados n'esta balança,  
Que pende para a sandice,  
É poeta uma criança,  
Quando chora por perrice:  
É poeta o desditoso  
Que, tendo a razão perdido,

Derrama pranto amargoso,  
Sem ligar-lhe algum sentido;  
E alguém dirá, com verdade,  
Que o tornou essa mania  
Entre os homens nullidade,  
Excelso heroe na poesia.  
É poeta o crocodilo  
Quando com choro enganoso,  
Entre os homens busca asylo,  
Por modo tão ardiloso.  
É poeta, inda o mendigo,  
Quando na rua, deitado,  
Por dar ao seu mal abrigo  
N'um coração bem formado,  
Fingindo dôr, que não soffre,  
Atrôa os ares, chorando,  
Dando assim assalto ao cofre  
Da gente que vae passando:  
E em quanto que a *lei* vigora  
Diz-se que, em todo o Universo,  
É vate o que em verso chora,  
É bobo quem ri em verso!

*Boileau*, que a França admira,  
Que a fama exalta, indiscreta,  
Tocou a chulã na lyra,  
E suppôz que era poeta!...

*Molière* era um pateta,  
Com pretensões a engraçado,  
Com poetica mania ;  
E o povo, simples, coitado,  
Quando os seus cantos ouvia,  
De bôca aberta, espantado,  
Talento lhe concedia :  
Morrem, esses, vem a historia  
Levar seus nomes á gloria,  
Memoria dar-lhes, honrosa ;  
Mas a historia é mentirosa,  
Os homens aduladores ;  
Só os *criticos* d'agora,  
Eruditos, pensadores,  
Vem prestar culto á verdade,  
Mostrando a todo o Universo  
Que é vate o que em verso chora,  
Que é bobo quem ri em verso !

O *Diniz*, que a fama canta,  
Foi só jogral, e mais nada,  
Quando expôz, com graça tanta,  
Dos povos á gargalhada,  
O papalvo *Deão d'Elvas* <sup>(1)</sup> :  
Só quando, por entre as selvas,

(1) *Hyssope* . .

Contemplando a natureza,  
A Musa invocou, discreta,  
Dando largas á tristeza,  
Esqueceu-se, e foi poeta!

*Quando Elmano, o triste Elmano,*  
*Para desgraças nascido,*  
*Suspirava, em amorosos*  
*Pensamentos embebido,*  
Era *Elmano*, então, poeta;  
Mas quando arrojava a setta,  
Nos pungentes epigrammas,  
Cheios de sabia doutrina,  
Contra velhas, fôfas damas,  
Contra a fôfa Medicina; —  
Quando os zoilos castigava  
Com a satyra pungente,  
Inda que não estranhava  
*Vêr um cão morder na gente,*  
Seu estro nada valia!  
Juntando rimas a esmo,  
Separado da poesia,  
*Bocage* não era o mesmo!...  
O poeta quer-se, agora,  
Na tristeza sempre immerso;  
Que é vate o que em verso chora,  
É bobo quem ri em verso!

Era um louco o *Tolentino*,  
Quando á Musa galhofeira,  
Que vinha inspirar-lhe um hymno,  
Em leda canção ligeira,  
Ligava seu mau destino,  
E bradava, maldizente:  
*Ticio, de versos fallidos,*  
*Fabricante impertinente,*  
*Uns curtos, outros compridos,*  
*Quer que gemão igualmente*  
*As Imprensas, e os ouvidos:*  
Quando, porém, se abatia,  
Com as lagrimas lavando  
As plantas á fidalguia,  
Tristes endeixas cantando  
A quem as não entendia;  
Quando uma canção mimosa  
Por vil esmola trocava,  
Pulsando a lyra chorosa,  
Nas casas onde jantava;  
Então sim, que o *Tolentino*  
Era poeta ás direitas:  
Era escriptor muito fino,  
Que, bons versos semeando,  
Fazia bellas colheitas,  
Melhorava o seu destino!

● Dizem, pois, com fundamento,  
D'hoje os *criticos sizudos*,  
Que está só no sentimento,  
Longe de ditos agudos,  
A verdadeira poesia ; —  
E é por isso que, hoje em dia,  
Disparam, cada momento,  
Uma setta contra o vate  
Que dá trégoas ao tormento,  
E da Musa o riso adora : —  
Antes brilhe o disparate  
Em loucos prantos immerso ;  
Que é vate o que em verso chora,  
É bobo quem ri em verso !

**EPIGRAMMA.**

Um Doutor em Medicina,  
Bradava, ao ver um doente,  
Quasi sem vida, prostrado:  
— Quanto a sciencia me ensina,  
Sem lucro do padecente,  
Tudo aqui tenho esgotado! —

Às vezes, mais que a sciencia  
(Diz do lado um curioso)  
Deve a prática valer:  
D'esse mal contra a insistencia  
Falta ao Doutor, corajoso,  
Ao suicidio recorrer.

## NO ALBUM

DE E. A. NUNES PINTO.

A planta que, ao nascer, foi mal tratada,  
Se a vigiam, depois, é tudo em vão ;  
Rachitica nasceu, morre enfesada,  
Embora seja longa a duração :

Rasteiras plantas,  
Mimosas flôres,  
Gostosos fructos,  
De varias côres,  
Na terra existem,  
Que entre si dão  
Bem claras provas  
D'esta asserção.

A fera que nos montes foi nascida,  
Tenha, embora, depois, educação,  
Mostra instincto feroz, em toda a vida,  
Ninguem póde torcer-lhe a vocação : \*

Leões sanhudos,  
Bravas pantheras,  
(E, entre estes bichos,  
Humanas feras)  
Na terra existem,  
Que entre si dão  
Bem claras provas  
D'esta asserção.

Mancebo, que nasceu de paes incultos,  
Sem brio, sem saber, sem creação,  
Faz ao senso e à moral graves insultos,  
E chega — quando muito — a ser barão :

Barões ás duzias,  
Cem conselheiros,  
Ricos aos centos,  
Mil *batoteiros*,  
Na terra existem,  
Que entre si dão  
Bem claras provas  
D'esta asserção.

Edificio que teve em seu começo  
Alicerce mesquinho em construcção,  
Póde ao longe brilhar, ter alto apreço,  
Mas ha-de succumbir ao furacão :

Obras do estado,  
Palacios nobres,  
Altivos templos,  
Choupanas pobres,  
Na terra existem,  
Que entre si dão  
Bem claras provas  
D'esta asserção.

Um Album que, buscando o seu thesouro,  
Do talento se afasta, e da instrucção,  
Ha-de victima ser do mau agouro,  
Que, ao nascer, lhe marcára inculta mão :

Albums de sabios,  
Albums de loucos,  
Albums de damas,  
(E não são poucos)  
Na terra existem,  
Que entre si dão  
Bem claras provas  
D'esta asserção.

E eu marquei esse agouro : — se poeta,  
Contra o destino meu, quiz ser, em vão,  
Faço votos ao ceo, que de propheta  
N'este livro eu não mostre a vocação :

Versos e prosas  
D'altos engenhos,  
Ricos bordados,  
Bellos desenhos,  
Venham n'este Album  
Fazer junção:  
— Seja o mais pobre  
A introdução.

## NO ALBUM

DE JOAQUIM D'ARAUJO JUSARTE.

Pretendes que, em teu Album tendo ingresso,  
Um nome sem prestigio, seja audaz?  
E pões, com grave offensa do progresso,  
O azeite de purgueira ao pé do gaz?...

É fallaz a illusão que te alimenta  
O desejo d'ouvir meigas canções  
Da minha aspera lyra, ferrugenta,  
Que primas não tem já, tem só bordões.

Poeta já não sou, caro Jusarte,  
Nem sei mesmo se outr'ora o pude ser:  
Insóssas trovas, sem engenho ou arte,  
Nem talento revelam, nem saber.

Em fileira juntar rimas selectas,  
Sem logica, sem gosto e até sem lei,  
Muitos o fazem, que alguém diz poetas,  
E que mais nada sabem do que eu sei!

Eu sei que deve ser tristonho o vate,  
E aos vinte annos a morte já pedir,  
Embora, no funéreo disparate,  
Faça o tólo chorar, e o sabio rir.

Sei que o vate, infeliz, sua má sorte  
Nas folhas deve lér do malmequer,  
E se segue de amor, cantando, o norte,  
Um anjo deve ser toda a mulher.

Sei que a saudade, já na infancia, o mata,  
Que, triste, quer das noites o pavor;  
Sei que a lua nas aguas se retrata,  
Que é candida, singela e pura a flor.

Sei que a brisa é fagueira, e rôxa a aurora,  
Sei que é placido o rio, e vasto o mar;  
Sei que o poeta a solidão namora,  
Que a paz na campa, só, póde encontrar.

Sei que é negra a traição, meigo o sorriso,  
Que é partilha do vate a mágoa, a dôr;  
Conheço que é mister não ter juizo  
Para a moda seguir, e ser cantor.

Sem mais nada saber, falta d'engenho,  
Eu só quero ao teu mando obedecer:  
Tu chamaste por mim — submisso venho,  
Mais uma folha do teu livro encher.

**EPIGRAMMA.**

Certo adorador de Baccho  
Mandou fazer seu retrato  
Por afamado pintor,  
Para adorno de uma casa  
De que elle era bemfeitor.

« Percebo, lhe diz o artista,  
« Com affectados carinhos:  
« Quer collocal-o na sala  
« Da Companhia dos Vinhos. »

**SONETO.**

Sustentava um ratão que a fidalguia,  
Em ouro só fundada, era uma asneira ;  
Que a distincção, em todos frioleira,  
Na rica estupidez, crime seria :

Outro, que o grave assumpto discutia,  
O metal arguir julgou cegueira,  
Por *fidalgos* crear d'essa maneira,  
Visto que outros milagres já fazia :

Promette aquelle, então, com juramento,  
Á *burra*, que dinheiro só encerra,  
Sempre *excellencia* dar, d'esse momento :

Á justa decisão não faço guerra ;  
Que é bem que tenha a *burra* o tratamento  
Que tantos *burros* teem, na nossa terra.

**SONETO.**

(A UM VELHO CALVO).

Que te importa que façam zombaria  
D'essa calva que tens, branca e lustrosa?  
Tem São Pedro no ceo missão famosa,  
Embora a calva tenha luzidia.

Do bom santo collega a sympathia  
Póde ser-te, mais tarde, vantajosa,  
E dar-te no seu gremio entrada honrosa,  
Que Satanaz, no seu, te negaria:

Se has-de o remedio pôr, que se usa agora,  
É questão de capricho, em que eu não entro,  
Pois sei que a *banha d'urso* hoje vigora;

Mas o que eu sinto aqui, d'alma no centro,  
É que fertil não seja, cá por fóra,  
Tão esteril terreno, lá por dentro...

## INSTRUÇÕES DE UM BARÃO NOVO

A UM CRIADO VELHO (!).

Oh João ! Anda cá, quero fallar-te,  
Ensinar-te a viver d'hoje em diante ;  
E depois nada tens a desculpar-te,  
Se um dia eu te chamar tolo ou tratante !  
Ora olha se entendes bem !

*Eim?...*

No modo de tratar convém que andes  
Com mais delicadeza ; e tem cuidado !  
Olha que já não sou *Sé Zé Fernandes*,  
Como sempre, até-qui, me tens chamado !  
Se não és homem capaz...

*Zas!...*

E não te queixes ! — graças aos *sob'ranos*,  
Sou hoje *Sé Barão de Cascas d'Alhos* :  
Já servi, como tu, e ha poucos annos  
Para sempre deixei esses trabalhos !  
Inda tu serás *barão*,  
João !...

E não te rias ! — Olha que o dinheiro  
É capaz de fazer virar-se o mundo !  
Não has-de ser *barão*, ou *conselheiro*,  
Só porque outr'ora foi *carreiro* immundo  
Teu pae, ou teu avó?...  
*Bó!*...

Não chames a tua ama *Séra Anninhas*,  
Que ella agora é tambem *Sé Baroneza* :  
Se vier a *Maria das Sóquinhas*,  
Ou outra minha irmã, *Anna Thereza*,  
« Está cá o meu irmão ? »  
— Não ! —

Que não saiba ninguem que essas mulheres  
São irmãs d'um fidalgo tão distincto :  
E previne-as tu lá, como podéres,  
Que ouvir d'ellas um — *tu* — já não consinto !  
Que ellas o não saibam já,  
Vá !...

*Carreiros* todos são os meus parentes,  
E não sabem tratar com gente nobre ;  
Mas quando traga algum roupas decentes,  
E tu vejas que á porta se descobre,  
E — « O Sé Barão já *bêu*?...  
— *Bêu!* —

Sempre á porta estarás — e tem paciencia,  
Que para outros serviços te não chamo :  
Darás a toda a gente uma *excellencia*,  
E saberão, assim, que a tem teu amo ;  
E se algum se rir, de mau,  
Pau!...

E quando no portal juntos estejam,  
Á espera de teu amo, alguns sujeitos,  
Embora mal-criados elles sejam,  
E conversem, notando-me defeitos,  
Tu, como quem não ouviu,  
*Siu!*...

Inda mesmo que algum, mais atrevido,  
Diga que rico sou, por ser tratante,  
Que sou por grande parvo conhecido,  
E, por minha conducta degradante,  
Na fidalguia um labéu,  
*Chéu!*...

Não te esqueças, João, do que te digo,  
Nem faltes ao programma um só momento ;  
Bem vês que hoje um Barão é grande amigo :  
E lembra-te que o teu regulamento,  
Sem falta, começará  
Já !

Se um *bosmecé* me dás, ou a tua ama,  
Tomando contra ti, por mariola,  
Vingança que esse crime atroz reclama,  
Fecho-te, lanço mão d'uma pistola,  
E, sem ter pesar algum,  
*Pum!*...

---

NOTA.

(<sup>1</sup>) Saibam todos quantos virem este publico instrumento, que, escrevendo esta peça, não levei em vista pregar uma peça a ninguém. Graças a Deus, ha muitos Barões no mundo, e sentirei amargamente que esses que por ahí andam com a calva á mostra, disputem entre si a posse da carapuça que talhei sem medida; no entanto não pretenderei tiral-a de qualquer cabeça onde a pozerem.

## O VENTO LESTE.

N'uma caverna escura, onde inda a furto  
Nem cala a luz do sol, nem brilha o dia,  
Onde apenas do tecto humido e triste  
Lanterna quasi moribunda pende,  
Morada os genios tem, que o mundo infestam :  
D'alli vão de tropel varrer do Globo  
Os debeis restos de sciencia e pejo.

J. A. DE MACEDO—*Os Burros*—Canto 2.º

Um dia em que o vento leste  
Fortemente sibilava,  
A revolta em *Rilhafolles*,  
Ao mundo terror causava.

D'esses tantos infelizes,  
Que a razão abandonára,  
Nem um, no fatal momento,  
Ao repouso se entregára !

Um, soprando furibundo,  
E correndo a casa inteira,  
Gritava, com voz roufenha :  
*Oh! que brisa tão faqueira !*

6 \*

Fitando os olhos no tecto,  
E as moscas indigitando,  
Vinde vêr — outro dizia —  
*As estrellas scintillando !*

Outro, na cama estendido,  
Alto bradava : « Oh rapaz !  
Fecha a janella !... estou morto !  
*Só da campa quero a paz ! »*

Dançando, como um possesso,  
Um gritava com furor :  
Oh ! caramba ! — *Eu vim ao mundo*  
*P'ra ser victima da dor !*

Apalpando o peito a todos,  
Tocando, depois, no seu,  
Este diz : « Ninguem me empresta  
*Um peito que entenda o meu ? »*

Aquelle, firme e sisudo,  
Vendo os outros, brada : « Olé !  
« Vejam lá que me não toquem,  
*« Sou um cadaver de pé ! »*

Orneia ao longe um sendeiro,  
Diz um, cheio de paixão :  
*Eis a voz meiga e sentida*  
*Que me falla ao coração !*

Outro, arreganhando a bôca,  
Bradava : — Olhem para mim ;  
Vejam quantos annos tenho,  
*N'estes dentes de marfim ! »*

Este, vendo outro engasgado,  
Lhe diz : « Não cuspas no chão :  
Cospe aqui — *nos seios d'alma,*  
*No fundo do coração !*

E cahindo-lhe a resposta  
N'um olho, diz elle agora :  
Oh ! como é vivificante  
*O dôce orvalho da aurora !*

E juntos, cada um dos doudos  
Solta a propria inspiração,  
Em toda a casa espalhando  
Alarido e confusão !

*Zé Povo*, que era o porteiro,  
Seu lugar deixa, espantado,  
E, correndo a enfermaria,  
Exclama, todo pasmado :

« Oh que genios! — que talentos  
« Tem Portugal produzido!  
« Que pensamentos sublimes  
« Hoje tenho aqui ouvido! »

E, a porta aberta deixando,  
Fogem todos os patetas!  
— Desde então, por toda a parte,  
Ninguem vê senão *poetas!* —

## HONTEM! HOJE! AMANHÃ.

Teem quintas, teem jardins, coches, palacios,  
Teem argentea chapada em peito immundo,  
Que inda outro dia se encurvou co'o péso  
De canga, em que levou caixa d'assucar,  
Em quanto o Benemerito, gemendo,  
Banha o pão com suor, se acaso o come!

J. A. DE MACEDO—*Os Burros*—Canto 4.º

### I.

Feliz tempo era aquelle em que d'aldeia,  
Em mangas de camisa um moço vinha ;  
Espetada n'um pau a sacca cheia,  
Na cabeça um farrapo, sobre a *tinha* :  
Ao lado a *Séra Mãe*, trazendo a teia  
Que fiára interessada co'a visinha :  
De *maiata* na mão, o pae adiante,  
Que ia o rapaz fazer *quenociante*.

De bôca aberta, o moço o Porto entrava,  
Que uma grandeza assim jámais a vira ;  
Por vêr o mar, á Foz se encaminhava,  
Nos contos a pensar, que aos paes ouvira ;

De lá, vinha ao patrão, que o aguardava,  
E, de bancos, a cama construíra :  
— E o rapaz, que até li jámais chorára,  
Com lagrimas, então, lavava a cara !

Entre assucar, arroz, feijão, toucinho,  
O pobre do labroste encarcerado,  
O bico não abria, coitadinho,  
Porque via o patrão, firme, a seu lado ;  
Um nicho tinha, á porta, um bom santinho,  
Com azeite da casa alumiado :  
— Da loja era o signal, e os bons freguezes  
A esmolinha deixavam muitas vezes.

Ao almoço, ao jantar e á cêa havia  
Bom caldo de feijões, sardinha assada ;  
Para cada comida se partia  
Bella brôa, de côdea arreganhada ;  
E se agua, em vez de vinho, se bebia,  
Era sempre de fonte acreditada :  
Ás noites o rapaz, tocando o berço  
Com a familia, então, resava o terço.

Assim passava um dia, um mez, e um anno ;  
E chegando, por fim, a ser caixeiro,  
O rapado chapéu, niza de panno,  
O seu fato compunham domingueiro :

Patrão não consta haver que, por insano,  
Lhe dêsse para o bolso algum dinheiro,  
Quando, alegre com tanta liberdade,  
Ia ao Senhor ao Carmo, ou á Trindade.

Era *escravo* o rapaz que assim vivia ;  
Mas se um dia pozesse loja sua,  
Systema que aprendêra inda seguia ;  
E não pondo, á semana, os pés na rua,  
Saudava sempre o sol quando nascia,  
Sem que visse, jámais, surgir a lua !  
E alguns d'estes houveram, sendo honrados,  
Que chegaram a ter *dez mil cruzados* !

E se alguns, por negocio, ou por herança,  
Mais grossos cabedaes amontoaram,  
Ninguem na vida sua viu mudança !  
— De borel os calções nunca largaram,  
Fazendo consistir à sua chance  
No *rabicho*, que sempre conservaram :  
— Um *rabicho* dos taes (e não é graça)  
Valia mais do que hoje toda a praça !

Não deixava d'haver algum vadio  
Que, em vez d'este viver seguir á risca,  
Gostasse, ás vezes, d'ir lavar-se ao rio,  
Ou as noites passar jogando a bisca,

E no domingo á tarde, sendo estio,  
Ir petiscar á tasca da *Francisca* !  
E até me consta d'um, tão *estovado*,  
Que no theatro, uma vez, foi encontrado !!!!!

II.

Como vinham vem hoje... isso é verdade,  
Que os costumes não mudam, lá n'aldeia ;  
Mas, apenas se pilham na cidade,  
Onde, sem freio, o vicio audaz campeia,  
Já querem, *para si*, mais liberdade,  
E, seja como fôr, a bolsa cheia ;  
— E ha borrêgo, que vendo-se caixeiro  
Já pensa dominar o mundo inteiro !

Fumando o cigarrinho, ás escondidas,  
Jogando, na espelunca, o *seu* sob'rano,  
Mil prendas offertando ás *pretendidas*,  
Aprendendo a dançar, com fogo insano,  
Mais do que se ganhava em duas vidas,  
Um caixeiro, dos taes, gasta n'um anno ;  
Mas na gaveta faz grossa avaria,  
Que inda ha pouco o patrão tambem fazia.

Com tal educação, se póde em breve  
Ser ou chamar-se a si, commerciante,  
Com cara sem pudôr, consciencia leve,  
Traficancia não ha, de que se espante;  
Que, se muito roubou, se muito deve,  
Entre a gente *do tom*, mais brilha ovante:  
Quem dinheiro mostrar, seu ou alheio,  
D'*honras*, e distincções se verá cheio!

Subindo, com *negocio de segredo*,  
Não teme o *negociante* uma fallencia;  
O que outr'ora rendeu longo degedo,  
Rende hoje uma *commenda*, ou a *excellencia*;  
De bem com a justiça, não tem mêdo,  
Nem honra, nem vergonha, nem consciencia;  
Cigano d'hontem, hoje proprietario,  
Ámanhã é *barão* e milionario!

Usuras de tremer, dolosas vendas,  
Moeda falsa, firmas imitadas,  
Corretagem d'*empregos e commendas*,  
Gordas heranças, por dez reis compradas,  
Roubados os direitos nas fazendas,  
E outras coisas, nas *lojas* combinadas,  
Eis a *liza* vereda que hoje guia  
Um *malandro* qualquer á *fidalgua*!

E quantos magarefes hoje vejo  
Que em pouco tempo, assim, se engrandeceram,  
E de encararem Christo não teem pejo,  
Se bem que, pondo-o em si, o escarneceram ;  
E nem de jejuar perdem o ensejo,  
Quando até *carne humana* já venderam !  
— Por vós, *Santos Varões*, quem fôr honrado,  
Nem apenas consente ser tocado ! —

A toda a parte vão, fazem-se finos,  
Os pobres papelões, *nobres senhores* ;  
E soltando, sem conto, os desatinos  
Pretendem figurar como *oradores* ;  
Mas quem servil não é, de taes *meninos*  
Amizade não quer, nem quer favores ;  
E chamando-lhes — parvos — asnos — tolos —  
Se lhes pilhasse as mãos, dava-lhes bolos !

### III.

É este dos taes *melros* o presente ! —  
Mas pensemos, agora, no futuro :  
Aonde irá, por fim, parar tal gente ?  
— Se o meu entendimento, já maduro,  
Quando em taes homens penso, me não mente,  
Serão por ahi lançados ao monturo ;  
Ou, se do mundo regular a bola,  
Seus dias findarão, lá por Angola !...

## UM PROGRESSISTA E UM RETROGRADO.

DIALOGO.

**Progressista.**

Curve a frente, amigo velho,  
Respeite as leis do progresso :  
Em cada instanté, um successo  
Vem servir-lhe, aqui, d'espelho!  
Adore-o, dobre o joelho  
Ante o seculo das luzes :  
Nossos paes foram lapuzes,  
Nem os movia uma espora ;  
Hoje, o mundo é uma nora,  
E nós, todos, alcatruzes!

\*

**Retrogrado.**

Uma nora?... concordo... mas a nora  
Movida sempre foi por um sendeiro!  
— É por isso, talvez, que eu vejo agora  
Dar voltas, sem parar, o mundo inteiro!

**Progressista.**

Da questão não fuja, amigo,  
Que é sophisma o seu gracejo:  
Eu só conto quanto vejo,  
Peze bem quanto lhe digo:  
Compare esse tempo antigo  
Com este da nossa idade:  
Tudo, então, era maldade,  
Tudo, agora, é bizzarria;  
Houve, em tudo, hypocrisia,  
Reina, em tudo, a liberdade!

**Retrogrado.**

Liberdade?!... que enlevo!... que doçura  
Encerra essa palavra abençoada!  
Lamento que, entre nós, mande a loucura  
Que haja a palavra, apenas, e mais nada!

**Progressista.**

Oh! cegueira! Pois na imprensa  
Não encontra um desengano!

Pois não vê que hoje um tyranno  
Já não faz ao povo offensa!  
Que tudo o que um homem pensa  
Póde transmittil-o ao mundo?  
Que hoje o pensador fecundo,  
Concebendo altas ideias,  
Desprende ao genio as cadeias,  
E espalha o saber profundo?

**Retrogrado.**

O saber?... Que illusão!... A livre imprensa  
Não é mais, entre nós, que uma tontice:  
Póde escrever, qualquer; tudo o que pensa?  
— Arvorou-se o reinado da sandice! —

**Progressista.**

O telegrapho, meu caro,  
Que a electricidade move,  
Não é cousa que lhe prove  
O poder d'um genio raro?  
Seja o tempo escuro, ou claro,  
Cáia a chuva, ou sobre o vento,  
Graças ao pasmoso invento,  
Que a fama ao longe apregôa,  
Uma noticia, hoje, vôa,  
Como vôa o pensamento!

**Retrogrado.**

É famosa invenção!... E duradoura,  
Se arriscada não fosse a mil vexames:  
Se um garoto, na mão leva a tesoura,  
Corta o progresso, que anda por arames!

**Progressista.**

E o vapor, velho teimoso,  
Nem esse o peito lhe aquece?  
As vantagens desconhece  
D'esse invento magestoso?  
Não vê que o mar, furioso,  
Se curva a tal maravilha;  
Que uma nau, a vapor, brilha,  
Navegando até Benguella,  
Em quanto um barco de vela  
Anda apenas meia milha?

**Retrogrado.**

E o risco não é mais? — diga a verdade! —  
A presteza é maior; — mas, em resumo,  
N'esse caso, o que é mau é realidade,  
E o que é bom... é vapor... ou antes... fumo!

**Progressista.**

E que diz das ferreas vias,  
D'essa grande maravilha,

Estranha á sua cartilha,  
Tão brilhante em nossos dias?  
No gozo das regalias  
Que essa invenção nos promette,  
Póde ir... ao *Monte Olivete*,  
Ou mais longe, e não se move!...  
— Sáe d'aqui no dia nove,  
Chega lá... no dia sete!

**Retrogrado.**

Pois, se anda para traz o tal carrinho,  
De tão grande vantagem não preciso;  
Mas... inda que a voar vença o caminho,  
Já lá vão encontrar o seu juizo!

**Progressista.**

Assim me diz que sou tolo,  
Um retrogrado caturra?  
— Pois eu não desço da burra  
Sem limpar-lhe esse miolo:  
Dava-lhe, até, muito bolo,  
Se não respeitasse a idade;  
Mas diga — e falle verdade,  
Nossos paes que nos legaram?  
Que vantagens nos ficaram  
Dos heroes d'antiguidade?

**Retrogrado.**

Que vantagens?—Não sabe?—caro amigo—  
Pois saiba, e desengane este bom povo:  
— O que é solido, e bom — é tudo antigo, —  
O que é fumo, e loucura — é tudo novo.

**Progressista.**

Não falle d'essa maneira!  
Aponte uma cousa boa,  
D'esses tempos, que apregôa,  
Do rabicho e cabelleira!  
Cousa — que não seja asneira —  
Que tivesse então valia,  
E que mereça, hoje em dia,  
As honras do nosso culto:  
— Algum escriptor de vulto,  
Ou na prosa, ou na poesia! —

**Retrogrado.**

Na poesia?— *Camões*... não foi poeta?  
E não vale o *Bocage* alguma cousa?...  
— Em prosa?... Não será cousa selecta,  
De grande vulto, o *Frei Luiz de Souza*?

**Progressista.**

Oh! que eternos massadores  
Os taes poetas da gemma!...

O *Camões* tem um poema,  
Em dez cantos semsabores:  
*Bocage*, cantando amores,  
Nada mais foi que um pateta:  
Tocou da vaidade a meta,  
De papel encheu mil resmas,  
E as ideias... sempre as mesmas...  
Porque nunca foi poeta!

**Retrogrado.**

Que blasphemia, senhor!... Ai que peccado!  
Em taes homens o genio desconhece?!  
Basta... que póde ser excommungado...  
E em prosa?... o *Frei Luiz*, que lhe parece?

**Progressista.**

*Frei Luiz* foi uma praga  
Sobre o bom senso cahida,  
Quando quiz contar a vida  
D'um *Arcebispo de Braga*:  
O bom gosto, alli, se estraga; —  
Sem acção, sem unidade,  
Ficções, em vez de verdade,  
Que tem essa historia chula?  
Por baixo do frade, a mula,  
Por cima da mula, o frade!

**Retrogrado.**

Oh! pelo amor de Deus! Siga outra via,  
Que essa leva-o direito á vã loucura!  
É hoje, na moderna *algaravia*,  
Que nós temos a sã litteratura?

**Progressista.**

Sim, senhor, vates aos centos,  
Que das *Marilias* não fallam,  
Nem o mau perfume exhalam  
Dos da esçhola dos *quinhentos*:  
Hoje ha grandes pensamentos,  
Canta-se em verso a belleza,  
Do vasto mar a grandeza,  
A rosa, a brisa fagueira,  
Lua, sol, e a terra inteira,  
Tudo quanto é natureza!

**Retrogrado.**

Grandes cousas se cantam! Disparates,  
Que nem recreio dão, nem mostram veia!  
Veja se quatrocentos d'esses vates  
Podem, juntos, fazer uma epopeia?!...

**Progressista.**

Uma epopeia! Ora, amigo,  
Mande a epopeia aos infernos!

Os *aquilões* e os *phalernos*  
Sopraram, no tempo antigo!  
Trouxe o progresso comsigo  
Moda que melhor pareça:  
Poemas não engrandeça,  
Que a ninguém já dão a palma:  
Hoje a poesia é d'alma,  
A d'então foi da cabeça!

**Retrogrado.**

Decantada razão! Razão suprema!  
Se, então, foi da cabeça a poesia,  
Ninguém póde escrever hoje um poema,  
Pois cabeças não ha que então havia.

**Progressista.**

Basta, amigo, não se cance!  
Bem vê que apregôa a fama  
A cada canto um bom drama,  
A cada esquina um romance:  
Com obras de tanto alcance  
Faz-se a nação conhecida:  
A mocidade instruida,  
Deixando a Mythologia,  
É grande quando copia  
As scenas d'intima vida.

**Retrogrado.**

Em lugar do saber, ha hoje orgulho!  
Sem preceder d'estudo um anno inteiro,  
Faz-se um romance, um drama de barulho,  
Copiando uma bulha de soalheiro!

**Progressista.**

Qual soalheiro?! Pois o mundo,  
Que é tão vasto e variado,  
Não pôde ser explorado  
Por um pensador profundo?!  
Junta-se ao quadro jucundo  
Um quadro de desventura,  
Riso e pranto, de mistura,  
Ligados com artificio,  
E assim se corrige o vicio:  
— Isto é que é litteratura! —

**Retrogrado.**

Mas eu vejo que, apenas sáe da escola  
Já faz qualquer mancebo espalhafato,  
Dá, pelos botequins, muita parola,  
E ganha fama, assim, de litterato!

**Progressista.**

Muito bem! Pois isso prova,  
Ao fossil mais rabugento,

Que o ceo tornára o talento  
Vulgar, na geração nova !  
Já não vem perto da cova  
O entendimento maduro :  
Tudo é progresso — eu lhe juro,  
Se o não vedar a preguiça,  
Que ha-de fazer-nos justiça,  
Dar-nos valor, o futuro.

**Retrogrado.**

O futuro ! — meu caro — isso é brinquedo !  
Não se faz a conquista sem estudo !  
— Creia que morrerão juntos, e cêdo,  
Esses homens, seus nomes, obras, tudo !

**Progressista.**

Olhe, amigo, tal massada  
Já me vae aborrecendo :  
Eu sou forte, não me rendo  
A uma praça estropiada ;  
E, se não consigo nada,  
Cansar-me, em vão, é tontice :  
N'uma creança a perrice  
Resiste mesmo ao castigo ;  
E eu supponho-o, meu amigo,  
Na segunda meninice !

**Metrogrado.**

Triumphe a asneira, então, porque é prudente  
Quem mais juizo tem, ser mais calado ;  
— Vá gosando as delicias do presente,  
E deixe-me, a chorar, pelo passado.

**EPIGRAMMA.**

Um sujeito, em mim attento,  
Vêr um mau homem, dizia.  
— Reflectiam, como espelhos,  
Certos botões que eu trazia. —

## NO ALBUM

DE D. MARGARIDA CANDIDA D'ARAUJO MARTINS.

### TRIBUTO.

Com tributos calcado, o pobre povo  
Bradava contra os duros oppressores,  
Quando no Album surgiu tributo novo,  
Lançado sobre os tristes escriptores.

Aquelle que, d'orgulho possuido,  
Á luz publica dava o que escrevia,  
Sem mover compaixão, foi compellido  
A vir aqui pagar tanta ousadia.

Seu dominio exercendo, o patronato  
O rico protegeu, vexando o pobre;  
Perante o seu poder, despota, ingrato,  
Não vale, em genio, ser plebeu ou nobre.

O rico, por-dever mais tributado,  
Mais avaro se faz da intelligencia ;  
E com seu nome, só, que offerta ousado,  
Da tributaria lei cala a exigencia.

Do pobre a condição, sempre mais dura,  
O sujeita a esgotar parco thesouro ;  
Que o nome obscuro, só, ante a censura,  
Lhe ganha de vaidoso o atroz desdouro.

E o Album, cobrador d'esse tributo,  
Recebe, alegre, o nome do opulento,  
Em quanto ao cabedal mais diminuto  
Mais pretende extorquir no pagamento.

E eu, multado por vós — embora sóbre  
Desejo de cumprir — pagar não posso .  
O cofre do talento, exausto e pobre,  
Já não póde preencher desejo vosso.

Desculpae-me, senhora! — o negro acinte  
Não me faz esquivar a tal *derrama* ;  
Que é lisongeiro o ser *contribuinte*,  
Quando é *recebedor* mimosa dama.

POR OCCASIÃO DA ASCENSÃO DOS DOIS AERONAUTAS, MR. POITEVIN, E UM  
JUMENTO, NO PORTO, NO DIA 23 D'AGOSTO DE 1857.

**SONETO.**

Intrepido Francez! — Bem mal conheces  
A terra onde augmentar tentas a gloria!  
Não deixarás aqui longa memoria,  
Nem applausos terás — que os não mereces!

Se, um burro ao ar erguendo, te engrandeces,  
Lá na França, onde tens fama notoria,  
Basta que esse paiz te dê na historia  
O lugar que te deve, e que appeteces:

Embora um asno aqui suba contigo,  
Só porque vaes com elle, exposto aos ventos,  
Entre essas multidões achas abrigo:

Vae mais longe mostrar os teus inventos,  
Que é costume, no Porto, muito antigo,  
Subirem, mais que os homens, os jumentos.

## A UM DOUTOR.

Que a pobre, atormentada humanidade,  
Se desforre uma vez co'a faculdade.

GARRETT—*Fabulas e Contos.*

Meu Doutor! A tua fama  
Já não póde ir mais além;  
Muitos a *cantam*, na cama,  
Pungidos, d'ancias que teem:  
Por teu engenho assombrados,  
Conservam-se outros calados,  
Que fizeste emmudecer,  
E, á Medicina rendidos,  
Jazem por terra estendidos,  
Em honra do teu saber!

Nos discursos, retumbante,  
Difficil de traduzir,  
Nunca te falta um pedante  
Que pasme, só de te ouvir;  
Inchando, então, as bochechas,  
De vento cheio, não fechas,  
A torneira aos palavrões,  
Que, em perdigotos envoltos,  
D'esse charco immundo soltos,  
Vão fugindo, aos encontrões!

Cavalgando a velha mula,  
Que fórma, contigo, um par,  
Levas a sciencia nulla  
Onde a mula te levar:  
Da morte ás portas, o enfermo,  
Para achar ao mal um termo,  
Que receitas basta só;  
E deixas, na despedida,  
A familia tão sentida  
Que, saudosa veste dó!...

Se divagando nas ruas,  
No meio da multidão,  
Se curvam ás plantas tuas  
Muitos, que passando vão,  
São sacristães, armadores,

Cereeiros, esculptores,  
Que encontras aqui e alli;  
São padres que, sem estudos,  
Nédeos, sempre, e rechonchudos,  
Mais que um pae acham em ti.

Tens monumentos em vida  
Que, mortos, sabios não teem;  
Não vês uma lousa erguida,  
Vês uma duzia, vês cem,  
Ganhas todas n'um momento;  
Que te rende um monumento  
Cada receita que dás;  
Não esperas pela historia,  
Tens, em vida, a tua gloria  
Fundada n'um « aqui jaz! »

Se estúpido alguém te chama,  
Perdôas, ficas a rir;  
Que, depois de ganha, a fama  
Vae-se augmentando, a dormir:  
Tu dormes para a sciencia,  
Mas gosas d'alta ascendencia,  
Sobre os loucos, qual tu és;  
E, embora o genio falleça,  
Tu conheces que a cabeça  
Faz menos bulha que os pés.

E immensas patadas dando,  
Mais largo terreno tens,  
Pelo qual vaes caminhando  
Á posse de largos bens:  
Em quanto os que genio ostentam  
D'ar e vento se alimentam,  
Engordas, e tens vigor;  
E, se os sabios te diffamam,  
Para os parvos, que te chamam,  
És, como aquelles, doutor!

Falla de ti a gazeta,  
Como dos sabios, ou mais;  
Pelo ouro triumphas a pêta,  
Seu poder não tem rivaes:  
Se curas, ganhas imperio;  
Se matas, no cemiterio  
Teu crime escondido jaz;  
E, se sáe, tens a certeza  
Que hão-de mover-te a defeza  
Razões *de péso*, que dás.

Que tem que o teu nome seja  
Um ludibrio para alguém,  
Se tu dizes que da inveja  
O que outros dizem, provém?  
Que importa aos mais, que á ventura

Tu devas alguma cura,  
Que a reputação te dá?  
Se matas, de que tens medo?  
Os jornaes *guardam* segredo,  
E os mortos não tornam cá.

Meu Doutor, a tua fama  
Já não póde ir mais além;  
Muitos a *cantam*, na cama,  
Pungidos d'ancias que teem:  
Por teu engenho assombrados  
Conservam-se outros calados,  
Que fizeste emmudecer;  
E, á Medicina rendidos,  
Jazem por terra estendidos,  
Em honra do teu saber.

## DESPEDIDA.

Quaes pião pela Mãe os pintainhos,  
Assim chama por ti toda esta gente,  
Parentes, convidados e visinhos.  
GARÇÃO.

Adeus, anjo d'amor, a quem outr'ora  
Como louco adorei! — Não posso agora  
Prestar-te adoração!  
Roubou-te aos olhos meus a moda estulta  
Que, bem a meu pesar, te guarda occulta  
No seio d'um balão!

Debalde, lá no centro d'essa bola,  
Chiando, como passaro em gaiola,  
Imploras compaixão;  
Que, d'alheio contacto defendida,  
Não vae piedosa mão salvar-te a vida  
Ao bojo d'um balão!

Lá n'esse globo teu, largo e rotundo,  
Não inspiras amor; — vives n'um mundo  
D'arame e papelão!  
Qual no sino, a tocar, soffre o badalo,  
Soffre teu corpo ahí contínuo abalo  
Na bôca d'um balão!

Em vão inda hoje amar tentas, incauta!  
Não sabe dar o amor, como aereonauta,  
Aos balões, direcção;  
E amor, tão caprichoso e delicado,  
Entregar-se não quer, abandonado,  
Á sorte d'um balão!

Já não podes d'amor soffrer o ataque;  
Não faz a setta sua ao *mirinaque*  
Nem leve contusão!  
É reducto que assusta o mundo inteiro;  
Que não póde a mulher ser fogareiro  
No ventre d'um balão!

Foi-se aquella elegancia, em que eu fitava,  
Ardente, os olhos meus: — hoje és escrava  
De mais louca paixão!  
Quanto foste elegante, hoje és redonda:  
Debalde te baloiças como a onda  
No fundo d'um balão!

Já não vão, como d'antes, mil suspiros,  
Em cardume, velozes como tiros,  
    Ferir-te o coração!  
Hoje, assim, com as velas enfunadas,  
Tens, em vez de suspiros, gargalhadas,  
    Em torno do balão!

Morreste para amor! — Maldita moda,  
Que te fez a cabeça andar á roda,  
    E perder a razão;  
Maldita, que depois de vêr-te louca,  
Fez-te cega, tambem, tornou-te mouca,  
    E inventou o balão!

O progresso, entre nós inda inexperto,  
Não fez o que tú vaes fazer, de certo,  
    Banir o carroção;  
Que hão-de todos os bois gordos, possantes,  
Empregar-se em puxar, com bons tírantes,  
    A mulher e o balão!

Debalde suspiro agora  
Por um anjo que perdi,  
E que amei, quando, cá fóra,  
Tão cheio d'encantos, vi! —  
D'essa bola azabumbada  
Foge, foge, oh minha amada,

Vem dar-me na terra um ceo!  
Não quero vêr-te perdida,  
N'essa maquina mettida,  
Como em boceta o chapeo!

Despedaça esses arames,  
Vem ser livre como eu sou;  
Lá dentro, por mais que chames,  
Não vences, que eu lá não vou! —  
Mas... tu foste aqui rainha,  
E has-de assim, triste, e sósinha,  
N'essa gaiola acabar? —  
Vem gosar terra mais larga!  
Se a moda te pôz a carga,  
Lança tu a carga ao mar!

Se inda tens um peito amante,  
Se inda pulsa o coração,  
Surge, bella e radiante,  
Da campa de papelão!  
Não queiras que eu grave n'ella:  
« Aqui jaz uma donzella,  
« Que foi, cá fóra, o meu bem:  
« Matou-a a moda maldita:  
« — Foi pena, que era bonita,  
« Mas era louca tambem! »

E se não vens, desgraçada,  
Não queiras lá viver só;  
Que ao vêr-te, assim, isolada,  
Morro de mágoa e de dó!  
Deixa embora o mundo antigo,  
Mas que vá viver contigo  
A familia que tens cá:  
Não lhe negues teu auxilio,  
Que é bem vasto o domicilio,  
Cabe uma cidade lá!

Se ahi não chega o meu pranto,  
Nem ouves o choro meu,  
— Porque este mundo é um canto  
D'esse largo mundo teu —  
Ouve os apupos do povo,  
Que, ao vêr esse mundo novo  
A correr sobre dous pés,  
Com á mente desvairada,  
Póde, no fim da apupada,  
Desfazêl-o a pontapés!

## N'UM ALBUM.

SONETO.

N'um album escrever é negra empreza,  
De que o vate jámais sáe triumphante!  
— Se é no canto singelo — é ignorante,  
Se é pomposo — renega a natureza :

Se não cita ninguem — mostra pobreza,  
Se faz mil citações — é um pedante ; —  
Se é prodigo em louvor — é repugnante ;  
Se não louva — não tem delicadeza.

Se dá cantos d'amor — é um baboso —  
Se em prosa escreve, só — quer ser rogado —  
Se escreve em prosa e verso — é orgulhoso —

Se enche muito papel — é desalmado —  
Se breve assumpto escolhe — é preguiçoso —  
Se recusa escrever — é mal-creado.

## A UM DENTISTA

QUE PERCORRIA AS RUAS DO PORTO, A CAVALLO,  
TIRANDO DENTES.

Não pretende ajuntar fundo  
C'os grandes segredos seus;  
E cheio de dó profundo,  
Tira pelo amor de Deus  
Os dentes a todo o Mundo.  
N. TOLENTINO.

Se pôde um mortal ousado  
Subir da alimaria ás ancas,  
Em que anda o *genio* montado,  
E de lá, em trovas mancas,  
Elevar ao *genio* um brado ; —

Se arvorar pôde a bandeira  
Quem no engenho é tão pequeno  
Como és tu grande na asneira,  
Mas que, ao teu mais leve aceno,  
Pôde erguer muita poeira ; —

Se d'entre mil concorrentes,  
De quem applausos conquistas,  
Póde um, dos mais reverentes,  
(Que, por fugir aos dentistas,  
Conserva todos os dentes),

Erguer-se, cheio d'espanto,  
Pelos milagres que fazes,  
Que envergonham qualquer santo,  
— Deixa lá esses rapazes,  
DULCAMARA, ouve o meu canto!

És um heroe, sem segundo,  
É grande teu nome ingente!  
Teu saber é tão profundo,  
Que, por ter que dar ao dente,  
Deixas sem dentes o mundo!

De *pintos* enchendo o papo  
Com ligeireza notoria,  
Como artista que és, guapo,  
Déste, para tua gloria,  
No fossilismo um sopapo!

Dentista por excellencia,  
Teu grande engenho mostraste,  
Tua vasta sapiencia,  
Quando um burro associaste  
Á tua egregia sciencia!

Tão nobre fraternidade,  
Tornará teu nome eterno;  
E, por tanta heroicidade,  
No ceo, na terra, no inferno  
Terás a immortalidade!

Não é crível que se tope  
Um talento abalisado,  
Tão digno d'um novo *Hyssope*,  
Como tu que, bem montado,  
Tiras dentes a galope!

Espantam-se o sol e a lua,  
Por vêrem que é um theatro  
De teus feitos, cada rua;—  
Que andar a *sciencia* a quatro,  
N'esta terra, é obra tua!

Que importa que ao forte braço,  
Que empunha o ferro potente,  
Ceda o enfermo, n'um abraço,  
E, ao passo que sáe um dente,  
Fuja do queixo um pedaço?

Que importa, se, onde eu não chego,  
A dar-te fama notoria,  
Vaes ao Turco,,ao Indio, ao Grego,  
Mostrar, por trophéo de gloria,  
A queixada de um gallego?!

Que importa que brade a inveja  
Contra ti vociferando,  
Se, em quanto que ella moteja,  
O mundo vaes desdentando,  
E a estupidez te festeja?

És do progresso um agente,  
Que, em vez de fôfas toalhas,  
E bacias d'agua quente,  
Sobre um burro, só, trabalhas,  
Porque não te soffre a gente?

Tens mais grande clientella  
Que os dentistas rabujentos ;  
Porque tens uma *gazella*,  
E, em vez de mil instrumentos,  
Precisas só de uma sella.

Não póde a maledicencia  
Dar ao teu credito abalo,  
Diga, embora, sem consciencia,  
Que, pondo a *sciencia* a cavallo,  
Has-de apeaar a *sciencia* !

Que o estúpido aguadeiro  
Que, estrondoso, solta um urro,  
Ao largar um queixo inteiro,  
Se escapa ao couce do burro,  
O leva do cavalleiro !

Deixa-os lá, não lhes resistas,  
E, com teu *genio* fecundo,  
Vae fazendo mil conquistas,  
E ao mundo mostra que o mundo  
É dominio dos *dentistas*.

## VIROU-SE O MUNDO!

O dinheiro tolheu tudo,  
Alma, coragem, valor,  
Independencia, lisura,  
Honra, vergonha, bravura,  
Nobreza, fé, e primor.  
C. CASTELLO-BRANCO.

O mundo está virado, e até no forro,  
Se na capa não tenta achar soccorro,  
As nódoas patenteia, com que outr'ora  
Tão ascoroso estava, já, por fóra!  
Temendo polluir-se, o homem honrado,  
Que não quer, como o mundo, ser virado,  
Foge-lhe, e vae buscar na sepultura  
Outra terra melhor, por ser mais pura,  
Que o não manche do lódo, vil e immundo,  
Com que manchado via todo o mundo!

Anda tudo ás avessas! A virtude  
Já por aqui não acha quem a ajude

A ostentar-se, vaidosa, além do crime,  
E começa a torcer-se, como um vime,  
Tomando fórmas taes que, assim torcida,  
Com o vicio vae sendo confundida ;  
E o mundo, que por ella tem desprêso,  
Encontral-a só cuida onde acha *pêso* !

Virada foi tambem a linguagem !  
A « *honra* » — lindo termo — fez viagem,  
Deixando em seu lugar outro, o « *dinheiro* »  
Que é, para os egoistas, lisongeiro :

« *Egoista* » que então significava,  
Aquelle que sómente em si cuidava,  
Tem mais ampla accepção, e foi virado,  
E « *homem* » significa, assim mudado :

« *Sabio* » era um vocabulo famoso,  
Para quem o attrahia, muito honroso ;  
E hoje, para o que é da moda amante,  
No lugar que era seu, vê-se o « *pedante* » ,  
Termo que nos parece pouco usado,  
Por andar com o « *sabio* » misturado :  
Agora « *sabios* » são mil escriptores,  
Sou « *sabio* » eu, e vós, caros leitores,  
Se distinguis, com rapidez pasmosa,  
O chôcho verso, da estafada prosa,

« *Sabios* » também já sois, e ninguém diga  
Que o senso tendes, só, que é coisa antiga.

« *Catão* », tendo morrido o tal Romano,  
Que um valor ostentára, sobrehumano,  
Em « *tacão* » se mudou; por isso, agora,  
Muitos, que dizem ser « *Catões* » d'outr'ora,  
Vémos hoje fazer longas derrotas,  
Por debaixo dos pés de quem traz botas,  
Arrastando o que teem, fingido, orgulho,  
Na lama, na poeira e pedregulho;  
E é cheio de « *tacões* » o mundo inteiro,  
Pois confundem « *Catões* » — « honra » e « dinheiro. »

Era um termo bonito e antigo « *meio* »  
Que á nova geração parece feio,  
Porque nos faz lembrar cousa partida,  
Sómente em duas partes dividida;  
E visto que era assim, tão imperfeito,  
Foi adoptado o « *fim* », que é mais direito;  
E quem despreza a linguagem brusca,  
O « *fim* » procura, só, « *meio* » não busca,  
Resultando d'aqui, ao seu destino  
Mais depressa chegar o que é mais fino.

E « *fino* », que era d'antes o atilado,  
Em « *traficante* », ha muito, foi mudado,

E com razão ; que além de ser ensôso,  
Opposto era também ao termo « *grosso* »,  
E o « *grosso* » vê-se agora em mais altura,  
Riqueza, distincção, tudo o procura ;  
De mais, não era o « *fino* », só, bastante,  
Por synonymo tem o « *traficante* » —  
E não se deu ao termo mau destino,  
Pois não teme qualquer passar por « *fino*. »

« *Christão* », termo que então significava  
O que missas ouvia, o que resava,  
A « *carola* » passou, e hoje é « *carola* »  
Quem resa, e dá aos pobres muita esmola,  
Talvez porque abre assim o seu thesouro  
O que é n'alma judeu, nas acções mouro,  
E tenta por « *Christão* » ser conhecido ; —  
Por isso, foi o termo confundido,  
E, vendo o homem, com contas e saccola,  
Ninguém diz se é « *Christão* » ou se é « *carola* » ;  
Mistura que da lingua vae dar cabo,  
Por confundir o santo com o diabo.

Mudado tudo está, e, tarde ou cedo,  
A gente de fallar ha-de ter médo ;  
Será tudo mudez na terra inteira,  
Mas não se ha-de escutar tão vasta asneira.

## N'UMA DOENÇA.

Tal mêdo uma da outra concebeu,  
Que aonde a Medicina appareceu,  
É logo — n'um momento  
Foge a saude, mais veloz que o vento.  
GARRETT — *Fabulas e Contos.*

Tudo me rala e amofina,  
Na cama onde estou deitado;  
Mas, sujeito á disciplina,  
Sou firme, como um soldado,  
Ás ordens da Medicina.

Da molestia inda não pude  
Na origem metter o dente;  
E, por mais que n'isso estude,  
Eu só sei que estou doente,  
Porque não tenho saude!

E mais de raiva me inflamma  
Vêr que a doença mofina,  
Que me prende, aqui, na cama,  
É do meu corpo inquietina,  
E não sei como se chama !

Nem me vem ao pensamento  
Como com ella me entenda ;  
Pois fez em mim aposento,  
Sem que tenha pago a renda,  
Sem ter feito o arrendamento !

Da minha dôr se alimenta,  
Não cede, não dá a orelha ;  
E, na teima, violenta,  
Quanto mais vae sendo velha,  
Mais vae sendo rabugenta !

Pede caldo de gallinha,  
Com vacca, só, misturado,  
Sem sôpa, nem cevadinha ;  
E, do quarto recatado,  
Quer governar na cosinha !

Da comida appetitosa  
Nem mesmo consente o cheiro;  
Quer dieta rigorosa,  
Mas exige do enfermeiro  
Que lh'a torne saborosa !

Vota sempre ao abandono  
Distracção que, desejada,  
Vem, de dia, em seu abono ; —  
De noite, só, isolada,  
Se revolta contra o somno !

E em seu modo, em tudo vario,  
Torna-se, ás vezes, grosseira,  
Para alguém que, voluntario,  
Vem, por causa da caseira,  
Visitar o proprietario !

Mais tarde, se está sósinha,  
Vem de novo a impaciencia,  
Na solidão se definha,  
E, triste, lamenta a ausencia  
Dos que ha pouco ao lado tinha !

Em vão, da porta da rua  
A via ensinar-lhe tento! —  
Se n'isso lhe fallo, amúa:  
— Fez no meu corpo aposentado,  
Julga-o propriedade sua!

Contra a situação terrível  
Não dão as leis poderío;  
Nem suppoem cousa plausível  
Que expulse o bom senhorio  
Uma inquilina insofrível!

Se da sciencia o apoio accetto,  
Em vão sua força emprega;  
Que, faltando-lhe ao respeito,  
De mandal-a embora nega  
Á Medicina o direito!

Contra os *systemas* bravia,  
Se, com modo meigo e terno,  
Vem fallar-lhe a *Homeopathia*,  
Repelle-a, porque no inverno  
Não se dá com agua fria.

Inimiga da etiqueta,  
Se a *Allopathia* lhe ensina  
Que ás suas leis se submetta,  
Ella accusa-a d'assassina,  
Junta aos autos a lancêta!

Debalde, com modo arteiro,  
Lhe expõe *Raspail* o contracto  
De mudança, que eu requeiro; —  
Diz que lhe incommóda o olphato  
A Medicina de cheiro.

A ameaça já não basta  
Porque é forte, não tem medo;  
E no meu corpo se engasta,  
Como a Japa no rochedo,  
Como o ministro na pasta.

Contra tudo se rebella,  
Ninguem d'aqui a desterra;  
E eu, que aborreço a tutella,  
Não sei vencêl-a na guerra,  
Nem viver em paz com ella!

Ninguem diz por onde entrára  
Esta caseira bravia,  
Que o senhorio enganára ;  
Pois lhe faz má companhia,  
Que, inda assim, paga bem cara !

E se não quiz, por meu mal,  
Acceitar a despedida,  
Da rua pelo portal,  
Vou apontar-lhe a sahida  
Pela porta do quintal !

Com a sciencia, n'este instante,  
Pactuei nova alliança !  
Já tenho as armas diante !  
Fóra a inquilina ! Vingança !  
Saia, ás ordens do laxante !

**EPISTOLA (\*)**.

.....  
Injuriando os seus, fazendo votos  
Em vão aos Deuses vãos, surdos e immotos.  
CAMÕES. — *Lusiadas* — Canto .10.º

Senhora! Julgaes vós cousa pasmosa  
Que *Saturno*, o sizudo e *sabio* velho,  
Que do imperio do mundo as rédeas tinha,  
Viessa á terra, agora, e por tarefa  
Tomasse o castigar o vicio, o crime,  
E dos loucos zombar, em chôchos versos?  
Mas se ha tantas, aqui, metamorphoses,  
Porque havél-as não ha-de lá no Olympo?  
— Sabei que me dou bem, cá pelo mundo,  
Sem outro dissabor, sem outra pena,

(\*) Esta poesia foi publicada em um jornal do Porto, sob o pseudonimo = *Saturno*.

Além dá soledade em que me vejo,  
E que vae terminar em breves dias.

Ao Olympo já fui, como visita,  
Depois que vivo aqui, entre os humanos : —  
Aos *Deuses* fiz saber como na terra  
Viver-se póde, com prazer infindo,  
E assim pude engajar, dos companheiros  
Alguns, que d'ambição vi susceptiveis : —  
Á terra vão descer, pois, alguns *Deuses*  
Que, cedendo, com gosto, ao meu convite,  
Pretendem vir gosar as mil delicias  
Que eu lhes soube pintar, com vivas côres ;  
E não teme nenhum que o mundo, ingrato,  
Se atreva a recusar ás *divindades*,  
Gosos que aos loucos dá, que aos maus offerta.

Reunida em conselho a nobre sucia,  
Longo discurso fiz, mostrando a todos  
A ventura sem par, o infindo goso  
Que o mundo a tódos elles promettia :  
— E, com quanto d'aqui levasse o vicio,  
Nefando, corruptor da linguagem,  
E a grammatica, ás vezes, offendesse, —  
Mil applausos colhi, como succede,  
Entre os homens, tambem, no parlamento :  
Pezadas as razões, de peso enorme,

Cada qual decidiu, entre apoiados,  
Um destino seguir ; — eis seu futuro :

*Jupiter*, filho meu, que n'outras eras  
Fôra, como rapaz, extravagante,  
E sagaz seductor de bellas Nymphas,  
Como são, por aqui, velhos sizudos,  
Prudente agora está : — mas, succedendo,  
Porque me aprouve assim, no meu reinado,  
Inda agora sustenta a louca embofia,  
Que os filhos teem, aqui, d'aurea nobreza,  
E impôr-me a condição de ter-lhe certo  
Um cargo, em'que podésse expedir ordens,  
E ser, como lá fôra, obedecido :  
Satisfiz-lhe a exigencia, e o meu morgado  
Governador Civil vem ser, contente :  
E meu mano *Titan*, que está já velho,  
Em vez da conesia, a que aspirava,  
Secretario vem ser, que é quasi o mesmo.

*Neptuno*, dos meus filhos o mais fresco,  
Pelo gosto que tem, d'andar sobre agua,  
Desejou vir, aqui, ser Almirante ;  
Mas sabendo, mais tarde, que a Marinha  
Em droga ha muito deu, cá n'estes reinos ; —  
Que a barcaça dos banhos, sobre o Douro,  
É o vaso melhor da lusa esquadra,

De tenção já mudou, e pretende hoje  
Um navio montar, forte e veleiro,  
Em que possa, sulcando os vastos mares,  
O trafico exercer da escravatura ;  
— Excluindo, comtudo, a raça negra,  
Porque a branca é mais docil, e ás marradas  
Não sabe resistir a seus *senhores* : —  
Das leis nenhum receio tem *Neptuno*,  
Visto que é seu irmão authoridade ;  
E conta, com razão, em poucos annos,  
Um milionario ser, ser um visconde,  
Dar as cartas, depois, n'este joguinho,  
Tão usado no mundo, e em que só perde,  
Quem não tem que perder — o pobre povo.

*Plutão*, que dos infernos é Monarcha,  
Monarcha ha-de aqui ser, em certo bando,  
Que notavel é só pela rapina ;  
E como soube lá, com risco immenso,  
*Proserpina* roubar, chamar-lhe sua,  
Roubará por aqui, ousado e livre,  
Moças, que á seducção fugir não sabem ;  
E vendendo a *Neptuno* as illudidas,  
Como quem vende ovelhas, em manada,  
Cobrandõ uns tantos reis por cada *fardo*,  
Engajador será d'alto coturno ;  
E com — *Minos* — *Eaco* — e *Rhadamanto*,

Que seus juizes são lá nos Infernos,  
A réde lançarão com tanto engenho,  
Que não escapará mulher perdida,  
Criada de servir, boçal ou fina,  
E ménos a innocente, abandonada,  
Que apenas contar possa a duzia d'annos,  
Visto prática ser, já, no commercio,  
Buscar-se, para embarque, a fructa verde...  
— D'este modo, o navio de *Neptuno*  
Inda mais levará do que vae hoje,  
Da classe que passou a ser *fazenda*;  
E, com a protecção do mano *Jupiter*,  
Ha-de, tambem, *Plutão*, como outros muitos,  
Das leis escarnecer, tornar-se rico.

*Vulcano*, embora côxo, negro e feio,  
Lá no Olympo não quer ficar sósinho;  
E, sabendo que o mundo está repleto  
De ricos immoraes, de criminosos,  
Achou n'esta noticia a causa justa  
Para vir, como lá, ser cá ferreiro;  
Suppondo grangear bens de fortuna,  
Essa gente a marcar com ferro quente,  
Cobrando alguns vintens por cada marca;  
Mas, informado, em fim, de qué na terra  
São esses os que teem mais importancia;  
E, se marcados são, não é nas costas,

Mas sim no peito vil, — em que se emprega  
Em vez do ferro quente, a prata fria —  
O plano abandonou, sem que abandone  
A violenta paixão pela arte sua :  
Virá, pois, inda assim, lidar com ferros,  
Sem comtudo malhar em ferro frio,  
Pois sabe fabricar moeda falsa ;  
E, embora enriquecer não possa em breve,  
Por ser já grande á *arte* a concorrência,  
Encobrirá, de certo, a fealdade  
Que, zombando, lhe dera a natureza ;  
Será conquistador de bellas damas,  
A quem *dourada* côr sempre fascina ;  
E terá, por desculpa, a que fôr d'elle,  
Nos tribunaes d'amor, sendo accusada,  
Que de *Vulcano* a mão já foi de *Venus*,  
Que não tinha rival em formosura.

*Mercurio*, o macacão d'astutas manhas,  
Dos *Deuses* confidente, e mensageiro  
D'amorosas empresas, arriscadas,  
Conta viver, aqui, das más industrias  
De que vivem alguns, que eu já conheço :  
Dos grandes na amizade confiando,  
Levando aqui, e alli os mexericos  
Da intriga, em que é já lente, e jubilado,

Espera assim tornar-se homem precisó,  
E com a protecção dos homens grandes,  
Encobrir, por dinheiro, o contrabando,  
Passar, em grande escala, a moeda falsa,  
A justiça torcer como convenha,  
Despachos conseguir para os vadios,  
Servir, tambem, de capa aos *batoteiros*,  
Como lá, ser aqui o *Deus de todos*...

*Appollo*, o excelso heroe, e gran *maestro*,  
Que preside no Olympo ás harmonias,  
Vem cantar as acções dos outros *Deuses*,  
Que dignas hão-de ser dos bellos cantos;  
Mas sabendo que a lyra, cá por baixo,  
De todo se tem já prostituido;  
Que os sons, que hoje produz desafinados,  
Arranham cruamente ouvidos puros,  
E ao vicio agradam só, que lisongeião,  
Mandou-me encommendar um *cavaquinho*;  
E encostado ao balcão d'immunda tasca,  
D'esse instrumento ao som, tocando o *fado*,  
Os heroes levará da gloria ao templo.

*Jano*, que em seu favor tem duas caras,  
Ser na terra infeliz jámais podera,

\*

Em quanto outros, que teem um rosto apenas  
Na algibeira cotão sómente encontram ;  
E cheio d'ambição, de gloria e d'ouro,  
Da politica, só, viver pretende ; —  
Gazeteiro será, pois, no principio,  
Ás ordens, sempre, de quem mais lhe pague,  
Para não desprezar usos da terra ;  
E fazendo censuras d'encommenda,  
Elogios banaes, encommendados,  
Dous coelhos matará, dando um só tiro,  
Gosando, quanto aqui gosar-se póde,  
Ao passo que prepara um bom futuro :  
— Dentro em pouco, subindo a bons empregos,  
O diploma terá de deputado,  
Conselheiro será, depois ministro,  
E visconde, talvez, se a sua embofia  
Distante o não trazer d'outros viscondes.

*Baccho*, o grande ratão, córado e nédio,  
Já tinha a mala prompta, e o passaporte,  
Contava acompanhar a bella sucia ;  
Mas sabendo, por via acreditada,  
Que, depois que a *molestia* deu nas uvas,  
Tolhendo ao mesmo tempo a Authoridade,  
Se bebem por aqui nojentas cousas,  
Que dos vinhos a côr mostram sómente,

E se vendem assim por alto preço,  
Em phthysicos tornando os bebedores,  
E hydropica a algibeira aos taberneiros,  
A policia maldisse, que adormece,  
Ou faz adormecer as leis e o povo,  
A mala despejou, queimou a guia,  
E lá ficou no Olympo o grande Baccho!

Eu, que vivo tão bem cá n'este mundo,  
Tão pateta não sou que me retire;  
E, como as leis da imprensa já conheço,  
Montarei um jornal, comprido e largo,  
Onde possa, espreitando alheias vidas,  
Os passos publicar dos ricos *Deuses*;  
— Notarei, quando partem da cidade,  
Dar-lhes-hei parabens quando voltarem,  
Nomeando os amigos numerosos  
Que ao bota-fóra vão, que a espera fazem:  
— Se um d'elles trinta reis der, por esmola,  
Um hymno entoarei á caridade,  
Bem-dizendo em canções o philantropo  
Que do muito que tem faz tão bom uso;  
E embora faça algum tremenda asneira,  
Calcando as leis da honra, e da decencia,  
Gosando escandalosa impunidade,  
Não ousarei soltar um triste pio,

Para não affrontar as *leis* da imprensa;  
E grangeando, assim, mil assignantes,  
Valiosos presentes recebendo,  
Feliz hei-de viver, como supponho,  
Que *Jano* viverá, se fôr esperto.

E, se a vida, por cá, nos fôr propicia,  
Mais tarde engajarei mil outros *Deuses*.

## N'UM ALBUM

MUITO PEQUENO.

Diz Faustino de Novaes,  
Que, por ter comprida a mão,  
Tambem tem dedos, que são,  
Na deformidade, iguaes ;  
E como enchem cousas taes  
O pequeno Album que vê,  
A seu dono pede que,  
Se quizer obra melhor,  
Lhe mande um Album maior,  
— E receberá mercê.

## LAMENTAÇÕES DE UM EMPREZARIO.

(POESIA RECITADA PELO ACTOR ABEL, NO THEATRO  
DE S. JOÃO, NO PORTO).

N'este valle de lagrimas, triste  
Choram todos, com pouca razão!  
Quem da sorte aos baldões não resiste,  
Não tem alma... não tem coração!...

Que soffrer todos teem, d'hora em hora,  
E, do mal, cada qual sente o seu;  
Todos gemem, por fim, tudo chora;  
Mas... por justos motivos... só eu!...

Sim, só eu, porque sou Emprezario,  
E, depois de uma vida de dôr  
Morrerei, sem que o meu inventario  
Dê tres *pintos* ao pobre doutor!...

Sei que o Mundo — a Carne — e o Diabo  
Inimigos são d'alma, por mal;  
Mas de mim tres iguaes darão cabo: —  
O cantor — o janota — o jornal!

Inimigos terriveis, que a vida  
Em tormentos me fazem passar,  
De prazer, de socego despida,  
Sem um dia, uma noite, gosar!

Quantas vezes á perda caminho,  
Quando penso a fortuna attrahir,  
Porque vem por salario mesquinho  
Os artistas que mando aqui vir!...

Cuido ter já na bolsa o dinheiro,  
Ás imprensas, contente, vou já:  
— « É preciso, senhor gazeteiro...  
« Não ha tempo a perder... diga lá:

« Esta Empreza merece louvores,  
« Pelos meios que pôz em acção: —  
« O tenor, entre grandes cantôres  
« *Ha cantato em la Scala, em Milão!*

« O barytono, o basso, e a dama,  
« Nos salarios que teem cada mez,  
« Bem se mostram artistas de fama,  
« Dos que ao Porto não vem muita vez. »

Chega, em fim, essa gente *affamada*,  
Vem o povo ao theatro, a correr;  
Uma peça lá vae, mutilada,  
Mas... nem manca se póde soffrer!

Um d'aqui, desafina! Outro berra!  
Outro foge ao compasso! — Que horror!  
Cá por dentro já tudo anda em guerra,  
E é, por isso, inimigo — o cantor!

O janota, que os nomes conhece  
De *Ronconi* — *Rubini* — e outros taes,  
Contra mim a bradar se enfurece,  
Promettendo não vir aqui mais!

Mas, irado, outra noite cá torna,  
Falla ás massas, põe tudo em acção,  
Meia duzia d'amigos suborna,  
Correm tudo a bengala e tacão!

E, contrario aos fieis assignantes,  
Na paciencia de santos, que teem,  
Eu declaro — e com causas bastantes —  
O janota — inimigo tambem!

Se tudo isto, n'um curto recinto,  
Não produz, contra mim, grande mal,  
Venha a folha — e verão que não minto,  
Proclamando inimigo — o jornal!

« Hontem foi assassinada  
« Uma gloria musical!  
« A peça foi mutilada,  
« E, assim mesmo, correu mal!  
« *Imposturini*, o contralto,  
« Estendeu-se, ao dar um salto,  
« Das nuvens até á lama,  
« E, a gritar como uma vacca,  
« Deu dois sopapos na fama:  
« Como actriz, ùa macaca  
« No palco, mais agradára!

« *Charlatani*, a cousa rara,  
« O soprano abalisado,  
« Parece um gato assanhado

« Ao dar as agudas notas ; —  
« Veio aqui vender-se cara,  
« E não vale um par de botas !

« *Fanfarroni*, o grande basso,  
« Que custou tanto dinheiro,  
« Dá pinotes no compasso,  
« Orneia como um sendeiro !

« *Parlapati*, esse portento,  
« O barytono famoso,  
« Sem força, voz, nem talento,  
« Quando canta, imita o *goso*,  
« De noite, a ladrar á lua ;  
« Desafina horrivelmente,  
« E, no fim, por mais que sua,  
« Nada faz, porque não sente ;  
« Além d'isso, está doente,  
« De uma chaga na garganta,  
« E, insoffrivel quando canta,  
« Como actor, é repellente !

« *Papeloni*, o mavioso,  
« O tenor tão decantado,  
« É, no vestir, descuidado ;  
« Inimigo da elegancia ; —  
« Cantando, tem a constancia

« De sempre desafinar ;  
« Pécco em maneiras, e n'arte,  
« Dando a si louca importancia,  
« Nem aqui, nem n'outra parte,  
« O póde alguém tolerar.

« Eis a grande companhia  
« D'alto preço, imaginario,  
« Que impingir-nos pretendia  
« *Trampolini* — o Emprezarío ! »

Reparem, que rancor, que inimizade  
Transpira este jornal, em quanto diz !  
N'isto... de verdadeiro... ha só metade !  
E eu... dando ao redactor entrada... a giz !...

Já não vem lá de fóra os *parvalheiras*,  
Que os pintos, sem sentir, largavam cá !  
E eu... sem dinheiro ter nas algibeiras,  
Chegando o fim do mez, direi : — não ha !

Que triste posição ! Isto horrorisa !  
Que ha-de um pobre Emprezarío aqui fazer ?...  
Levar a companhia até Galliza...  
Fazer cruces na bôca... até morrer !...

E, ao fim de tanta vigilia,  
D'uma vida de pesar,  
D'um Empreziario á familia  
Que riqueza ha-de ficar?...  
Cortinas d'hollanda preta,  
Sete espadas de folheta,  
Um pote de vermelhão,  
Trinta cadeiras de pinho,  
Muitas fardas de panninho,  
E um throno de papelão!

## A UMA VELHA PRETENCIOSA.

Juvenal, que em seus versos vale Horacio,  
Boileau, que restitue os dois ao Pindo,  
N'um sexo de virtude, e graça ornado,  
Fero carcaz satyrico exaurirão.

BOCAGE — *O Merito das Mulheres.*

Encantam-me esses olhos inflamados,  
E a pupilla subtil, que espreita ao canto ;  
Esse escarlata, de que são orlados,  
Esse, ausente da dôr, contínuo pranto ;  
Gósto de os vêr assim, quasi fechados,  
Pois deve descançar, quem já viu tanto ;  
Agrada-me essa ausencia de pestanas,  
Que me faz esquecer cousas mundanas.

Prendem-me essas madeixas — que um thesouro  
Já seriam na frente d'uma ingrata ; —  
E essa trancinha que, sem teu desdouro,  
Da marrafa por baixo se desata ;  
Se os fragmentos não são cabellos d'ouro,  
Bem lhes posso chamar fios de prata ;  
Apraz-me vêr, submissa, a natureza,  
Lá de baixo, a espreitar d'arte a belleza.

Espanta as dimensões vêr, corpulentas,  
Do nariz, que o teu rosto, assim, decora ;  
Commove, e faz sentir magoas violentas,  
Copioso pranto, que, em silencio, chora,  
E no pêllo macio sáe das ventas,  
Dôce orvalho a imitar, da fresca aurora ;  
É bello o vêr a ponta, por despique,  
Distillando rapé, como alambique !

Esse buço, grisalho, e tão espêsso,  
Que sobre o chôcho labio se pendura,  
No qual o insecto vil, fugaz, travesso,  
Agasalho de balde não procura,  
Não é, sómente, adorno d'alto apreço,  
Não é só um realce á formosura ;  
Prova — se hoje o não és — que já tens sido  
Granadeiro nas tropas de Cupido.

O rosado das faces, ornamento  
De tão mimoso encanto á nossa vista,  
Fórma, além da belleza, um monumento  
Erguido em honra d'immortal droguista :  
Jámais te empallidece agro tormento,  
Embora o coração lhe não resista :  
Só pállida te faz somno ligeiro,  
Quando torna rosado o travesseiro.

É tua bôca um ceo delicioso,  
Adoral-a é pagar dôce tributo,  
— Embora o fino olphato, escrupuloso,  
Uma entrada a supponha d'aqueducto ; —  
Muralha de marfim, alvo e lustroso,  
Os ataques defende do escorbuto ;  
E invencivel será, que, triumphante  
Já serviu de defeza ao elephante !

É todo o corpo teu rara belleza,  
Precioso modelo d'esculptura,  
Que tu, audaz, vencendo a natureza,  
Conservas sempre em magistral postura ;  
É tão bella, e tão rara a subtileza  
Que altiva ostentas na gentil cintura,  
Que é pena, em vez de carne, só ter osso,  
Ser proxima vizinha do pescoço !

Encanta, no teu collo alabastrino,  
Essa alvura, devida aos pós de gomma ;  
Mais mimoso o não fez cinzel mais fino,  
Na mais formosa estatua lá de Roma ;  
Devêra um collo assim, tão peregrino,  
Resguardal-o do tempo uma redoma :  
Do seio a elevação nos certifica  
Que é barato o algodão, ou que és tu rica.

Niveo braço, que mostras, como gêlo,  
Menos bello não é por descarnado ;  
Augmenta-lhe a belleza o hirsuto pêllo,  
Quando o braço mimoso tens dobrado,  
Porque me faz lembrar o cotovéllo  
Retaguarda de frango depennado :  
Um amplexo dos teus, bem mais que os nossos,  
Levára a sensação até aos ossos.

D'esse elegante pé que, n'outras eras,  
No *Minuete da Côte* já brilhára,  
Rival apenas pôde ser, devêras,  
O outro pé, que é seu par, perfeição rara ;  
E se, em lugar de dois, quatro tiveras,  
Mais a tua belleza se augmentára :  
Basta serem, por si, sem artificio,  
Bases d'esse phantastico edificio !

Osseas columnas, que o pudor anceia  
Por encobrir aos olhos dos profanos,  
O imaginal-as, só, desliga a ideia  
D'outras, que á vista dão gosos mundanos ;  
Desvairada a razão, d'espanto cheia,  
Que existam não concebe, ha tannos annos,  
Sem que esses que os botões vendem na tenda,  
Te hajam proposto vantajosa venda.

Tantas graças te noto, e sou tão duro  
Que fujo, se por ti sou requestado !  
D'esta insistencia a causa, se a procuro,  
Sómente n'esta ideia a tenho achado :  
— Os olhos todos fitam no futuro,  
E eu, fitando os meus olhos no passado,  
Teria de saudade amargos dias !  
Tu esperas... na vinda do Messias !...

Respeitoso me curvo ás tuas plantas,  
Porque impulso me dás ao pensamento ;  
Venero o poder teu, porque supplantas  
Do tempo rapido o poder cruento ;  
Porque avivas, em mim, memorias santas,  
Porque és da antiguidade um monumento ;  
Porque podes, se o dom tens da memoria,  
Viva pagina ser d'antiga historia !

Quanto posso te dou — se não me inspiras  
O sentimento que inspirar quizeras,  
Não é crime que accenda as tuas iras  
Seguir da natureza as leis austeras ;  
— Rendido aos teus encantos tu me viras  
Se eu, contigo, vivesse em outras eras,  
Quando a teus pés, amante, se rendia  
Affonso, o fundador da Monarchia.

## A FOZ.

..... por mais que eu pregue  
São baldados meus officios,  
Que ninguem jámais consegue  
Marchar sobre precipicios  
Sem que algum pé lhe escorregue.  
N. TOLENTINO.

Formosa terra, bem dita,  
Quantos inimigos tens,  
Entre essa gente precita,  
Que desdenha dos teus bens!  
De ti, que és um Paraizo,  
Que só expulsa o juizo,  
Na appetecida estação,  
Quando, afflicta, a humanidade,  
Vae lavar-se da maldade,  
Nas ondas que vem e vão!

Molestia que a Medicina  
Não póde aqui sustentar,  
Esse teu sol a fulmina,  
Refrigera-a esse teu mar :  
Dás á sciencia novos ganhos,  
Que, a vêr o effeito dos banhos,  
Torna ao enfermo a assistir,  
E, na protecção do Oceano,  
Encontra, no resto do anno,  
Fartos meios d'existir.

Encanto das raparigas,  
Que ao luxo, só, querem bem,  
Luxo que em teu seio abrigas,  
Vae dos limites além !  
California das modistas,  
És o campo das conquistas  
Que sabem, d'ouro, fazer,  
Maridos e paes gravando,  
Que as noites passam, velando,  
Pelo futuro a tremer !

Fazes que nas tuas praias,  
Das modas pela união,  
Entre barracas e saias  
Se não faça distincção :  
Mandas que as sédas custosas,

N'essas margens arenosas,  
Mais cédo busquem seu fim ;  
Mandas que fiquem perdidos,  
Por bravas ondas lambidos,  
Os sapatos de setim !

Na moda fazendo emendas,  
Dás forma varia aos chapeos,  
Pondo n'uns vistosas rendas,  
Em outros extensos veos ;  
E, do luxo vasto impèrio,  
Afugentas quanto é serio,  
Loucura só tens ahi ;  
Que, embora os males conheças,  
Tu não curas as cabeças  
Que doentes vão d'aqui !

Nos escabrosos rochedos  
Um throno aos amantes dás,  
Onde vão, mudos e quedos,  
Sua amada vêr em paz ;  
Mas, vistas damas n'agoa,  
Quantas vezes nasce a mágoa  
Da morte d'uma illusão,  
Porque passada belleza  
Deveu pouco á natureza,  
Deveu muito ao algodão !...

D'essas que as burlescas scenas  
Só desejam contemplar,  
Quantas nas praias amenas  
Seu porvir vão preparar!  
Entre as barracas, sentadas,  
Por tua gente ajudadas  
Sustentam paixões reaes;  
E, ás vezes, são as banheiras,  
— No principio *mensageiras* —  
De São Gonçalo rivaes!...

Mas é raro o bom destino  
Que se encontra á beira-mar,  
Como é certo o desatino  
Em teu seio ir-se augmentar;  
Que essas paixões d'improviso,  
Sente-as, lá, quem o juizo  
Deixou cá, n'esta estação;  
E são varias, e inconstantes,  
Como essas ondas que, errantes,  
Agora vem, logo vão!

Vádios, só, por officio,  
Sempre da sorte á mercê,  
Muito luxo, muito vicio,  
Eis o que hoje em ti se vê:  
A vaidade, o pedantismo

Brilham, tambem, n'esse abysmo,  
Para a mocidade, atroz;  
Eu bem sei quantas trapaças,  
Quantos males e desgraças,  
Teem sua origem na Foz!...

Inda bem que a Medicina,  
Se algum dia é meu juiz,  
• Condemne-me, embora, á tina,  
Que ás ondas vá, não me diz;  
E, em quanto alguns, enganados,  
Que andãm cá pouco lavados,  
Vão no mar manchar-se mais,  
Eu supplico a Deus immenso,  
Que inspire ás filhas bom-senso,  
Juizo, e vergonha, aos paes!...

## A UM NOVO POETA.

SONETO.

Quem te inspirou, amigo, a louca ideia  
D'ir o cysne imitar, com voz de cuco?  
Teus versos meigos são — mas não teem succo;  
Mina de rimas tens — mas falta a veia:

Se desejas ter d'ouro a bolsa cheia,  
Tentar ganhá-lo assim, é ser maluco;  
Cava-o na estrada, á ponta de trabuco,  
E elle te livrará d'ir á cadeia!

Se é teu fado cantar, deixa a poesia;  
A lyra em pó desfaz, e ao som da viola  
Canta, dança, e terás mais alegria:

Nem com letras, depois, cances a bola!  
— É voto meu, que tenho igual mania,  
E o tempo choro, que perdi na escola.

## DESENGANO.

Diz um d'alli: « este amigo  
« He de graça e prendas cheio. »  
Respondem a isto as Damas:  
« Aprelá! Que homem tão feio!»

Diz outro: « aquelle paralta  
« Põe mil asneiras n'um dito. »  
Acodem logo as Meninas:  
« Que importa, se he tão bonito?»

BOCAGE — *Fabulas.*

Pobre mulher, que adorada  
Julgas ser, porque, illudida,  
Crês na paixão affectada,  
Pela insania produzida,  
Pela avidez sustentada!

Podeste crêr, innocente,  
Que existisse um, entre tantos  
Que fingem amor ardente,  
Para quem os teus encantos  
Fossem moeda corrente?

\*

A paixão, se teve outr'ora,  
Na praça d'amor, desconto,  
Já não tem valor agora ;  
E ganha fama de tonto  
Quem só belleza namora.

Ao fogo d'amor te aqueces,  
E, cavando abysmo fundo,  
Do que a ti debes te esqueces,  
Tentando gosar o mundo,  
Quando o mundo não conheces!

São teus olhos, scintillantes,  
Capazes de tornar louco  
O mais fino dos amantes ;  
Mas vês com elles tão pouco,  
Que és ludibrio dos pedantes:

Essa face, alva e rosada,  
Essa tez mimosa e pura,  
Não creias que valham nada :  
Vê-se hoje mais formosura  
Na formosa côr dourada.

Esses dotes da belleza  
Não são hoje seductores ;  
— Á paternal avareza,  
Para o commercio d'amores,  
Deves mais que á natureza.

Recebes, por lisongeira,  
A d'amor expressão terna,  
E n'ella não vês, matreira,  
Namoro á bolsa paterna,  
Em que tu és *mensageira*?

D'amor os votos jurados,  
Que não vem do peito aos labios,  
Na apparencia delicados,  
São, em velhos alfarrabios,  
Para enganar-te, estudados.

Se o moço, esbelto e galhardo,  
Te consagra as horas d'ocio,  
Não vês n'esse amor bastardo  
Grosso ramo de negocio,  
Em que és, apenas, um *fardo*?

Pobre mulher, que adorada  
Julgas ser, porque, illudida,  
Crês na paixão affectada,  
Pela insania produzida,  
Pela avidez sustentada !

Fingem-se paixões ardentes,  
Sem que do coração venham  
As caudalosas torrentes  
D'affectos, em que se empenham,  
Bem mais do que o peito, os dentes !

Teve amor, em outras eras,  
Na terra tal poderio,  
Que domava altivas feras ; —  
Hoje não — que amor e brio —  
Virtude — honra — são chimeras !

Fundando o imperio brilhante  
N'um sentimento profundo,  
Foi monarcha dominante ;  
Mas, vendo virado o mundo,  
Fez-se amor negociante !

E cahiu em tal desgraça,  
Que hoje em dia as letras suas  
Não teem desconto na praça;  
E, forjando falcatruas,  
Vivendo vae da trapaça!

Seu elemento é — dinheiro —  
E tornou seu désatino  
Tão velhaco o mundo inteiro,  
Que hoje quem namora é fino,  
E quem ama é trapaceiro!

E, curvada ao sentimento,  
Donzella, cáes na armadilha,  
Sem que te lembre um momento  
Que finge adorar a filha  
Quem ama o pae avarento?

Falso amor, que te consola,  
Cegar-te, assim, pôde tanto,  
Que, fiada na parola,  
Não vês devoto do *santo*  
O que espera pela *esmola*?

Pede ao pae que aos seus credores  
Se mostre compromettido,  
Fingindo mil dissabores,  
E verás logo fallido  
O teu commercio d'amores.

Has-de então, sendo accusada  
De feia por natureza,  
De louca e mal educada,  
Vér que a virtude e a belleza,  
N'esse *amor*, não valem nada!

Virá tarde o desengano,  
Mas ha-de vir, eu t'ó juro;  
E dirás que leviano  
Foi o amor, tão casto e puro,  
Que empregaste n'um cigano!

De ciganos quasi um cento  
Has-de achar em cem rapazes,  
Que, affectando sentimento,  
De tudo o mais incapazes,  
Recorrem ao casamento!

**Donzella! Toma sentido!  
Lembra-te que alegre e farta,  
Até hoje tens vivido,  
E não pretendas ser carta  
No jogo d'amor fingido!**

**Não creias no culto externo,  
Que dar-te póde um demonio!  
— Teus o ceo no amor paterno,  
Não vás, pelo matrimonio,  
Trocar o ceo pelo inferno!**

**N'UM ALBUM.**

Um Album julgam, só, rico e illustrado,  
Quando deixa de o ser; — quando é manchado  
Com rabiscos fataes de tinta impura,  
Que ás alvas folhas vão roubar a alvura!  
Se um Album, como tens, eu possuíra,  
Juro-te, amigo meu, não consentíra  
Que uma pagina, só, com verso ou prosa,  
Bordados, ou pintura primorosa,  
M'o viessem manchar! Quizera apenas,  
D'essas folhas na alvura d'açucenas,  
N'essa mimosa capa avelludada,  
Com brilhantes adornos adornada,  
Por honra da nação, e meu contento,  
Provar da industria nossa o adiantamento,  
E, como objecto, só, de gosto e d'arte,  
Ufano, appresental-o em toda a parte!

Não pensas tu assim! — São teus intentos  
Juntar aqui balofos juramentos,  
D'amizade, d'amor, de sympathia,  
Do pae, da mãe, do avô, d'avó, da tia? —  
Não posso, n'isto, concordar contigo :  
Se eu sou (como supponho) teu amigo,  
Provar-t'ó resta, só, sem artificio,  
Quando exijas de mim um sacrificio ;  
Que não sendo a affeição sincera e pura,  
Não val ter feito d'ella uma escriptura.  
Não sabes quanto vale um juramento,  
Quando é tudo veluvel como o vento?  
Não vês que já do mundo no começo  
Veio o maldito amor tirar-lhe o apreço?...  
Que o humano coração, apaixonado,  
Semelhante ao relógio desmanchado,  
Que ás vezes faz andar, um dia inteiro,  
Ora adiante, ora atraz, um bom ponteiro,  
Brando, embora, e pacifico pareça,  
Nos faz andar aos tombos a cabeça?

Não vês que, já depois, se alguns mais fortes  
Oppunham aos d'amor loucos transportes,  
N'um bronzeo coração, valente escudo,  
A *politica* veio estragar tudo,  
E que hoje, em tão difficil conjunctura,  
Quasi sempre mais mente o que mais jura?

Podes tu desejar (em tal não creio!)  
Vêr de lisonjas o teu livro cheio,  
D'elogios banaes, que fazem somno,  
N'um Album feitos, em louvor do dono?  
Não póde isso agradar ao que tem sizo,  
Não se liga a vaidade ao bom juizo.  
Pretendes aqui vêr, como ornamento,  
Em prosa, ou verso, as galas do talento?  
Se tão santo desejo só tiveste,  
Batendo á minha porta mal fizeste,  
E hoje vaes conhecer que te enganavas,  
Porque não mora aqui quem procuravas.

O meu pouco valor me desanima!  
— Insulsa cataplasma, em chôcha rima,  
Sem conceito, sem arte, sem poesia,  
É só, por mais não ter, o que eu daria,  
E teu Album, credor d'engenho nobre,  
Pobre chegando aqui, voltava pobre!

Recebe, pois, amigo, esta *tirada*,  
Como desculpa humilde, por mim dada,  
Que, se uma folha do teu livro emprasa,  
É só por não haver papel em casa.

## PROCLAMAÇÃO!

(NA PRIMEIRA PAGINA D'UM ALBUM).

Poetas! Ouvi meus brados!  
Correi ás armas, correi!  
Sêde aguerridos soldados,  
No campo, onde vos chamei!

A bandeira do Parnaso  
Vêdes aqui tremular;  
Vêdes um *soldado raso*,  
O primeiro a batalhar!

Eia ávante! Ha campo aberto  
A grandes evoluções!  
O triumpho, aqui, é certo,  
Entre guerreiras canções!

Empunhae, sem mêdo, a lyra,  
Vinde um canto aqui depôr; —  
O cobarde, que retira,  
Não é nosso — é desertor!

Ser valente e destemido,  
Ser ousado campeão,  
É mister! — quem fôr ferido,  
É só na reputação!

Risco a vida, aqui, não corre!  
E, se fôr grande o tropel;  
Soffre-se, mas não se morre,  
Que as balas são de papel!

Ao combate! O fim é santo,  
Inspira, a todos, valor!  
— Eia ávante! O vosso canto  
Seja a Deus — á patria — a amor!

Poetas! Ouvi meus brados!  
Correi ás armas, correi!  
Séde aguerridos soldados,  
No campo, onde vos chamei!

## SONETO.

(NO ALBUM DE UMA SENHORA FRANCEZA, RESIDENTE,  
HA ANNOS, EM PORTUGAL.)

*Voulez-vous en effet*, que eu deixo aqui,  
D'altos nomes a par, *mon pauvre nom*?  
*Ne veuillez pas mêler* o mau e o bom!  
Não queiraes vêr *le rien que je suis*!

*Je ne sais pas pourquoi*, mas eu senti  
Desejo de bradar: — *Chanter? non!... non!...*  
*Oh! Excusez mon chant*, em rude tom!  
Pedi-me só *mon nom! Oui!... oui!...*

*Si, vous aimer; cela*, eu cumprirei;  
Mas se em verso não vou *parler d'amour*,  
*Le septicisme, aussi*, não cantarei:

Sem das Musas entrar *dans le séjour*,  
*Des vers écrire ici*, não sei... não sei...  
Meu nome, tal qual é, *toujours... toujours*.

**EPISTOLA (1).**

O mais avido leitor,  
Das quintilhas pregoeiro,  
Hade achallas insofriveis  
Em lhe custando dinheiro.

N. TOLENTINO.

Já é tempo, *Viscondessa*,  
De voltar ao galanteio,  
Para que te não pareça  
Que eu tenho um nome tão cheio,  
Como vazía a cabeça!

O descuido traz má fama,  
E eu que a não quero, entre o povo,  
Inda menos de uma dama :  
— Sabe, pois, que este anno novo  
Me faz velho, aqui, na cama !

Soffro doença mofina,  
Que, sem ser febre amarella,  
Nem typho, nem cholerina,  
Me faz tremer — não por ella,  
Mas sim pela Medicina!

E a Medicina, maldita,  
Mettendo o nariz em tudo,  
Mil segredos excogita,  
E no fim de largo estudo,  
Como em principio, medita!

Duvida, crê, e inexperta,  
Duvida mais, volta á crença,  
E, quando suppõe que acerta,  
Baptisa, então, a doença,  
E fica de bôca aberta!

A cura prompta promette,  
Marca da molestia o termo  
Dentro em seis dias ou sete;  
E, em quanto arrefece o enfermo,  
Súa o Medico o topete!

Sua, sim, não porque tema  
No doente acesso novo ; —  
Mas, resolvendo o problema,  
Vê na Medicina um ovo,  
Que tem só casca, e não gemma !

Irado, mesmo comsigo,  
Sabe Deus quanto se inflamma  
Contra o seu fado inimigo,  
Que o não deixa ganhar fama,  
Nem curar o enfermo amigo !

Lutando contra os rigores  
De sancionada impostura,  
Vivem assim os doutores,  
Fazendo agora uma cura,  
Causando logo mil dores !

Viscondessa, se és prudente,  
Chora de *Saturno* a sorte ;  
— Bem vês que é mais excellente  
Ser *Viscondessa*, e ser forte,  
Que ser *deus*, e estar doente.

Estranhas tu que *Saturno*,  
*Divindade* alta e discreta,  
Venha tambem, por seu turno,  
Com pretensões a poeta,  
E poeta d'alto coturno?

Mas em que tempo, senhora,  
Notas, com pesar profundo,  
Mania que me devora? —  
Pois não vês que todo o mundo  
Anda ás avessas agora? —

E se em remotas idades  
Nos *deuses* não houve falta,  
Nem mundanas velleidades,  
Hoje a asneira anda tão alta,  
Que já chega ás *divindades*!

Não vês tu que o grande *Apollo*  
Que tão sério foi outr'ora,  
Faz tanto mancebo tólo,  
Quando só devia agora  
Ser mestre, dar muito bôlo?...

Desconheces que *Minerva*  
Recebe em seu aposento  
De brutos grande caterva,  
E lhes dá, para alimento,  
Certos *gráus*, em lugar d'herva?

E *Thémis*, que por exacta,  
Tinha a alheia confiança,  
Não vês como, n'esta data,  
Deixa pender a balança  
Para onde houver ouro ou prata?

Sabes que tudo, Senhora,  
Pelo influxo do progresso,  
Lá e cá, mudado fôra,  
E condemnas meu ingresso  
N'esta vida seductora?

Louva, sim, que é mais prudente,  
Que um *deus*, de vetusta idade,  
Venha, junto á nova gente,  
No goso da liberdade,  
Versejar impunemente.

E se nestorea velhice  
Nos cantos se manifesta,  
Não censures a perrice,  
Embora eu bata na testa  
A chamar a parvoice.

A moda, sempre indiscreta,  
Obriga os seus seguidores  
A tocar d'asneira a meta,  
E dos seus adoradores  
Sempre o mais parvo é poeta!

Logo, um *deus*, inda que fino,  
E em seus calculos prudente,  
Póde ter um desatino,  
Ou, ao menos, como a gente,  
Ser duas vezes menino.

Já sabes tu, *Viscondessa*,  
Que homens probos, e atilados,  
Não ha quem os ennobreça,  
Em quanto chapeos armados  
Os traz quem não tem cabeça.

Um pobre não acha escudo  
Que o defenda da pedrada ;  
— Um rico é formoso e agudo ;  
— Um sabio, entre nós, é nada,  
Um tólo, entre nós, é tudo.

N'este mar, chamado mundo,  
Em que nadamos com mágoa,  
É já velho, e nauseabundo,  
O lixo vêr-se á flôr d'agua,  
Irem brilhantes ao fundo.

Irar-se a gente sensata  
Contra essas ondas d'asneiras  
Em que esse mar se desata,  
É dar pêso a frioleiras,  
De que está cheia a fragata.

Olha, *Viscondessa* amiga,  
O mundo já não se emenda,  
Sua falha é muito antiga ;  
Quem com elle entra em contenda,  
Com rolos de fumo briga !

Recebe, pois, a *excellencia*  
(Que teem, aqui, regateiras)  
Desfructa os bens da opulencia,  
Já que és nobre nas maneiras,  
Fidalga na intelligencia.

---

NOTA.

(<sup>1</sup>) Esta epistola foi publicada no *Periodico dos Pobres*, no *Porto*, sob o nome supposto — SATURNO — em resposta a outra, escripta em Lisboa, e publicada no mesmo jornal, com o pseudonimo — VISCONDESSA DE BELLARTE.

## AO DINHEIRO.

SONETO.

Mysterioso dinheiro ! Alta potencia !  
Dominas, sem rival, todo o Universo !  
Ama-te o probo, adora-te o perverso,  
Curva-se o mundo inteiro á tua essencia.

É mil vezes fatal tua ascendencia,  
Á virtude e ao saber és sempre adverso,  
Quem teu poder maldiz, em prosa ou verso,  
Lamenta, com pezar, a tua ausencia !

São immensos os males que produzes,  
Infinitos os bens de que dás cabo,  
Muitos os cégos são, a quem dás luzes !

Um fraco, apenas, tens, que te não gabo :  
— Consentes, esquecendo que tens cruces,  
Que te apanhem por artes do diabo !

## A MANOEL COCO (1).

(RESPOSTA Á SUA EPISTOLA PUBLICADA NO N.º 328 DA « AURORA DO LIMA », JORNAL QUE SE PUBLICA EM VIANNA.)

A occupação de Poeta  
He nobre por natureza;  
Mas todo o officio tem ossos,  
E os deste são a pobreza.  
N. TOLENTINO.

Quem és, homem de quizilia,  
Que vens, com projectos ôcos,  
Obrigar-me a atroz vigilia?  
— És da familia dos *Cócos*?  
Não conheço tal familia! —

Teus braços, onde os achaste?  
Quaes os titulos que ostentas?  
E como, insensato, ousaste  
Chegar da *nobreza* ás ventas  
*Esturro*, que apimentaste?...

Fórra as costas de cortiça,  
Se outra vez has-de, atrevido,  
Confundir, com injustiça,  
Como já tens confundido,  
Nobreza — brôa — e nabiça !

Pois que tem que uma *barôa*  
Dê seus arrotos a vinho,  
E baforadas a brôa,  
Não crestando o fôfo arminho  
Que lhe enfeita a *nobre* prôa?

E a nabiça, por ventura,  
Não é cousa que conforte  
A *fidalga* creatura,  
Se ella do estomago é forte,  
Como dos cascos é dura?

Feijão, ou cousa que o valha,  
Julgas tu que é só do pobre,  
Que vive porque trabalha?  
Pois que ha-de comer o *nobre*?  
— Dirás tu que coma palha? —

Insensato! O feio orgulho  
Veio tornar-te indiscreto,  
Pondo em risco o teu bandulho,  
E o meu, que estava quieto,  
Sem entrar n'esse barulho!

Tem, pois, cautella, insensato;  
Que razão não tens de queixa  
Se uma *barôa*, n'um flato,  
Te aquecer uma bochecha  
Com a sola do sapato!

Se brilha na grande roda  
A que é *fidalga* na sala,  
Sabe quem pesca da poda,  
Como ella, em taes casos, falla,  
Castigando á sua moda.

Cuidas tu que muda o arminho  
A, que é natural, vileza?  
Pois sabe, meu *Manoelzinho*:  
— Não tira a cama franceza  
O que deu berço de pínho.

\*

Não te dou já muito bólo,  
Por ser a lição serodia;  
Mas só te digo que és tólo,  
Se pelo brilho da côdea  
Avalias o miólo!

Não sabes quanto eu receio  
Ir, no mar da asneira, ao fundo?...  
Que vivo, de médo cheio,  
Em sucia com meio mundo,  
Separado do outro meio? —

Não vês que, pela mania  
De mostrar taes, quaes as vejo,  
As cousas, á luz do dia,  
Já me chamam persovejo,  
Pegado na *fidalgua*?

Não vês o que incensa a asneira  
Rico, e cheio de basofia,  
Gosar vida prasenteira,  
Em quanto eu só tenho embofia,  
Sem cinco reis na algibeira?

Não pensas que o independente,  
Que é sobre os maus um açoite,  
Bate, quasi, em toda a gente,  
Mas trabalha, dia e noite,  
Para ter que dar ao dente?

Não calculas a tortura  
Que soffre o que bate o vicio,  
E adora a virtude pura,  
E, sem tratar d'outro officio,  
Viver d'isso, aqui, procura?

Não tens visto quem decida,  
Porque a sorte se rebella,  
Ter antes, n'outra guarida,  
Entre os negros vida bella,  
Que entre os brancos negra vida?...

Sabes tudo, e as horas d'ocio  
Tentas vir gastar, comigo,  
N'este triste sacerdocio?  
— Caminhas errado, amigo,  
Não pretendas ser meu socio!

Muda o rumo, que o destino,  
Por aqui, promette pouco :  
Pensa bem que é desatino  
Pretender que o mundo louço  
Cedà ao furor viperino !

O destino meu não sigas,  
Além de triste, infecundo ;  
— Segue a moda, e, choramigas,  
Se te não agrada o mundo,  
Lamenta-o, não o maldigas !

Deixa-me só, que estou velho !  
— Se ainda vejo, assim cançado,  
O que mostro, n'este espelho,  
Seguir me não deixa o fado  
O que te dou de conselho.

Diga, embora, o mundo inteiro  
Que não junto, assim, thesouros :  
— Teimoso, como um sendeiro,  
Levarei couces dos touros,  
Mas hei-de morrer toureiro.

---

NOTA.

(<sup>1</sup>) Este *Cóco*, d'onde sahiu a poesia a que respondo, e que vae transcripta no fim do livro, é o meu amigo *Camillo Castello-Branco*.

**EPISTOLA (1).**

Estou vivo, meu caro, e muito vivo,  
Mais vivo do que alguém que viver pensa:  
Se d' escrever-te ha muito que me esquivo  
Não é de certo, por fazer-te offensa;  
É só pelo respeito que te devo,  
Pela lingua mordaz que sinto em ti;  
Mas estas linhas que, a tremer, te escrevo,  
*Ao mundo attestam que inda não morri!*

Estou vivo, collega, e tenho lido  
Massadas que me dás, em chulo verso  
Com que tentas, d'orgulho possuido,  
Pôr de pernas ao ar todo o Universo:  
Canço-me a lamentar essas manias,  
Que, na gente sensata, inda não vi;  
E essas lamentações de Jeremias  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

Batendo a raça vil, que chamam nobre,  
Julgas, louco, abater-lhe o poderio?  
— Homens d'ouro, nascidos entre o cobre,  
Dar n'elles é malhar em ferro frio;  
Pretendes suspender-lhes as patadas,  
Em quanto eu rio d'elles, e de ti,  
E as minhas estrondosas gargalhadas  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

Não fui, como suppões, a reino estranho,  
De sciencia pejar esta cachola;  
Se a reluzente *libra* <sup>(2)</sup>, aqui, não ganho,  
Tenho, para ser parvo, optima eschola;  
Lições de muitos parvos vou tomando,  
Que, mais que os outros, ricos são, aqui,  
E esses parvos felizes imitando,  
*Ao mundo attesto que inda não morri.*

De util ser ao paiz sinto o desejo,  
E, se a *libra* me dão, é meu destino  
Ir estudo fazer no realejo,  
Para vir cá, depois, tocar o hymno:  
Famosa petição, que eu redigira,  
Já o Governo a tem diante de si: —  
Tão santas pretensões, que a patria inspira,  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

Se o talento me falta, amigo tenho  
Que pelo meu futuro se desvela :  
— É o nosso thesouro um bom engenho ;  
E eu, que dou com destreza á manivela,  
Moido tenho já, de tal maneira,  
Que a sorte, como a muitos, me sorri,  
E as *libras*, a cantar-me na algibeira,  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

Na Camara um lugar, sempre rendoso,  
Por amigos, está quasi pilhado ;  
Mas não quero á nação ser oneroso :  
— Urna livre! — e que eu seja deputado !  
— Mais tarde pagarei esse trabalho,  
Que nunca dos serviços me esqueci :  
Santas doutrinas, que no mundo espalho,  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

Um jornal montarei, largo e comprido,  
Que o governo, que pague, bem defenda ;  
Embora esse papel não seja lido  
E sirva só d'embrulho em fraca tenda,  
Bom dinheiro juntar é minha empreza,  
Sem meios escolher, como até-qui ;  
Se parasita sou, esta franqueza  
*Ao mundo attesta que inda não morri.*

Caprichos não terei, porque aos duellos  
Nunca fui nem serei muito inclinado,  
Nem desejo imitar certos *marmellos*,  
Fanfarrões, que ao desfructe se teem dado;  
Que sabujo me chamem, vil, nojento,  
De tudo o bom politico se ri:  
— Esta cara de pau, que altiva ostento,  
*Ao mundo attesta que inda não morri.*

Cheio já d'importancia, e poderio,  
De papo fallarei, em toda a parte;  
E, sabendo affectar orgulho e brio,  
Sem usar de pistola ou bacamarte,  
No decurso, talvez, de poucos annos,  
Um rico figurão serei aqui:  
— Meu amigo, confessa que estes planos  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

Em quanto d'alto heroe eu goso a fama,  
Sem a alheias verrinas dar cavaco,  
Tu, meu pateta, ficarás na lama,  
Satyrico infeliz, sem um *pataco!*  
Deixa, como eu deixei, costumes velhos,  
Aprende, como vês que eu aprendi,  
E não queiras negar que estes conselhos  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

O mundo acompanhar é ser esperto,  
Viral-o pretender é ser maluco :  
Quem arvores plantar lá no deserto  
É bem louco, se espera tirar succo ;  
Eu acordei, amigo, e, despertando,  
Conheço que até hoje só dormi :  
Agora este desejo d'ir trepando,  
*Ao mundo attesta que inda não morri.*

Se outr'ora foi virtude o ser honrado,  
Virtude hoje não é, como presumes ;  
Tudo tem, dia e noite, caminhado,  
« Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes »,  
Tu permaneces firme, qual rochedo,  
E, sem nada gosar, morres ahí !  
Eu mudei de pensar, e — tarde ou cedo —  
*Ao mundo attesto que inda não morri.*

Abre os olhos, tambem, segue o teu turno,  
Que hei-de sempre guiar-te com desvelo ;  
Antes ser maganão d'alto cothurno,  
Que honrado cidadão, mas de chinelo ;  
Deixa desabafar os que á trapaça  
Fogem, vivendo como eu já vivi :  
— Uteis conselhos que te dou, de graça,  
*Ao mundo attestam que inda não morri.*

E agora, que já sabes que estou vivo,  
E d'amigos leaes nunca me esqueço,  
Que não sejas, qual fui, outr'ora, esquivo,  
É sómente, por hoje, o que te peço :  
— Se quinze versos vês, aqui, roubados,  
Que o *Palmeirim* compôz, e eu ponho aqui,  
Inda n'estes meus furtos, mūito usados,  
*Ao mundo attesto que inda não morri.*

---

NOTAS.

(<sup>1</sup>) Esta epistola foi publicada em um jornal, com um nome supposto.

(<sup>2</sup>) Allude-se ao subsidio que, na epocha em que foram compostos estes versos, se dava a qualquer *Simplicio*, sob o pretexto d'ir estudar alguma cousa a Paris.

## BONS DIAS!

Este Genio dos Poetas  
He fugitivo e mèsquinho;  
Á primeira can, os deixa  
Na ametade do caminho.

N. TOLENTINO.

Ha pouco rompeu a aurora: —  
Deitado no pobre leito,  
Eu, scismando, apenas deito  
Do nariz a ponta fóra:  
Cedo á dôr que me devora,  
Solto, em desalento, um ai;  
Porque a Musa á luz não sae,  
E, jázendo entregue ao somno,  
Deixa-me em triste abandono,  
Como a creança sem pae!

Só, aqui, longe da gente,  
Pela preguiça retido,  
Apenas ouço o zumbido  
Do mosquito impertinente!  
Enxoto-o, mas, de repente,  
Como se o doce os engoda,  
Vem trinta, cercam-me em roda,  
Picam, sem dó nem consciencia,  
Esgotando-me a paciencia,  
Como os criticos da moda!

A exclamação é baldada,  
Não me attendem os mosquitos;  
Como os criticos malditos,  
Não ouvem, não pensam nada!  
Dando aguda ferroada  
Vão-me o socego roubando,  
Os zoilos inda imitando,  
Quando, a *critica* exercendo,  
Sem piedade vão mordendo,  
Sem saber como, nem quando!

Maldizendo a negra vida,  
Entre mosquitos passada,  
Deixo a cama desejada,  
Vou buscar outra guarida:  
Sinto a cabeça esvaída,

Ardente raiva me inflamma ;  
E, embora eu saiba que a fama  
Quer do trabalho o soccorro,  
Como outros vates, eu morro  
De saudades pela cama !

E não é leito dourado  
O leito que préso tanto ;  
Nem, velando, goso o encanto  
De rico docel bordado !  
Se pobre durmo, — acordado,  
É pobre a roupa que visto ;  
Riquezas não as conquisto,  
Dia e noite a pé só ando ;  
E, embora a lyra pulsando,  
Se poeta sou — é n'isto !

O poeta canta e chora,  
Da natureza se encanta,  
E até da aurora se espanta,  
Sem, jámais, ter visto a aurora :  
A canção meiga e sonora  
Do rouxinol, a quem ama,  
Só por tradição o inflamma  
N'esse fogo da poesia,  
Pois não se ouve ao meio-dia,  
Quando o vate sae da cama !

Esse orvalho matutino,  
A brisa da madrugada,  
À que, na lyra afinada,  
Todo o vate canta um hymno,  
São bellezas que um campino  
Cantar não sabe, mas gosa ;  
Porque a vida trabalhosa  
O chama á diaria lida,  
Em quanto dorme, encolhida,  
A Musa, que é preguiçosa !

Do Parnaso entre as bellezas  
Ha, como entre as creaturas,  
Para poucos só venturas,  
Para muitos só tristezas :  
São varias as naturezas,  
Como aqui o são tambem ;  
Vae, para alguns, tudo bem,  
Em quanto que outros, calados,  
Vivem sempre desgraçados  
Sem fazer mal a ninguem !

Ha Musas tão caprichosas  
Que inspirações não concedem  
Aos poetas que lh'as pedem  
Para as canções lacrimosas ;  
As lyras harmoniosas

Tornam-se; então, em pandeiros,  
Que tocam aventureiros  
Sem natureza, e sem arte,  
Mostrando, por toda a parte,  
Os seus instinctos bregeiros!

Por isso, n'este momento,  
Eu debalde invoco a Musa,  
Que, teimosa, se recusa  
Da poesia ao sentimento :  
Triste, e só, em desalento,  
Não vale o'soltar um ai ;  
Surda a meus males, não sae  
A Musa que, entregue ao somno,  
Me deixa em triste abandono,  
Como a creança sem pae !

## CONSELHO.

### SONETO.

Ora viva o menino! Então é certo  
Que no meu batalhão quer sentar praça? —  
Se tenta divertir-se, é bom que o faça;  
Se busca posição, é pouco esperto:

Eu, que já da velhice estou bem perto,  
Sem da *reforma* conseguir a graça,  
Nem anspeçada sou, e, por desgraça,  
Julguei que vinha achar um ceo aberto!

Hoje, que penso mais, que estou maduro,  
Já melado, talvez, por isso o empraso  
A que siga caminho mais seguro:

Mas se teima em fugir para o Parnaso,  
Saiba que um pontapé deu no futuro,  
Conte que ha-de morrer soldado raso.

**EPISTOLA (1).**

(À VISCONDESSA DE BELLARTE.)

*Viscondessa!* És viva, ou morta?  
Espero todos os dias.  
Que venham bater-me á porta,  
A provar-me que aprecias  
As cartas do teu *Saturno*;  
Mas fico de cara torta,  
Vendo que não dão cavaco  
*Fidalgas* d'alto cothurno,  
A quem é plebeu e pobre,  
Embora lhes mande um sacco  
De versos, cada semana!

Não pensas tu, porque és *nobre*,  
Que te póde ir á pavana,  
Quem se julga despresado,  
Por tua basofia insana,  
Sem ter, jámais, insultado  
Tua excelsa *fidalgua*?...

Pois sabe que, se, algum dia,  
Por desgraça, eu fôr *fidalgo*,  
Darei de mão á poesia,  
E, correndo como um galgo,  
Irei mostrar-te os arminhos,  
Os braços, os pergaminhos,  
Embora cheire a *cominhos* <sup>(2)</sup>  
Essa *nobre* trapalhada;  
E hei-de, então, vêr-te humilhada  
Diante da minha *nobreza* :  
— Tu, que és hoje enfatuada,  
Que á praça vens, toda teza,  
Com seriedade affectada,  
Antigos contos contando,  
Que lêste em chronica velha,  
Has-de ir a prôa abaixando,  
E, mansa como uma ovelha,  
Sem franzir a sobancelha,  
Comigo, já, practicando,  
Não me has-de fallar d' *esguelha*,

Como até hoje tens feito ;  
Julgarás que alto respeito,  
Como a *nobre*, me é devido,  
Pois é teu maior defeito  
Esse orgulho desmedido ;  
Mas eu, crendo-me offendido,  
Com essa louca mudança,  
Hei-de tirar-te a chibança,  
Tão fôfa, que tens agora,  
Fingindo vaidade louca,  
Como essa que te devora,  
E que te obriga a ser mouca,  
Se te falla alguém do povo ;  
E depois, *fidalgo* novo,  
Como tal cheio de vento,  
Seja, embora, sacrificio,  
Hei-de affectar um momento  
Da soberba o feio vicio ;  
E vendo-te a mim submissa,  
Mostrando que de mim gostas,  
Hei-de, então, mandar-te á missa,  
Hei-de te voltar as costas,  
Antes que me ponhas fóra  
Por te arranhar esse orgulho,  
Com que faz tanto barulho  
A *fidalguia* moderna.  
De cá, depois, tens-me á perna,

A rir-me d'essa vaidade,  
Com chalaça de taverna,  
— Como diz a mocidade  
Litteraria, e estudiosa,  
Que só, em rimada prosa,  
Sabe affectar sentimento,  
Sem consentir que, um momento,  
Seja galhofeira a Musa,  
Em quanto o moço despeja  
Da casa em escuro canto,  
De modo que ninguem veja,  
A larga vidrada infusa,  
Que já teem cheia de pranto,  
Derramado ao som da lyra ;  
— Que, a não ser de cemiterio,  
A poesia é mentira. —

Mas devo fallar-te serio,  
Minha cara *Viscondessa* :  
— O motivo inda é mysterio,  
Porque me deu na cabeça,  
Seja embora teu amigo,  
Lançar mão d'esta *bandurra*,  
Cantar *a duo* contigo !

Mas, descer hoje da burra,  
Fraqueza fôra : — prosigo,

Sem pensar no resultado  
D'esta minha pertinacia :  
Conheço que foi audacia,  
Mas vem já tarde o remedio,  
E não ficarei calado,  
Embora te cause tedio.

Principiei, por chalaça,  
Sem pensar que era imprudente,  
E agora, por mais que faça,  
Por mais que a Musa apoquente,  
Para que siga outro rumo,  
Vejo que é tempo perdido ; —  
Cantarei como costume,  
Pois não posso ser mais nada  
Do que até-qui tenho sido !

E sei que essa trapalhada,  
Esses fracos, chulos versos  
Que te tenho dirigido,  
E por ahi correm dispersos,  
São bem tristes attestados  
Da minha parva ousadia ;  
Se não são todos errados,  
Se são, bem ou mal, rimados,  
Falta n'elles a poesia,  
São cantigas de viola,

Sem graça, sem harmonia,  
Cousas da minha cachola,  
Fracas sempre, em tudo romba;  
Cada parto é uma tomba  
Que soffre a litteratura,  
Mas tomba tão grossa e dura  
Que, pouco tempo durando,  
Vae magoar os leitores,  
Fazer callos na paciencia  
Do pobre que a tomba atura.  
Até que, cheio de dôres,  
Se vae de mim descalçando,  
Sem pezo ter na consciencia.

Inda assim vou versejando,  
Rudes sons tirando á lyra;  
E como nada me inspira,  
Porque a bola, refractaria,  
Contra a inspiração conspira,  
Sou mais uma *luminaria*,  
Das d'azeite de purgueira,  
Como tantas que hoje em dia,  
Tendo por pavio a asneira,  
Á prosa dão harmonia,  
Julgando que espalham luzes  
Nos campos da poesia,  
Onde as trevas da ignorancia

Fazem andar taes lapuzes  
Aos encontrões ao bom senso ;  
Tendo, inda assim, tal constancia,  
Dos parvos o bando immenso,  
Como tem qualquer sendeiro,  
Se os pés á parede arruma.

Eis-aqui, uma por uma,  
Á face do mundo inteiro,  
As causas da minha teima,  
Em que, todavia, insisto,  
Conhecendo que é toleima :  
Tem paciencia, *Viscondessa*,  
Bem vês que sou um boleima,  
Como tantos que tens visto,  
Que suppoem ter na cabeça  
Vivo fogo da poesia,  
Quando tal fogo os não queïma.

*Post-scriptum.* — Eu bem dizia  
Que tinha falta de geito,  
Que d'isto nada sabia ;  
Acabo de lér agora  
O que até-qui tenho feito,

E a mágoa já me devora,  
Por vêr da graça afastada  
Esta versalhada côxa,  
Esta chôcha trapalhada; —  
Deixal-a, porém, ser chôcha.

Tu, que bem pescas da póda,  
Has-de vêr n'esta *tirada*,  
Mesmo porque não diz nada,  
Uma poesia da moda.

## NOTAS.

(<sup>1</sup>) Foi publicada em um jornal do Porto, com o pseudonimo—*Saturno*.

(<sup>2</sup>) Parece-me que o vocabulo « *cominhos* » dando a esta poesia um certo sabor de sarrabulho, poderá ser prejudicial ao delicado estomago d'algum dos meus leitores. N'esse caso julgo necessario appresentar, como antidoto, um exemplo muito estomacal, que, por acaso, pilhei á unha:

Seria duvidar da vastissima erudição dos meus leitores, o perguntar-lhes se conhecem a comedia de *El-rei Seleuco*, producção do nosso Camões!

Ora! Se não haviam de conhecêl-a!...

Não sei se se recordam de um criado, com pretenções a poeta, que figura na comedia?! Pois esse ratão, para mostrar até onde chega o seu talento, repete uma trova, que dirigira a uma tal *Briolanja*, por quem elle andava já meio poeta (parvo, diziam n'esse tempo).

A trova era isto:

*Por amor de vós, Briolanja,  
Ando eu morto:  
Pesar de meu avô torto.*

Se fosse hoje, estes tres versos collocariam o amante de *Briolanja* em uma elevada posição como poeta: — é desnecessario citar exemplos.

Mas n'esse tempo não se trepava ao Parnaso de gatinhas, como agora, e o pobre *poeta*, sem perceber a caçoada, enthusiasinou-se com os ironicos applausos dos ouvintes, e bradou: — « Alto lá, que inda falta o melhor!

\*

« Ouçam a volta: »

*Vossos olhos tão daninhos  
Me tratarão de feição,  
Que não ha em meu coração,  
Em que se atem dois reis de cominhos:  
Meu bem anda sem focinhos  
Por vós morto:  
Pesar de meu avô torto.*

Um dos ouvintes interroga o poeta, sobre a extravagancia de ligar os *cominhos* ao *coração*, e elle responde:

Ai, o meu amigo não comprehende? Pois saiba que *coração*, *bofes*, *baço*, e toda a mais *cabedella*, não são cousas que possam comer-se sem *cominhos*; além d'isso, para avaliarem melhor a belleza do pensamento, devo dizer-lhes que a minha *Briolanja* era tendeira.

Já vêem os meus leitores que, a não quererem chamar-me plagiario, não teem em que fundar as bases de uma accusação. A idéa de pulverisar a poesia com *cominhos* é extravagante, mas não é minha; e, se o caso é diverso, a analogia é mais saliente aqui.

Trata-se de um fidalgo novo, e não seria o primeiro que subia a essa categoria, tendo sido collega da *Briolanja*.

Falla-se da *nobreza* moderna, e todo o mundo sabe que lhe é peculiar o cheiro a *cominhos*.

Já se sabe, isto é a regra. As excepções... ainda póde ser que appareçam.

## CONSELHO.

(PARA SER ESCRITO NO ALBUM DE UMA JOVEN BAHIANA).

Toquei, ou antes arranhei á tóa,  
Os versos que te mando.  
Ri-te se forem bons e se gostares,  
Ri-te se forem maus e te enjoarem;  
Ri-te, ri-te, que o mundo  
Não se póde levar d'outra maneira.  
GARRETT — *Fabulas e Contos.*

Donzella, que vens lá do novo mundo  
Rude canção buscar ao mundo velho!  
O meu estro infeliz, pobre, infecundo,  
Dar-te não póde mais que um bom conselho:  
— Não creias nas lisonjas dos poetas,  
Nos delirios ardentes da paixão;  
Das juras aqui feitas, indiscretas,  
Nunca foi testemunha o coração!

O vate, sem te vêr, se dizes : — cante ! —  
Logo um canto concebe á natureza ;  
Se foge a inspiração, a consoante  
Lá lhe vem apontar tua — belleza !  
Seu estro, incendiado, mais se anima,  
Canta o mimoso arbusto, a linda flôr,  
E, submisso ao dominio atroz da rima,  
Nada sente por ti, falla — d'amor !

Encontra logo em ti motivos santos  
Para dar á canção belleza infinda ;  
Eleva á divindade os teus encantos,  
Julga cousa vulgar chamar-te — linda,  
Invoca da poesia o meigo archanjo  
Que lhe inspire a canção que dar-te quer ;  
N'um accesso febril, diz que és — um anjo,  
De ti sabendo, apenas, que és — mulher !

Canta o dôce pallor da — meiga lua,  
E o cortejo de — estrellas fulgurantes ;  
Vê n'aquella, fulgindo, — a imagem tua,  
Vê n'estas os teus — olhos scintillantes !  
Já da terra nos mimos, tão pequenos,  
Nada vê que te possa equiparar,  
E, no delirio seu — não pensa, ao menos,  
Se irmã gemea terás — diz que és — sem par !

Donzella, que vens lá do novo mundo  
Rude canção buscar ao mundo velho!  
O meu estro infeliz, pobre, infecundo,  
Dar-te não póde mais que um bom conselho:  
Não creias nas lisonjas dos poetas,  
Nos delirios ardentes da paixão: —  
Das juras aqui feitas, indiscretas,  
Nunca foi testemunha o coração!

Eu, poeta não sou! — Se pulso a lyra,  
Entoando canções, por desenfado,  
Em meus cantos não dou culto á mentira,  
Louvor ao que não sei se é bem louvado:  
Se não tenho o perfume lisongeiro  
Que espargem dóces lyras, divinaes,  
Rimador serei, só, mas verdadeiro,  
Vate não quero ser, por mentir mais.

Não venho predizer-te um bom futuro,  
Que o futuro é de Deus — não sou propheta! —  
E se na predicção não sou seguro,  
Menos o póde ser quem fôr poeta.  
Deixa o tempo correr, ama a virtude,  
Que uma aurora feliz te ha-de raiar,  
Se o contrario disser meigo alaúde,  
Cousas de poetas são — deixa-os fallar!

Humilhar-me a teus pés não irei, tanto  
Que me diga incapaz, falta d'engenho :  
● Á Bahia não fui levar-te um canto,  
Ao teu mando cedi — dou-te o que tenho :  
Mágoas te não direi, que me consomem,  
Minha historia não vou contar-te aqui :  
Fui creança e rapaz, hoje sou homem,  
Velho, em breve, serei — e acaba ahí !

Scenas d'antigo amor, dão-me bem pouco  
Para um drama em que brilhem mil chimeras,  
Brando o meu coração, mais do que louco,  
Prosaico foi no amor — que amou devéras :  
Uma só vez amei, tendo já visto  
A juventude ao fim, quasi, chegar :  
Dei-me á doce prisão, e finda n'isto  
A historia que, d'amor, posso contar !

Minha patria cantar? — Não, que é mesquinha  
A lyra, para entrar em altas lidas :  
É bella — como a tua — a patria minha,  
Como todas as patrias conhecidas :  
Vê cada qual na sua mil encantos,  
Na estranha ninguem vê belleza assim ;  
E é — se dérmos valor aos patrios cantos —  
Todo o mundo um phantastico jardim !

Não recorro, por ti, ao sentimento,  
Nem o meu patrio amor ostentar venho :  
Teu merito exaltar, aqui, não tento,  
Nem lamentar, em mim, falta d'engenho :  
Mas tu pedes-me um canto, e eu tenho em vista  
Na obediencia, mostrar que sou cortez :  
Deixa, pois, que, arvorado em moralista,  
Te pregue o meu sermão, mais uma vez :

Donzella, que vens lá do novo mundo  
Rude canção buscar ao mundo velho !  
O meu estro infeliz, pobre, infecundo,  
Dar-te não póde mais que um bom conselho :  
Não creias nas lisonjas dos poetas,  
Nos delirios ardentes da paixão :  
Das juras aqui feitas, indiscretas,  
Nunca foi testemunha o coração.

**NECROLOGIO.**

Nasceu *Ambrozio*, innocente  
Como nasce a creatura ; —  
Em toda a infancia, entre a gente,  
Fez de innocente a figura :

Na adolescencia, a memoria,  
Sendo-lhe em tudo canhota,  
Deu-lhe, contra a palmatoria,  
Privilegio d'idiota.

Na juventude fogosa,  
Sustentou, como *poeta*,  
Fazendo versos em prosa,  
Fama antiga de pateta :

Já na velhice, uma dama  
Lhe fez dar volta ao miólo ;  
De rastos andou na lama,  
Soffreu muito e... morreu tólo !

Se offendem a humanidade  
Mais os velhacos, que os loucos,  
Perdeu n'elle a sociedade  
Um amigo, como ha poucos.

Com instinctos mais que humanos,  
O mundo o não corrompêra :  
— Viveu aqui sessenta annos,  
E morreu como nascêra.

## O FIM DO MUNDO (1).

E o Pedantismo pôde mais que tudo,  
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade;  
E em sabendo servir-se da lisonja,  
Vôa por esses ares, sobe ao cume  
Onde a vaidosa Idéa ergueu o Templo  
Da phantastica Fama.

GARÇÃO.

São dez horas... meu Deus... e á meia noite  
Finda o praso fatal... com elle a vida!  
Não tem um só vivente onde se acoite,  
Espreitando essa immensa despedida!...

Morre tudo, Senhor! O sabio... o tólo...  
O fidalgo... o plebeu... o cão e o gato...  
Tudo junto, debaixo do tijólo,  
Como fica na lama o carrapato!!

Os marmores... o jaspe... e o azulejo  
Tudo n'um pastelão!... todos perdidos!...  
E os palacios, tão chatos como um queijo,  
Tambem n'essas ruinas confundidos!...

Esses homens de gosto... homens tão sérios,  
Que, a vida atravessando, sempre fartos,  
Marmóreas casas teem nos cemiterios,  
Misturados... com *sapos e lagartos!*...

Eu, que ao throno subi, n'este reinado...  
Eu, que *Papa* já fui, n'esta carreira...  
Vou, sem culpa, tambem, ser condemnado  
Á triste condição d'uma *toupeira!*

Ah! mundo... mundo!... Oh! falso paraizo!  
Tua vasta grandeza é tudo pêta!...  
Um Deus para crear-te foi preciso...  
Para te aniquilar... basta um *Cometa!*...

E Deus, para levar tal obra ao cabo,  
Em seis dias gastou saber profundo...  
Vem por fim um *Cometa*... estende o rabo...  
Dá-lhe tres chicotádas... e adeus mundo!

Mas... silencio... é desvario  
Ter d'esta vida lembrança,  
Quando é já morta a esperança,  
E o mundo está por um fio!...  
Perde-se o tempo e o feitio  
N'este discurso baldado...  
É gastar bom phraseado  
Sem ter uma idéa nova...  
É ter, á beira da cova,  
Pretensões a deputado!...

Nada... nada... é mais preciso  
Preparar... e o tempo é pouco...  
Tive muito... mas fui louco,  
Por crêr que tinha juizo!...  
De que valeu esse aviso  
Que a *sciencia* aos homens déra?  
Será ella uma chimera,  
Uma balófa impostura?!...  
Ai!... triste da creatura  
Que a *sciencia* não venera! —

Diz *um Sabio*: — «Acaba o mundo!»  
E os nescios ficam-se rindo...  
Mas... o tempo vaç fugindo,  
Lá vamos todos ao fundo!...  
E ao povo que, moribundo,

Arrependido, hoje chora,  
Por ter despresado outr'ora  
Esse aviso da *sciencia*,  
Dirá o *Sabio*: — « Paciencia...  
« Zombem da sciencia agora!... »

E se acabasse esta vida  
Por outra causa mais forte!...  
Se quem a deu dêsse a morte,  
Era mais dóce a partida!...  
Mas... ser a terra engulida  
Por um *Cometa* iracundo...  
Torna-me isto furibundo!...  
Não quero que o mundo acabe!...  
Pois, se ha cá *tantos*... não cabe  
Mais um *Cometa* no mundo!...

Oh! se cabe!... Eu até creio  
Que a terra é sua morada...  
Mas... se é d'elles habitada,  
D'onde vem tanto receio?...  
Pois será bicho tão feio  
Que do mundo, assim, dê cabo?...  
É peor *esse* diabo  
Do que *outros*, que temos perto?...  
Juro que não... mas... é certo  
Que os da terra... não teem rabo!...

Homens! Homens de talento!  
Como os loucos infelizes,  
Deixaes-vos ir de narizes...  
Morreis todos... n'um momento!...  
Não tendes um pensamento  
Que n'este ensejo nos valha!  
Andaes imitando a gralha,  
Como o pavão enfeitada,  
E, no fim, não valeis nada...  
Sois uns bonecos de palha!

Pois teem hoje as costureiras  
Machinas de cozer calças...  
Fazem outros *notas* falsas,  
Que parecem verdadeiras...  
Enche este de frioleiras,  
D'alto abaixo, uma gazeta...  
Enfeita aquelle uma pêta  
Com as galas da verdade...  
E só falta habilidade  
Para extinguir um *Cometa*?...

Hoje, que domina a idéa,  
Filha do saber profundo,  
Assim se desfaz o mundo,  
Como que fosse d'areia!...  
Dizem que a terra está cheia

De sabios d'alto quilate...  
Mas... silencio... é disparate  
Ter tanta affeição á vida:  
Vou fazer-lhe a despedida,  
Antes que isto se desate!

Ai!... Adeus!... O mundo inteiro  
Vae cahir no precipicio...  
E eu passei um *beneficio*,  
Sempre quero o meu dinheiro...  
Como aqui não deixo herdeiro,  
Nem fica ninguem por cá,  
Adeus... adeus... porém lá,  
Pagar-me podem, sem custo:  
— Procurem ABEL AUGUSTO  
No valle de Josaphat!

---

NOTA.

(<sup>1</sup>) Esta poesia foi recitada no Theatro de S. João, no Porto, pelo actor Abel Augusto da Costa, em seu beneficio, na noite de 13 de Junho de 1857, em que, segundo a prophesia do celebre *Conego de Liege*, devia escangalhar-se esta bola chamada mundo, e que, apesar do seu notavel desarranjo, continúa a funcionar até segunda ordem.

## CARTA.

Que queres tu que faça um livre peito,  
Que não sabe fazer c'o tempo avença?  
Assi estará cativo, assi sugoito,  
Que té do entendimento seu se guarde,  
Que não julgue quem vay torto ou direito?  
Quem não diz, fogo, fogo, se a casa arde?

A. FERREIRA — *Liv. 2.º — Carta*  
a F. de S. e Menezes.

Amigo! Inda uma vez vou, atrevido,  
Em chulo verso, tosco e mal medido,  
Quatro coisas dizer-te, porque as sinto,  
Se bem que, muitas vezes, tambem minto:

Toma fôlego, amigo, que a massada  
Maior será, talvez, porque é rimada,  
E, sujeito ao *zum-zum* da fôfa rima,  
Qualquer homem, valente, desanima!  
Rebuçada na capa da poesia,  
Vê-se hoje passear, com galhardia,

A fria insipidez, velha e ronceira,  
A seu lado levando a gorda asneira!  
Estas duas matronas, tão amigas,  
E, por nossos peccados, tão antigas,  
Andam sempre, sem dó nem consciencia,  
N'este mundo, a roubar-nos a paciencia:  
— Já muitos o teem dito, e, infelizmente,  
Do que dizem nos dão prova evidente,  
Quando cuidam que os mais vão castigando,  
E, com duro azorrague, em si vão dando!

D'esse mal, como os outros, eu padeço,  
Mas não tanto, porém, que me conheço!

Se vês que *tropeções* já tenho dado,  
Não lamentes, por isso, o meu estado:  
Parva tem sido muita gente boa,  
Ha parvos, como aqui, lá por Lisboa,  
Mil parvos no Parnaso teem reinado:  
Ha quem se julgue ali bravo soldado,  
E de vate quer ter lucida c'róa;  
Mas é loucura o ter, por isso, prôa,  
Como o é têt-a, também, por ser honrado:  
Eu vejo n'este mundo desgraçado,  
Sem ter valor algum, gente vaidosa,  
Que a fama julga ser cousa famosa,

E não pensa, fiada na gazeta,  
Que isto d'honra, e saber, é tudo pèta,  
Porque no templo altivo do progresso  
Já não podem taes dotes dar ingresso !

O mundo é todo assim, — mas ninguém vence,  
Na patetice, o gremio portuense !  
Foi destino fatal ! — Este meu Porto  
Torto nasceu, coitado, e morre torto ;  
E, pelo fado seu já commovido,  
Nem sei se melhor fôra eu ter nascido  
Em Paranhos, Vallongo, ou Mathosinhos,  
Ou, mais distante, em Figueiró dos Vinhos !

Perdôa, oh patria minha, ao triste filho,  
Que anda, por causa tua, n'um sarilho,  
E estaria, a taes horas, sem miôlo,  
Se não fosse fortuna, aqui, ser tôlo !

Á chuva resistindo, e ao rijo vento,  
Sempre têsso, e audaz, como um sargento,  
Quem vir um *figurão*, empavesado,  
Lança na mão, em cima d'um telhado,  
Onde existe, já desde o seu principio,  
Firme, calcando aos pés o Municipio ;  
Quem, para a *magestade* olhando, absorto,  
Souber que o *figurão* se chama — o *Porto* —

Sem pensar quanto aqui ha de mysterio,  
De certo julgará que o Porto é sério;  
Mas o *symbolo* engana, infelizmente;  
Diverso é tudo aqui, tudo o desmente!

Em cada hora que foge, tão ligeira,  
Temos sempre a notar mais uma asneira;  
E cae n'este peccado o velho e o novo,  
O *fidalgo*, o peão, filho do povo,  
A dama do *bon ton*, aperaltada,  
A formosa *grizette*, acatitada,  
A criada, patusca e zombeteira,  
A velha beata, a pudibunda freira,  
O fôfo militar, agaloado,  
O bom paizano, o lavrador honrado,  
O padre, o jornalista, e povo immenso  
Em quem poder não teem vergonha e senso:  
(Não cito n'este numero o — *poeta* —  
Que é synonymo, ha muito, de pateta!)

Entre episodios mil, todos risiveis,  
Sucedem, por aqui, cousas incriveis!  
Andam sempre os jornaes em crua guerra,  
Grandes reputações lançando a terra,  
Uns aos outros chamando-se ignorantes,  
Cataventos, guerrilhas e pedantes,

E inda outros nomes, mais, como estes bellos,  
De que só usa a gente de chinellos!

O povo, porque os vé jogando as cristas,  
E a fundo não conhece os jornalistas,  
Sem que duvida, n'isto, a alguém consinta,  
Não quer acreditar que um d'elles minta:  
— Não vamos, pois, fazer commento novo,  
Respeitemos, amigo, a voz do povo!...

A Justiça — oh! meu Deus! — está perdida!  
Divagando, por ahi, d'aza cahida,  
Ella, que um bom papel já fez outr'ora,  
Vislumbres de pudor não tem agora!  
Se um dia, em que lhe lembra o seu passado,  
O collo tenta erguer, já derreado,  
Recebe um pontapé d'um criminoso,  
Uma injuria cruel d'outro, vaidoso,  
Que, por vêr os sorrisos da Fortuna,  
Escarnece da pobre, que anda á tuna!  
— Assim vae caminhando a desgraçada,  
Por todos que são grandes despresada,  
E algum pequeno, só, ao mal affeito,  
Humilde lhe tributa algum respeito!  
Se alguém lhe não acode — infeliz d'ella! —  
Nem abrigo terá n'uma viella!...

Em todos governando, a estulta moda  
Faz esta gente andar em viva roda!  
As damas, pela moda pataratas,  
Mostram-se cada vez mais caricatas!  
Mettidas nas fataes *saias-biombos*,  
Fazem na rua andar o povo aos tombos,  
Porque estreitas parecem largas ruas,  
Quando n'ellas navegam taes *faluas*!

Ao passo que assim vão saias crescendo,  
Vão tristes chapelinhos encolhendo,  
E da dama a cabeça — por desgraça —  
Finge, sobre um tonel, uma cabaça!  
Isto razão tem dado aos maldizentes  
A que dizendo vão, por entre-dentes,  
Que é n'uma dama — bem que o não pareça —  
O que hoje vale menos — a cabeça!  
Não façamos, tambem, commento novo,  
Respeitemos, amigo, a voz do povo!

Dos rapazes — isto é, dos bons *janotas* —  
Dous não teem mais valor que um par de botas,  
E inda menos terão, que, mais durando,  
Mais nos vão a paciencia calejando,  
E descalçar-se d'elles é custoso  
A quem não tem um genio impetuoso: —  
Impávidos heroes de *taco e bola*,

É seu estudo assiduo a *carambola*; —  
Montam sobre o nariz falsa luneta,  
Lêem *locaes* e annuncios de gazeta,  
Escrevem, nas cartinhas de namoro,  
Atraz d'uma sandice, um desaforo;  
Dando, aqui, na moral grande sangria,  
Um sopapo, acolá, na orthographia,  
Tentando assim mostrar que o bom *janota*  
Deve ser, mais que os outros, idiota!  
— Levam sempre ao *Café*, na sacca cheia,  
Muito que despejar, da vida alheia;  
Que n'esses figurões, d'outras á mingoa,  
É grande qualidade o ter má lingua:  
— Dão cêbo no bigode e no cabêllo,  
Porque é, tambem, do tom, ter muito *pêllo*,  
Gastando o dia, assim, e a noite inteira,  
N'este estado infeliz de pasmaceira!

Mas... silencio... não mais, ferrenha lyra,  
Que o *Pegaso* não morde, mas atira;  
Bravio couce dá, de perna alçada,  
Quando sente que os vates dão patada,  
E patada eu já dei, na extensa carta  
Que te vou dirigir d'asneiras farta!  
— Em vez de prosador, quiz ser poeta,  
E assim, da insipidez tocando a meta,

Nem ao menos pensei que, d'esta sorte,  
Bem cêdo poderei achar a morte  
Nas balas que expedi contra o progresso  
Sem, ousado, temer o retrocesso!

Silencio... inda outra vez... ferrenha lyra,  
Que o *Pegaso* não morde, mas atira!

## A UM PRÉGADOR.

Préga, Padre, a teu contento,  
Que a prégar ganhas dinheiro ;  
Mas prégas um dia inteiro,  
E eu prégo : — « não tens talento » —  
Prégando-o, sou rabugento,  
Mas não prégo por acinte :  
Prégo, porque dei no vinte ;  
— Sei que prégas sermão novo,  
Que, antes de o prégar ao povo,  
Te prégara um teu ouvinte !...

**EPITAPHIO.**

Aqui jaz um mancebo apaixonado,  
A quem fôra traidora ingrata dama :  
— Quem d'elle amigo foi, será vingado,  
Quando a vir *a dormir* na mesma cama.

**EPITAPHIO.**

**Jaz n'esta campá selecta  
Pobre moço, a quem a sorte  
Déra uma lyra indiscreta :  
O triste cantou a Morte,  
E a Morte quiz o poeta !**





## VIVA O PROGRESSO!

Quando nas noites de crueis insomnias,  
Papoulas colho pela nossa historia  
Nos feitos nunca feitos dos antigos,  
Patetas taes lamento. — De que serve  
O puro amor da patria não movido  
Por luzente metal, mas alto, e gratis?  
Que lucraram Cabraes, e os Albuquerquees,  
Em Diu os Castros, no Oriente os Gamas  
Senão morrer de fome, e andar ás moscas?

Felizmente vae longe o tempo estulto  
De idéas carunchosas d'honra e brio,  
Que faziam girar estes e outros  
Por solidões de nunca vistos mundos.  
E houve quem louvasse estas carreiras,  
Quem cantasse os heroes, e os descrevesse?  
E ha, oh! caso raro! inda hoje em dia  
Quem Andrades e Barros saboreie?

Eu por mim quando os leio o somno é certo.  
De que livra saber que o sol nascendo  
No berço viu as lusitanas quinas;  
Ou que iroso Neptuno escoucinhando  
No mar se divertiu co'os Pallinuros?  
Sempre nossos avós eram bem asnos  
Em achar graça a ninharias d'estas!  
Que delirio fatal deu causa a tanto!  
Que modo de julgar o mundo e homens  
Tão outros do que são como hoje os vemos  
Á luz etherea do immortal progresso!  
O tal Gama que fez (haja franqueza),  
P'ra ser cantado por Camões, o torto,  
N'um poema sem fim de insulsas trovas?  
Fez elle por ventura á patria amada  
Presente d'algun gaz de novo invento?  
Roubou por lá dinheiro aos hottentotes?  
Vendeu porção de terra aos estrangeiros  
P'ra melhor se arranjar quando voltasse?  
Mas nada!... qual historia!... o caso é outro,  
Fez..., modernos barões, morrei de riso,  
Fez conhecido o lusitano nome!!!  
Em vez de tanta gloria, o barbas-d'alho  
Dentuças d'elephante antes trouxesse,  
Que servem p'ra marfim, pimenta, e cravo,  
Como fazem por ahi nos nossos dias.  
Estes sim, são heroes, pintos arranjam

Por finos estampados papellinhos,  
*Ou innocentes traficando em negros* <sup>(1)</sup>.  
A honra, a probidade, a fama, a gloria,  
E que taes palavrões, é fumo, é nada.  
Quem troca por loureiros pão d'Avintes,  
Ou tostados biscoutos? — E 'inda ha parvos  
Prégando sabichões que ter virtudes  
É melhor capital do que ter *louras*!  
Viu-se sandice igual?! — O rumo é outro,  
É pé-leve, mão-pilha, e ser maroto,  
Que esperto quer dizer, pois são synonymos,  
Na do progresso singular linguagem.  
Que tempo tão feliz — que seculo d'ouro!

Salvè, progresso tutelar e amigo,  
Que o fel adoças, que os espinhos cortas  
Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!

Nem tu, sexo gentil, ficaste isempto  
D'esta moda seguir. — (Pasmae, vindouros,  
Do lume vivo das modernas luzes).  
As Marilhas crueis tem vindo ao rego  
A honra despresando, inutil freio

(1) Verso alheio.

Não posto ás más paixões, posto á fortuna.  
Isto sim que é pensar, ah! que innocencia  
Que formosura ingenua e recatada  
Ganhou por isso a vida! — Ávante, bellas!  
Que o viver é gosar, e os fins são tudo.  
Theatros, o vestido, o baile, e a festa,  
Dinheiro custam, não se dão de graça.  
Amor, essa paixão que aos proprios deuses  
Faria tresloucar, e andar em braza,  
Está posta a leilão, a lanço em praça.  
Oh tempos! oh costumes semi-barbaros  
Em que amar era andar atraz das moças  
A chorar, a grunhir, e a fazer versos!  
Ou ir de ponto em branco, mata-moiros,  
Deixar-se esquartejar por dama ingrata!  
As nossas vestaes hoje, em vendo as *c'roas*,  
Rendido o coração, dão corpo e alma.  
Os tolos Quichotões desconhecera  
Que a mulher é mulher; e o oiro é tudo.  
Mas isto é pouco ainda, inda devemos  
Mais ao progresso que eu adoro, e sigo.  
Era d'antes mulher traste de luxo  
Sem valer um ceutil, cinco reis cégos,  
Hoje ha pae que põe preço á propria filha,  
Marido que hypótheca a linda esposa,  
E quem por um cavallo ou por dez libras

A ditoso rival a amada entregue !  
Que moda tão feliz, se o preço abaixa !

Progresso, salvè, tutelar e amigo,  
Que o fel adoças, que os espinhos cortas  
Do val, que foi de pranto e hoje é de rosas !

ANTONIO FERREIRA GIRÃO.

**A F. X. DE NOVAES.**

Tu que ás coisas dás o nome  
Que ellas tem, como Boileau,  
Diz-me se é louca mania  
Debicar n'esta poesia  
Onde tu campeias só?

Versejar é simples coisa,  
Rimas tôlas quem quer faz ;  
Mas prender idéa a idéa  
Com fecunda e rica veia,  
Como é, não me dirás?

Ser poeta é condão bello !  
Se esse fôra o meu condão  
Como Deus t'o deu, amigo,  
Emparelhára contigo  
Para uma grande missão.

**CARTA.**

**13 \***



## CARTA.

MEU PRESADO NOVAES.

Começo protestando contra o frontispicio do teu livro.

Annuncia-se alli um JUIZO CRITICO de minha lavra.

Juizo critico! D'uma assentada um substantivo e um adjectivo qual d'elles mais ambicioso!

*Critica*, e *juizo*, os dois attributos mais sublimes do entendimento humano, promettidos assim, Faustino, com um desplante, com uma sem-ceremonia, com uma pedantaria capaz de incovar a minha nomeada n'este meu mundo das letras magras, onde não ha *juizo* nem *critica*!

Declaro a ti e á Europa que nunca me passou pela idéa escrever uma chorumenta e condimentosa analyse aos teus versos. Nunca andei forrageando nas searas estrangeiras um cabaz de sentenças em latim! (oh! em latim!) para convencer-te de que... ha excellentes coisas escriptas em latim. Menos ainda me preveni com um estirado exordio, prenhe de philosophias, e physiologias, e estheticas, e plasticas, e não sei que outros recheios indigestos com que por ahi se costuma empapar o magro Perú. Aqui *perú* é synonymo de critica. Vê tã que mal encabeçada vai já a carta!

Vão agora berrar contra mim os bôrras da critica, os cozinheiros de empadões litterarios, que travam áquelle ranço allemão, tão ingrato aos paladares caprichosos dos teus e dos meus leitores, que querem a iguaria acirrante, leve ao estomago intellectual, e digna de se esquecer uma hora depois.

Deixal-os berrar.

Eu desadoro tudo que me trava a uma certa riqueza pobre, esterilidade fecunda, que não vem a ponto de nada.

Por exemplo: um critico de polpa, um pensador... (Deus nos livre de pensadores que se consomem, e nos consomem, para ensinar á gente que o

espírito de 1758 não é o espírito de 1858!) um pensador sorna abre o teu livro, e sente o *ecce Deus* (latin!) que lhe manda escrever uma critica.

Qualquer dos teus livros póde ser analysado n'um quarto de papel, porque a phrase que louva, e a phrase que censura, é uma só, e escreve-se depressa. O analysta escusa armazenar uma encyclopedia para ajuizar d'uns versos.

O critico, porém, prepara-se para a empreza como o jesuita Sanches para os oito in-folios *De matrimonio*.

Só de exordio dez capitulos.

Os dois primeiros são um mytho. Terceiro e quarto são uma analyse do entendimento humano antes do diluvio. Quinto e sexto a historia do espirito humano desde Homero até á idade media. O setimo é a poesia nas suas correlações com o genero humano. Oitavo, o confronto do classissimo e do romantico. O nono, a analyse do espiritualismo que actua na poesia do seculo XIX. O decimo é uma tentativa prophetica dos destinos da poesia.

O undecimo devia tratar de ti e dos teus versos; mas o critico, aturdido pelas commoções da pytho-nissa, cahiu n'uma lethargia que o pôz ás portas da morte... do senso-commum.

Foi uma felicidade, quando não, as trivialidades, os epithetos obrigados, os lugares-communs, os vãos reparos, as censuras sem doutrina, as doutrinas sem applicação, os encarecimentos requeitados, o mais comesinho dos gabos ou das reprehensões, tudo isso vinha sem ordem para ahi n'um magro artigo, simulando as barbatanas d'aquelle monstro do mestre dos Pisões, que disse:

..... *Geme a montanha,  
E veremos surdir mofo no rato.*

Era isto o que tu querias de mim?

Ainda me não estreei, nem sequer me affoitei a ensaios n'este supremo esforço da cabeça humana.

Ha oito annos que te vi entrar no inferno das letras: já eu cá estava, quando vieste todo encolhido, e como que arrependido de haver pactuado com o demonio, a troca d'uma perspectiva de commendador pelo alvará de poeta satyrico, que te fôra lavrado por Nicolau Tolentino, secretario perpetuo da academia infernal, onde fôras proposto socio pelo inimigo do deão de Evora, que está no ceo (o deão) e mais o seu hyssope.

Quando te vi assim tranzido de susto, balbuciando a mêdo as primeiras imprecações satanicas contra os barões, e algumas até contra o ge-

nero humano, cuidei em te animar com não sei que ameigadoras esperanças de conseguires um dia o teu resgate, como S. Gil de Santarem.

Este S. Gil era um bruxo, que comprára a preço de sua alma philtros com que enfeitiçava as moças.

Tu, peor que o Santo do Riba-Tejo, embruxavas as moças com certos versos que nunca publicaste, e atanazavas as velhas arreitadas com a galhofenta satyra, e punhas causticos nos peitos dos velhos, opilados de coração, e obrigavas a fallar as baronezas ménos correctamente que o Casti fizera fallar as tartarugas, e enfiavas a cabeça dos condignos maridos, afóra as orelhas — que isso não eras tu capaz de encarapuçar — em barretes com o nome da victima, e demais a mais com um fartum a raposinho que não podia falhar.

Eras o diabo!

Eu meditei então seriamente no futuro da tua alma; e, a fallar-te a verdade, tambem me deu que temer o futuro do teu corpo.

No tocante á alma, porção nobilissima do poeta, e, se Aristoteles não mente, o unico que a possui de bom tamanho, essa, meu Faustino, cuidei sempre que virias a redimil-a das prezas de satanaz, quando a providencia dos alarves se enganasse uma

vez contigo, e te propiciasse um capital, que, a juro de seis por cento, te rendesse o costeio d'uma carruagem, de assignatura de camarote, de algumas locaes assopradas nas gazetas a respeito de um jantar, d'um baile, de uma esmola, etc. Bestificado pelos sete por cento, estavas reconciliado com Deus e com os homens, e podias contar com aquella *bemaventurança dos tolos*, de que resa Milton: *The paradise of fools*.

Ora, o corpo, meu amigo, o ten corpo de poeta, supposto que tens bellos e penetrantes olhos, não era melhor corpo que o do cego Homero, que

*Tinha os thesouros de Apollo  
E esmola aos homens pedia.*

Das impertinencias d'aquelle apparelho digestivo que a natureza deu ao poeta, por caçoada, tinha eu muito que discorrer, se viesse a ponto escrever aqui um libello contra o fabrico do poeta. Ha um sensivel desarranjo no amanho d'esta infeliz creatura, exilada n'um globo onde a *Arte de cosinha* de Domingos Rodrigues tem quatro edições, ao passo que ainda se não exauriu a segunda das poesias de Nicolau Tolentino.

Isto é significativo, e atrozmente veridico!

O poeta devia brotar em alhombras de verdura, espontaneo como as florinhas do monte. A aura da tarde, e o orvalho da manhã deviam filtrar-lhe o ar e o succo da vida, não pelo esophago, nem pela trachea, mas sim pelos espiraculos da inspiração, pelos orificios absorventes da sua folhagem, admitindo que o poeta fosse folhudo como os arbustos das regiões orientaes.

Então, sim.

As almas de eleição andariam sobranceiras a este tremedal em que Lamartine pede uma esmola á França, em que os bons filhos da patria (da patria!... que velhária!) vão, como tu, meu amigo, lavar o pão da vida em torrão estranho, debaixo de outro sol, onde os suores são mais encalmados, e os desfiladeiros para a sepultura mais escorregadios.

Nada de melancolias!

Tornemos ao corpo, ao supplemento funesto do espirito, que tão arriscado trouxeste por cá, e tão milagrosamente salvaste do couce d'estes egoariços que tu arraçoavas todos os dias com a maquia de fava que se lhes entalava nos gorgomilos.

Appareceste a horas. Eras o esperado dos opprimidos quando fizeste estostrar os primeiros estalos do teu látego. Fui eu o primeiro a annunciar a tua

vinda aos pagãos. Disse-lhes em prosa que se convertessem ao senso-commum: préguei-lhes a necessidade de aprenderem a lêr, como estudo preparatorio para entenderem o « Compendio de civilidade » para entenderem o tratado dos deveres sociaes; para entenderem a cartilha do padre Ignacio, onde se acham as bases da jurisprudencia evangelica, onde se falla no fundo da agulha e no camêllo, onde se falla em tudo, menos na estupidez casada com a riqueza, porque o Redemptor do mundo só muito depois deliberou enriquecer o estúpido para lhe provar o nenhum caso que elle fazia das riquezas.

Clamei no deserto.

Fui procurar-te ao fundo da tua gruta, onde te refazias de bravura moral para a tremenda cruzada, e disse-te: « Castiga-os. »

Era bello vêr-te em pé diante de uma sociedade cancerosa até ás medulas, tu, artista, tu, operario, tu, dependente dos caprichos d'um vulgacho insolente, erá bello vêr-te, superior a ti mesmo, empuxado por impulsão estranha, cujo alcance nem tu mesmo antevias, sarjar fundo por estas carnes pôdres, chorriscal-as com o cauterio da mofa, afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada publica!

Foi então que eu receei muito pelo teu corpo.

Olhei em redor de ti, e não vi os marquezes que abroquelavam o Tolentino das sanhas da gentalha; não vi o anteparo real que defendeu Molière das iras dos marquezes; não vi a tua algibeira recheada da munificente esmola do throno, que facultava o escarneo inexoravel de Boileau.

Vi-te sósinho, Novaes, e algum raro amigo de ti, e do teu talento, acoroçoando-te com os gabos da imprensa, furtando-te á meditação do risco em que te punha o estro indomavel, no meio de uma gente que te encarava a mêdo, e te fugia com rancor.

Como foi que a fidalguia d'estes reinos te não contundiou os lombos, com o cabo da enxada, herdada dos avoengos?

Não sei.

E' certo que até á data d'esta o teu corpo passa incolume por entre as feras, como qualquer dos meninos do lago dos leões, e a tua alma multiplica-se em robustez, em coragem, em ardimento, em petulancia contra os filhos mestiços da felicidade e da asneira.

Sinto isto, acabando de examinar as provas do teu segundo volume de versos.

Eis-aqui as minhas impressões como a reminiscencia m'as vai dictando:

O teu primeiro volume era uma galeria de retratos tirados de perfil, e a furto, e de passagem, á maneira que os originaes te acotovellavam nas praças, nos botequins, e nos salões. O debuxo era rapido, como as aguarellas, caprichoso como os contornos de Grandville; mas a caricatura filava o boche expiatorio pelas orelhas, e trazia-o á exposição da hilaridade.

Muitas vezes descuravas a elegancia do metro para não arrebicar de enfeites o que era, de natural, feio e suja nudez. Outras, desgarravas do trilho de teu mestre Tolentino, lamentando que os holocaustos irrisorios d'este tempo não tivessem aquelle porte magestoso que ainda tinham os do seculo do professor de rhetorica.

Tinhas razão, meu poeta.

O teu auditorio era o povo, o povo inculto, o povo que satyrisa com um gesto zombeteiro, e fa-reja os « ridiculos » com aquelle fino olfacto do selvagem só affeito aos aromas naturaes das suas selvas.

Se o povo te não entendesse, se o povo não batesse as palmas, se o povo não soltasse a estralada do riso, como castigarias tu a ralé engravatada? Se andasses com a satyra da forja para a lima, e da lima para a forja, até sahires a lume com as traba-

lhadas trovas d'um engenho retorcido mil vezes, com que gente contarias que gritasse « rabo leva! » aos teus heroes de entrudo?

Quando muito, serias encomiado por meia duzia de litteratos a quem déesses o livro, e esmorecerias de animo e de vontade quando visses o barão cada vez mais parvo, e o teu livro cada vez mais pulverisado no lote do livreiro.

Escreveste como devias, e hoje escreves como deves.

Ensinaste o povo a entender-te a satyra desaccurada da polidez tolentiana; o povo te entenderá agora a satyra mais esmerada, mais tersa, mais estudada, e, deixa-me assim dizer, mais fidalga.

O teu segundo livro é um progresso.

Pegaste dos mesmos sandeus e albardastel-os mais secios. Em vez do cabresto panelleiro, afivelaste-lhes cabeçadas de verniz.

Estão bonitos assim.

O paladar mais pechoso ha de sentir o travo d'este novo fricassé. O esmerilhador de locuções compactas, o amator do epitheto-frizante, o impertinente que desdenha do verso sem philosophia, o mal-affeito, que affere a satyra no contraste de Diniz e Bocage, ha de contentar-se do teu livro.

\*

Vê-se que caldeavas repetidas vezes a idéa, porque o teu defeito, d'antes, era adoptar o primeiro adjectivo que te occurria.

A sciencia do adjectivo é o mais relevante dote do escriptor elegante.

Deixal-a dizer que o mais proprio é o primeiro que lembra. Não é assim. As quintilhas de Tolentino eram martelladas fatigosamente. Repara n'ellas e vêrás o brilho do buril incansavel no epitheto. Achas ás vezes tres idéas n'um verso, em que cîn-cas, para examinar tres imagens.

Recorda isto:

*Alto topéte, prenhe de pulvilhos  
Que descalço gallego deu fiados;  
De quebrados tafues, vadios filhos, etc.  
.....  
Hum quer vér, enfronado em picarias  
Silvada testa no andaluz ginete;  
Outra prova no chão a ponta fria  
Do luzidio, virginal florete.... etc.*

E' sempre assim: um verso para cada exemplo, no primeiro poeta satyrico de Portugal, e estou por um triz a dizer — do mundo!

Queres confrontar-te com o author d'*A Funcção*?

Revê-te nas quintilhas da tua resposta a *Manoel Cóco*. E' aquella a eschola do teu mestre, e a indole genuina d'este portuguezissimo metro: ligeireza,

conceito, e epithetos que lavrem fundo o relevo da coisa adjectivada.

Não sei se lêste, se adivinhaste muito em dous annos. Se meditaste Ferreira, Bernardes, e Camões hauriste d'esses mananciaes o mais selecto, e o menos aproveitado pelos metrificadores modernos. Aposto que tinhas degenerado do teu natural, se andasses enfrornado em francezias de Hugo e de Musset? Desluzia-se-te essa indole toda portugueza e lhana que tão raros resguardam do coito damnado do estrangeirismo. Escrevias lamurias, isso é verdade, d'essas que os Heraclitos denominam a vera poesia; mas, palavra d'honra, eu não te lia, nem te lia ninguem que se ache de sobejo apouquentado com os desgostos proprios.

A poesia das elevações, dos extasis, dos arrobamentos é individual de mais para captar o interesse de muitos. Os poetas abstractos, os psicologicos, os orientalistas são excellentes creaturas, são talvez os que mais convisinham com os espiritos; mas, que queres tu, Novaes? para quatro d'esses poetas não ha quatro interpretes: a gente sobe com elles um bocado, e, á maneira que os sublimes aereonautas se engolpham nas nuvens, vem a gente cahindo como a areia despejada dos saccoes do balão.

Terra-a-terra, é o que se quer agora, em que está provado que a lua, a casta lua, não dá trela a poetas, nem arrisca a sua virgindade a troco de algumas trovas puxadas da alma.

Vivamos cá em baixo como toda a gente, guardadas as devidas distancias. Anda-me por lá com as satyras, assim escriptas, assim amolduradas pelas do grande mestre.

Diz ao seculo XXII o que era esta gente, que eu faço por cá em prosa um arremedo da tua poesia.

Se disserem que havemos de assistir aos funeraes da nossa reputação, deixa fallar os despeitados, e os tólos illuminados.

Antes de assistirmos aos responsorios funebres que nos agouram os praguentos, havemos de enterrar muito lôrpa, se Deus quizer.

Adeus, meu caro Novaes. Diz aos nossos irmãos de além-mar, que tracem o JUIZO CRITICO que vai no frontispicio do livro, e que não acoimem de impertinencia escrever-te em letra redonda o teu

velho amigo

Porto, 10 de Setembro  
de 1858.

*Camillo Castello-Branco.*

# INDICE.

---

	Pag.
Pretensões . . . . .	5
Sonho . . . . .	13
Epigramma . . . . .	14
Boas festas . . . . .	15
Porque será? . . . . .	16
Epigramma . . . . .	25
Nobreza . . . . .	26
Dialogo entre um janota e uma velha baroneza . .	27
Epigramma . . . . .	35
Soneto . . . . .	36
As carapuças . . . . .	37
Satyra . . . . .	40
Necrologio (a uma Camara Municipal que o mereceu)	46
Saudação (a um padre poeta) . . . . .	51
A um cantor . . . . .	55
Morra o progresso! . . . . .	57
No album de uma dama . . . . .	62
Epigramma . . . . .	65
Programma . . . . .	66
Um novo Paturot . . . . .	74

	Pag.
Os Mausoleos. . . . .	80
A Vespa . . . . .	83
Soneto . . . . .	88
Na primeira pagina do album do meu amigo Antonio Martins Leorne. . . . .	89
Epigramma . . . . .	97
Epistola . . . . .	98
Epigramma . . . . .	106
No album de E. A. Nunes Pinto . . . . .	107
No album de Joaquim de Araujo Jusarte . . . . .	111
Epigramma . . . . .	114
Soneto . . . . .	115
Soneto . . . . .	116
Instrucções de um Barão novo, a um criado velho . . . . .	117
O vento leste. . . . .	121
Hontem ! Hoje ! Amanhã ! . . . . .	125
Um progressista e um retrogrado . . . . .	131
Epigramma . . . . .	143
No album de D. Margarida Candida de Araújo Martins . . . . .	144
Soneto . . . . .	146
A um doutor . . . . .	147
Despedida. . . . .	152
Nºum album . . . . .	157
A um Dentista, que percorria as ruas do Porto, a ca- vallo, tirando dentes. . . . .	158
Virou-se o mundo ! . . . . .	163
Nºuma doença . . . . .	167
Epistola . . . . .	173
Nºum album muito pequeno. . . . .	183
Lamentações de um empresario . . . . .	184
A uma velha pretenciosa . . . . .	191
A Foz . . . . .	197
A um novo Poeta . . . . .	202

	Pag.
Desengano. . . . .	203
N'um album . . . . .	210
Proclamação! . . . . .	213
Soneto. . . . .	215
Epistola . . . . .	216
Ao dinheiro . . . . .	224
A Manoel Côco . . . . .	225
Epistola. . . . .	231
Bons dias! . . . . .	237
Conselho . . . . .	242
Epistola . . . . .	243
Conselho . . . . .	253
Necrologio. . . . .	258
O fim do mundo. . . . .	260
Carta . . . . .	266
A um Prégador . . . . .	274
Epitaphio . . . . .	275
Epitaphio . . . . .	276
<hr/>	
Viva o Progresso! . . . . .	277
A F. X. de Novaes . . . . .	282
Carta do Snr. Camillo Castello-Branco. . . . .	291









UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 07476 8006





UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 07476 8006

